



atos

do conselho geral

ano LXXXVI janeiro-março 2005

Nº 388

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 388
ano LXXXVI
janeiro-março
2005

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 Padre Pascual CHÁVEZ VILLANUEVA “CRISTO AMOU A IGREJA E SE ENTREGOU POR ELA” (EF 5,25) Comentário à Estréia 2005	7
------------------------	---	---

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 Orientações para a correta gestão administrativa nas inspetorias	45
--------------------------------	---	----

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam deste número	
-------------------------	--------------------------	--

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	63
	4.2 Crônica dos Conselho geral	70

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 “Quando este (Barnabé) chegou e viu a graça do Senhor, alegrou-se” (At 11,23). Intervenção introdutória do Reitor-Mor no Encontro com os Inspetores da Europa	97
	5.2 “Juntos pelos jovens da Europa”: Como Dom Bosco fez e faria hoje	102
	5.3 Novos bispos salesianos	113
	5.4 Nomeação do Reitor-Mor como membro da Congregação para os Instituto de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica	115
	5.5 Irmãos falecidos (4º elenco de 2004)	116

Tradução: Pe. Fausto Santa Catarina
Pe. José Antenor Velho

EDITORA SALESIANA
Rua Dom Bosco, 441 – Mooca
03105-020 São Paulo-SP
Fone: (11) 3277-3211 – Fax: (11) 3209-4084
vendaslivros@editorasalesiana.com.br
www.editorasalesiana.com.br

1. CARTA DO REITOR-MOR

“CRISTO AMOU A IGREJA E SE ENTREGOU POR ELA” (EF 5,25)

Comentário à Estréia 2005

A motivação – Rejuvenescer a Igreja: dom e tarefa – Um testemunho, um modelo, um ícone – Cristo, luz dos povos, mistério e sacramento de salvação – Igreja, solidária com as alegrias e as esperanças da humanidade – *Solidariedade da Igreja com a família humana universal* – *Os destinatários das palavras do Concílio* – *A serviço do homem* – Para uma imagem jovem da Igreja – *Uma Igreja martirial* – *Uma Igreja litúrgica* – *Uma Igreja evangelizadora* – *Uma Igreja diaconal* – Sentido eclesial em Dom Bosco e na tradição salesiana – Para uma pedagogia do ser Igreja e viver com a Igreja – *Fazer conhecer a Igreja* – *Fazer crescer o sentido de Igreja* – *Fazer experiência de Igreja* – *Fazer encontrar a vocação na Igreja* – A maneira de conclusão: como as cores do arco-íris

Roma, 1º de janeiro de 2005.

Solenidade de Maria SS. Mãe de Deus

Caríssimos irmãos,

saúdo-vos com todo a afeto que Deus Pai espargiu sobre nós, ao nos dar o seu Filho Unigênito nascido de Maria pela força do Espírito.

Faço-o no início do ano de 2005, no qual celebraremos o 40º aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II, que foi um verdadeiro Pentecostes para a Igreja, chamada a renovar-se continuamente, a fim de refletir mais fielmente o rosto do seu Senhor.

Essa a razão que me levou a propor a toda a Família Salesiana como Estréia, isto é, como verdadeiro programa espiritual e pastoral para este ano, o compromisso de **rejuvenescer o rosto da Igreja**. Alguém talvez poderá perguntar de onde provém essa iniciativa, em que coisa se inspira. Pois bem, a minha resposta é dúplice. Por um lado, é porque, percorrendo a Congregação espalhada pelo mundo, dou-me conta da necessidade que há de recuperar onde desapareceu, ou robustecer onde é fraca, a afeição à Igreja, que é a *Mãe da nossa fé*. Por outro lado, a própria Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, ao falar da ação do Espírito santificador na vida da Igreja, afirma que “com a força do evangelho [o Espírito] faz a *Igreja rejuvene-*

nescer, continuamente a renova e conduz à perfeita união com seu esposo” (LG 4).

Tomei também a decisão, de acordo com o Conselho Geral, de apresentar como carta circular para este início de ano o comentário à Estréia, para não multiplicar mensagens e, assim, favorecer a assimilação das que são transmitidas. Se em algumas inspetorias há o risco de indigestão por tantos documentos que se lêem sem deixar espaço a uma verdadeira personalização, outras se encontram com a dificuldade de manter-se atualizadas por causa da dificuldade em traduzir e oferecer às comunidades os documentos que chegam. Por isso, têm dificuldade em receber tantos documentos e muitas vezes ficam, desse modo, atrasadas, o que pode criar uma Congregação de duas ou três velocidades. Existe ainda outro elemento em favor dessa iniciativa, que julgo o mais importante: é a tentativa de oferecer um subsídio formativo anual para toda a Família Salesiana, destinatária da Estréia, que venha reforçar em todos os seus membros o sentido de pertença à família espiritual apostólica de Dom Bosco. Estou certo de que tal decisão será bem compreendida e aceita positivamente por todos vós.

Desta vez não apresento informações sobre as visitas feitas às inspetorias nesses últimos meses, embora valesse a pena fazê-lo, porque ajuda a conhecer melhor a Congregação, a apreciar quantos são e o que fazem os irmãos em contextos tão diversos; a iluminar atitudes, hábitos e comportamentos pessoais ou comunitários que merecem uma reflexão; a encorajar e lançar para a frente todas as inspetorias com a coragem e a criatividade pastoral de Dom Bosco. Vi que, sob esse aspecto, as cartas sobre as regiões estão produzindo o que me propunha: aumentar o conhecimento da Congregação e a co-responsabilidade em sua marcha. É uma forma eficaz de promover a comunhão e a participação.

Entre os eventos de que participei nesse período, o mais importante foi sem dúvida o **Congresso Mundial sobre a Vida Consagrada** que, com o tema “Paixão por Deus, paixão pela Humanidade”, quis enfrentar com sinceridade e humildade a situação presente de um projeto de vida que, desde o Concílio Vaticano II, se encontra em processo de renovação e, aos poucos, começa a evidenciar as feições do seu novo rosto. O Congresso procurou abrir-se à novidade do Espírito, que

continua a suscitar sementes de frescor com formas de vida que se tornam mais significativas, legíveis e eficazes com vista à evangelização da cultura. As conclusões a que se chegou, ainda que iluminadoras e programáticas, fazem apelo à vontade de conversão de todos e cada um dos religiosos, a fim de evidenciar o *valor absoluto de Deus* na nossa vida, que se manifesta numa intensa vida de diálogo com Deus, no qual se nutre a *vontade de fraternidade* e a *paixão pela salvação* dos homens. Espero que todos tenham tido a possibilidade e o interesse de acompanhar o evento através da página web “Vidimus Dominum”, que prestou um serviço estupendo aos religiosos de todo o mundo. Espero ainda poder partilhar convosco as reflexões provocadas em mim por esse Congresso e sua incidência na vida e na missão salesiana.

Um primeiro momento de socialização do Congresso tivemos-lo na boa-noite que dei à comunidade da Casa Geral e na Visitadoria UPS, e no **Encontro com os Inspectores da Europa**, reunidos de 1º a 5 de dezembro no Salesianum, para refletir sobre a presença salesiana no continente europeu, que está vivendo um processo assaz acelerado de profundas transformações, que oferecem possibilidades novas à vida e à missão salesiana e, ao mesmo tempo, a desafiam obrigando-nos a fazer escolhas, a modificar as estruturas, a fim de responder com maior significatividade e eficácia às necessidades dos jovens. Convido-vos a ler, nos documentos apresentados na seção 5 destes Atos, os textos das intervenções feitas por mim no início e no encerramento do Encontro, nos quais podeis encontrar expressos seja os objetivos que nos eram propostos, seja a síntese das mais importantes conclusões que surgiram. No domingo, 5 de dezembro, ao termo do Encontro, tivemos o presente e alegria de poder apresentar uma saudação pessoal ao Santo Padre João Paulo II na sua casa.

Não me alongo sobre o tema. Prefiro deixar imediatamente a palavra ao comentário de Estréia, com votos de um bom ano. Maria nos tome pela mão e nos guie ao longo de 2005. Em sua escola aprenderemos a amar a Igreja como Cristo a amou e deu a si mesmo por ela.

A MOTIVAÇÃO

Houve um homem mandado por Deus, cujo nome era Ângelo, ou melhor, cujo nome era João. Sim, João XXIII, o papa bom que, impellido

pelo Espírito, um dia se levantou e quis uma nova primavera para a Igreja. Com um gesto inesperado, não só lhe abriu as janelas, mas escancarou-lhe as portas, para que nela entrasse o Espírito. O Concílio Vaticano II, por ele convocado, foi como um ciclone que penetrou improvisamente num ambiente fechado e bloqueado, um “*vento forte*” (At 2,2), como no dia de Pentecostes no Cenáculo.

Por ocasião do 40º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, à luz da *Lumen Gentium* e da *Gaudium et Spes*, que nos fizeram ver a Igreja como Mistério, Povo de Deus, Corpo de Cristo, Mãe dos que crêem, Serva do mundo, como Família Salesiana estamos conscientes de que “é missão da Igreja refletir a luz de Cristo em cada época da história e fazer resplandecer o rosto de Cristo diante das gerações do novo milênio” (NMI 16). Por isso, revivendo o espírito daquele acontecimento extraordinário, comprometemo-nos a:

“Rejuvenescer o rosto da Igreja, que é a Mãe da nossa fé”.

REJUVENESCER A IGREJA: DOM E TAREFA

Não podíamos esquecer, agradecidos, o aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II, que foi um grande acontecimento do Espírito, um verdadeiro Pentecostes para a Igreja universal. Já o padre Egídio Viganò, meu predecessor, havia lembrado que ele seria nossa carta de navegação para o terceiro milênio. Hoje é tarefa nossa assumir e fazer frutificar o dinamismo vindo do Concílio, uma autêntica rajada de água fresca que encheu de Espírito Santo os pulmões da Igreja, em cuja contínua renovação nos comprometemos em colaborar. As Constituições conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, enriquecidas pela recente reflexão da *Novo Millennio Ineunte*, serão o nosso ponto de referência.

Diversamente do que aconteceu com a estréia anterior, este ano ela não será acompanhada de uma *proposta pastoral*. Dizia, então, que a proposta nos haveria de acompanhar por alguns anos. Não era, de fato, realista pensar em concretizar em breve tempo os compromissos que nela se expunham. Por isso, ela continua a ser, também este ano, o horizonte e o ponto de referência das iniciativas pastorais a serem realizadas nos diversos lugares onde a Congregação e a Família

Salesiana prestam seu serviço à Igreja e aos jovens. Isso vale ainda mais para o compromisso relativo à santidade juvenil, que encontra na proposta pastoral o seu centro e na estréia atual um grande estímulo.

Rejuvenescer a Igreja é um dom sublime e um compromisso exigente. Mas que significa rejuvenescer? Começo pela consideração negativa do que não significa. Não se trata de fazer uma operação de *lifting* ou questão de cosméticos: isso se adaptaria bem à atual cultura consumista do efêmero e da imagem, não, porém, à força renovadora do Espírito. Também não se limita a fazer algumas mudanças exteriores de conveniência ou alguns retoques superficiais de adaptação, necessários para fazer a Igreja parecer atualizada ante as modas dos tempos e semelhante às demais instituições sociais. Para torná-la bela e atraente, é mister empenhar-se em enxertar nela energias novas, justamente como faz o Espírito Santo. É preciso fazer o que faz o Senhor Jesus: amar a Igreja e consumir-se por ela.

O tema da estréia deste ano encontra sua melhor exegese na afirmação da Carta aos Efésios, que diz: “*Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, (...) a fim de apresentá-la toda bela, sem mancha nem ruga ou qualquer reparo, mas santa e sem defeito*” (Ef 5,25.27). Esse texto é bonito, envolvente e propositivo; um texto para estudar, contemplar e viver intensamente. O sentido fundamental é evidente: Cristo ama, purifica, santifica, nutre a Igreja. Seu amor é de benevolência, não de complacência. A Igreja da qual se fala não é uma realidade ideal e abstrata, mas a Igreja histórica e concreta. Cristo a transforma para torná-la bela, esplendorosa, verdadeira, santa. Ele se consome por ela, toma a iniciativa, não se poupa, a fim de tirar dela qualquer mancha ou ruga.

Essa é a nossa missão: amar a Igreja até nos darmos a nós mesmos por ela, tal como Cristo a amou. A beleza do rosto da Igreja deve refletir a beleza do seu Senhor, o Cristo Crucificado e Ressuscitado. É a beleza do amor, que na paixão nos revela o Senhor Jesus, “o mais belo entre os filhos do homem” (Sl 45,3), “desprezado e rejeitado pelos homens, homem das dores” (Is 53,5c). É a beleza do amor, que na ressurreição é capaz de fazer rolar a pedra que fecha a tumba e sentar sobre ela, com as faixas de linho que envolviam o crucificado no chão e o

sudário dobrado num lugar à parte, inaugurando assim a nova criação (Mc 16,2; Jo 20,6-7). Essa é a beleza que salvará o mundo e que nós somos chamados a fazer resplandecer na Igreja. Não é vaidade. É a beleza do amor.

Nosso compromisso é também fazer com que a Igreja se assemelhe cada vez mais à “*nova Jerusalém*” (cf. Ap 21,10-23), que desce do céu, adorna-a como esposa para o seu esposo. Fazer com que ela seja uma comunidade renovada pelo sopro do Espírito, que a anima e faz novas todas as coisas. Uma comunidade enriquecida por muitos carismas e ministérios, que a mantêm viva e dinâmica. Uma comunidade aberta e acolhedora, sobretudo em relação aos pobres, aos quais é enviada e entre os quais se torna crível e luminosa; uma comunidade que vive a paixão pela vida, a liberdade, a justiça, a paz e a solidariedade, valores aos quais a humanidade é hoje particularmente sensível; uma comunidade que é fermento de esperança para uma sociedade digna do homem e para uma cultura rica de referências éticas e espirituais. Fazer com que ela se torne sempre mais uma Igreja jovem, na qual os jovens se encontram em casa, como em família.

A nova Jerusalém “é uma imagem que fala de uma realidade escatológica, isto é, que atinge as coisas últimas, que vão além daquilo que o homem pode realizar com as próprias forças”:

Essa Jerusalém celeste é um dom de Deus reservado para o fim dos tempos. Mas não é uma utopia. É uma realidade que pode começar a estar presente desde agora. (...) Em todo lugar no qual se procure dizer palavras e fazer gestos de paz e de reconciliação, mesmo provisórios, e em toda forma de convivência humana que corresponda aos valores presentes no Evangelho há uma novidade, desde hoje, que dá razões de esperança.¹

Rejuvenescer a Igreja quer dizer fazê-la voltar às suas origens e à sua juventude. Como as Igrejas dos Atos dos Apóstolos, das Cartas

¹ C. M. MARTINI, “Por que a Bíblia é o livro do futuro da Europa?”, Cesario Boscone, 9 de maio de 2004.

de Paulo e do Apocalipse, ela vive da força da Páscoa e do poder de Pentecostes, realiza a verdade de Cristo e a liberdade do Espírito, lembra-se “do amor de antes”. Uma Igreja que volta às suas raízes apostólicas é corajosa na *martyria*, isto é, no testemunho do Senhor Jesus e do seu Evangelho, chegando até à entrega da vida. É caracterizada pela *euangelia*, ou seja, pela comunicação do Evangelho a todos. Ela existe para evangelizar, como explicitamente afirma a *Evangelii Nuntiandi*, o documento mais importante sobre a evangelização, que Paulo VI promulgou dez anos após o término do Concílio. É convocada pela *leiturgia*, pois a salvação não é uma conquista para executar, mas uma realidade para celebrar com reconhecimento e tornar presente e eficaz em todo tempo e em todo lugar. Está empenhada na *diakonia*, a qual a *Gaudium et Spes* tratou de maneira clara: a Igreja não é senhora, mas serva do mundo.

Rejuvenescer a Igreja é fazê-la tornar-se casa para os jovens. A Igreja será jovem se nela estiverem os jovens, sobretudo agora quando cresce a desafeição, pelo menos em algumas partes do mundo, justamente pelo rosto visível da Igreja. Por conseguinte é preciso individuar um caminho mistagógico e pedagógico para levar os jovens à Igreja e fazê-los tornar-se Igreja. Nesse ponto retorna ainda uma vez iluminante o ícone dos discípulos de Emaús, que nos ajuda a entender a Igreja como mãe e mestra, que se faz companheira de estrada de todos os homens e mulheres que procuram o sentido da vida, abre-os à revelação de Deus na Escritura, ilumina-lhes a mente e aquece-lhes o coração, e oferece a comunhão do Corpo de Cristo, fazendo com que se tornem comunidade. Trata-se de fazer da Igreja a casa de quantos crêem em Cristo ressuscitado e querem testemunhar a fé nele. A estréia é, pois, um convite a tornar à Igreja jovem e a fazer que os jovens sejam igreja.

João Paulo II, em sua mensagem para o V Dia Mundial da Juventude de 1990, entre outras coisas escrevia aos jovens de todo o mundo:

Tomai vosso lugar na Igreja, que não é somente o de destinatários de cuidado pastoral, mas, sobretudo, de protagonistas ativos da sua missão. A Igreja é vossa, antes, vós mesmos sois a Igreja.

É um convite para os jovens de qualquer latitude e qualquer tempo.

UM TESTEMUNHO, UM MODELO, UM ÍCONE

Procurando compreender o que a estréia quer dizer, vou apresentar-vos um testemunho, um modelo e um ícone.

Em primeiro lugar, apresento-vos um **testemunho** que permaneceu vivo em minha mente e em meu coração. Muito me impressionou o testemunho do *padre Vecchi* durante a doença, não tanto por se tratar do reitor-mor, mas principalmente por ser sinal da identificação de um homem com a vontade de Deus, no momento em que esta talvez menos coincidia com a sua. Quando a cruz se apresentou a ele de maneira improvisa, sem agenda nem calendário, ele acolheu a enfermidade como aquilo que merecia o seu amor. O seu testemunho expressava a atitude de um verdadeiro crente, de alguém que muitas vezes tinha consolado a outros provados pelo

sofrimento e que, chegado o momento de comprovar a própria fé, soube ser um verdadeiro filho de Abraão, o pai dos crentes.

Após a cirurgia, o padre Vecchi tinha alimentado a esperança de uma total recuperação, amparado pela oração de toda a Família Salesiana, que o confiara à intercessão do seu tio, o Beato Artêmides Zatti. Como bom homem de governo, tinha muitos planos na mente, mas teve de aprender o significado da palavra de Jesus a Pedro: “Quando fores velho estenderás as mãos, e um outro te porá o cinto e te levará para onde não queres” (Jo 21,18b). Assim acolheu a doença, como uma nova anunciação de Deus, e esta o encontrou pronto: com a evolução do tumor, ele percebia que o Senhor o estava preparando para o encontro definitivo.

Enquanto nos encontrávamos juntos, durante os exercícios espirituais, ele pediu para celebrar o sacramento da Unção dos Enfermos, precedido de uma confissão com o padre Brocardo. Nessa ocasião fez a sua profissão de fé diante do Conselho Geral, ao diretor da Casa Geral e a outros poucos irmãos:

Dou graças a Deus que me deu na Igreja uma mãe. Ela me fez nascer como filho de Deus. Ela me ajudou a crescer e amadurecer mediante a Palavra e os sacramentos. Ela me fez descobrir a minha vocação, a minha missão na Igreja e na sociedade. Ela me acompanha neste momento da minha vida. Ela me espera como verdadeira mãe no céu.

Depois acrescentou: “Agora confio a vós a Congregação. Tomai-a nas mãos e levai-a adiante”.

É o testemunho de um crente, que experimentou a Igreja como Mãe, soube dar prova da fé e, chegado ao momento de entregar-se a Deus, disse, como Paulo, “Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida... nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus” (Rm 8,38-39).

Proponho-vos agora um **modelo**. Neste verão estive em Annecy, cidade para nós rica de significado, porque nos fala de *São Francisco de Sales*, o modelo no qual Dom Bosco hauriu alguns traços espirituais e pastorais. Dele lembramos o amor à Igreja, que o tornou prudente e determinado com os calvinistas, que não o deixaram sequer tomar posse da sua sede episcopal; o zelo do bom pastor, que oferece aos seus fiéis repouso nos campos do Evangelho e procura as ovelhas perdidas; a destacada bondade, que assumiu como método pastoral e pela qual se tornou conhecido de todos, até dos seus adversários; o humanismo otimista, que o convencia da bondade da criação e das energias de bem de cada pessoa, embora consciente das feridas do pecado; a convicção de que a santidade está ao alcance de todos e deve ser vivida segundo a própria vocação.

Estudando São Francisco de Sales, descobrimos seu sentido de Igreja, que brota do seu ministério pastoral e da sua espiritualidade. Ele é para nós um exemplo que devemos imitar no ser Igreja e no construir a Igreja: decidido nas suas opções e ao mesmo tempo magnânimo no seu estilo. Ele é o santo patrono que Dom Bosco nos quis dar como intercessor e modelo em que nos devemos inspirar. Por isso, nos vários lugares visitados rezei intensamente, pedindo-lhe a graça de alcançarmos o seu mesmo amor pela Igreja e sua capacidade de vencer os seus inimigos com a fé e com a bondade.

Ofereço-vos, por fim, um **ícone**. Trata-se da capela *Redemptoris Mater*, a obra-prima que se encontra no Palácio Apostólico em Roma e que é a homenagem feita pelos cardeais a João Paulo II, por ocasião do jubileu do nascimento de Jesus de Nazaré, Salvador do mundo. Ela de maneira eloqüente nos apresenta a Igreja como Mãe no estilo da arte bizantina, transbordante de cores, de luz e de movimento. Quanto gostaria

que todos tivessem a oportunidade de visitar e admirar essa belíssima representação iconográfica da Igreja Mãe.

Tudo nela se torna dinamismo e esplendor. O cosmo é rico de sentido e de vida, graças à realização do plano salvífico de Deus, da criação do mundo até à sua consumação, quando todos seremos tudo em Cristo. Nela nos vem apresentada a história da salvação, assim como é narrada pelo cântico da Carta aos Efésios (1,3-13). A originalidade dessa capela está no fato de ela ter sido concebida como um ícone, que nos fala do plano de salvação de Deus e da sua realização na Igreja como seu sacramento. Maria, Mãe do Redentor, é nossa Mãe desde o início do mundo em Eva, ao pé da cruz, no nascimento da Igreja no Cenáculo, até ao fim do mundo como mulher gloriosa. Ela é ícone da Igreja nossa Mãe.

IGREJA, LUZ DOS POVOS, MISTÉRIO E SACRAMENTO DE SALVAÇÃO

A Igreja é chamada a refletir o esplendor de Cristo, que é a “luz dos povos”, para iluminar a humanidade, por um lado ofuscada pelo brilho das próprias conquistas científicas e tecnológicas, a ponto de pensar que pode e deve prescindir de Deus, e por outro envolvida nas trevas da pobreza, dos conflitos sociais, interétnicos, do relativismo e da confusão moral. A Igreja deve desempenhar hoje um papel imprescindível, ainda que em condições que sofreram mudanças. Ela não se encontra mais, como alguns ainda pretendem, naquela fase da história em que a ciência e a consciência humana não eram capazes de responder a muitas questões e, assim, a Igreja devia cumprir uma missão de suplência. Ela tem a missão de iluminar a humanidade com o Evangelho.

As primeiras palavras da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* são significativas e exprimem o seu papel hoje:

Sendo Cristo a Luz dos Povos, este Sacrossanto Sínodo, congregado no Espírito Santo, deseja ardentemente anunciar o Evangelho a toda a criatura e iluminar todos os homens com a claridade de Cristo que resplandece na face da Igreja.

O papa João XXIII tinha falado da Igreja como “luz dos povos”. Utilizando essa expressão, o Concílio aplica-a a Cristo, que é “a luz dos

povos” que resplandece no rosto da Igreja. Assim ele retoma as palavras do oráculo de Simeão, atribuídas ao Salvador (Lc 2,32).²

Segundo a doutrina conciliar, a origem da Igreja precede a história, pois ela existe já no plano primordial do Pai, que a quis como *sacramento de salvação*. O Filho, que vive desde sempre junto de Deus, mediante a encarnação se inseriu na história. Assim Ele dá também início à Igreja no tempo. Todavia, é retornando à eternidade que Ele se torna o princípio de vida e de desenvolvimento da Igreja. A ressurreição lhe permite, com efeito, efundir o Espírito Santo, que é a alma dela.³ A Igreja vem, pois, da Trindade: *Ecclesia de Trinitate*.

A estrutura da Igreja se apóia sobre dois fundamentos igualmente essenciais: Cristo e o Espírito Santo. Cristo é sua origem, fim e limite; o Espírito é a luz que faz resplandecer Cristo aos seus olhos e a força que por seu intermédio a conduz ao Pai. Sem Cristo, a Igreja não *seria* o que é; sem o Espírito não *saberia* o que é.⁴

Cristo é o fundamento da Igreja. O Espírito é memória de Cristo e consciência da Igreja. O Espírito desempenha uma tríplice função eclesial: Ele é o *consolador* durante o tempo da ausência física de Jesus, alimentando a espera da Igreja que como esposa aguarda a volta do seu esposo; Ele é o *advogado* na nossa luta contra o pecado pessoal e social; Ele é o *mestre* que nos lembra as palavras de Cristo e nos revela a sua pessoa.

A vitalidade da Igreja é proporcional à fidelidade com que ela escuta e segue a voz do Espírito. Habitando nela, o Espírito a conduz incessantemente a Cristo, para que, encontrando-se a si mesmo nele, se renove mediante a contemplação amorosa da sua pessoa, a meditação atenta das suas palavras, a atuação corajosa da sua mensagem. O Espírito continua a plasmar a Igreja, conformando-a a Cristo. E a Igreja se realiza tomando consciência de estar fundada em Cristo.

² Cf. J. GALOT, “Il Cristo Rivelatore, fondatore della Chiesa e principio di vita”. In: R. LATOURELLE (org.), *Vaticano II: bilancio e prospettive, venticinque anni dopo – 1962-1987*. Cittadella, Assis, 1987, p. 343-360.

³ Idem, p. 347.

⁴ O. GONZALEZ, “La nuova coscienza della Chiesa”. In: G. BARAUNA (org.), *La Chiesa del Vaticano II*. Vallecchi, Florença, 1968, p. 238-239.

A primeira característica da consciência da Igreja é, por isso, a de ser *mistério*, enquanto tem o próprio Deus como conteúdo constitutivo e órgão vivificante. Ao longo dos séculos, a Igreja tentará imergir cada vez mais profundamente nessa sua realidade constitutiva, sabendo que não a pode esgotar, ainda que se sinta sempre mais atraída a ela.⁵

Disso tinha consciência Paulo VI na inauguração da segunda sessão conciliar:

De onde parte o nosso caminho, que estrada pretende percorrer, que meta deseja atingir o nosso itinerário? Essas três perguntas têm uma só resposta, que aqui nesta mesma hora devemos a nós mesmos proclamar e ao mundo anunciar. Cristo! Cristo nosso princípio, Cristo nosso caminho e nosso guia, Cristo nossa esperança e nosso fim. (...) Mistério é a Igreja, isto é, realidade embebida de presença divina e por isso sempre capaz de novas e mais profundas explorações. (...) E a consciência da Igreja que se esclarece na adesão fidelíssima às palavras e ao pensamento de Cristo, na lembrança reverente do ensino autorizado da tradição eclesial e na docilidade à iluminação interior do Espírito Santo.⁶

A Igreja não se põe a contemplar a si mesma; refere-se sempre a Cristo, de quem lhe advém a vida e de quem sabe que deve ser espelho vivo, e ao Espírito, que lhe dá esse conhecimento e a conduz por meio de Cristo ao Pai. A sua contemplação é um consciente “ato de agradecimento”, é Eucaristia, àquele que vive nela à espera de uma aceitação e de uma resposta vital.⁷ É quanto escreve o autor da Carta aos Hebreus para encorajar a comunidade de crentes, assustados diante das dificuldades e tentados à rendição, convidando-a a fixar “bem a mente em

⁵ Idem, p. 240.

⁶ PAULO VI, “Discurso de abertura do segundo período do Concílio, 29 de setembro de 1963”. In *Enchiridion Vaticanum I*, EDB, Bolonha, 1993, n. 143-145.150.153.

⁷ Cf. O. GONZALEZ, “La nuova coscienza della Chiesa”, p. 241.

Jesus, o apóstolo e um sacerdote da fé que professamos” (Hb 3,1), e a “manter os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição” (Hb 12,2a).

Afirmava-o o próprio cardeal João Batista Montini, quando era arcebispo de Milão:

A Igreja não existe para ser belíssima e olhar-se no espelho, dizendo: como sou bonita, eu, esposa do Senhor. A Igreja existe *propter nos et propter nostram salutem*. (...) Por isso, procurará atualizar-se, despojando-se, se for preciso, de algum velho manto real que lhe ficou sobre as costas, para revestir-se de formas mais simples exigidas pelo gosto moderno.⁸

De aí deriva a tarefa que a Igreja tem em cada época de precisar a consciência que ela tem de si mesma, a fim de descobrir os aspectos que devem ser reformados para a salvação de todos.

Quando no Credo dizemos “Creio na Igreja”, não queremos dizer que temos confiança na realidade humana da Igreja, que como tal é limitada e imperfeita, mas que cremos que Deus se revela nessa realidade humana, que é santificada pelo Espírito e constituída por ele “Corpo de Cristo” e instrumento de salvação. Crer na Igreja é, pois, descobrir o seu verdadeiro mistério, é crer em Deus que nos revela o que a Igreja é, significa acolhê-la como espaço de salvação e amá-la como tal.⁹

IGREJA, SOLIDÁRIA COM AS ALEGRIAS E AS ESPERANÇAS DA HUMANIDADE

A Igreja vive o seu mistério em todas as épocas históricas e se esforça por dar uma resposta aos imperativos do momento, à luz do passado e com o olhar voltado para o futuro. Ela sabe que está a serviço do mundo, porque nasceu de Cristo, “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate por muitos” (Mc 10,45).

⁸ G. B. MONTINI, “Discorsi e scritti milanesi”, vol. III: 1954-1963. Aos cuidados de G. E. MANZONI, Instituto Paulo VI, Brescia, 1997, p. 930.

⁹ Cf. “Seguir a Jesucristo en esta Iglesia”. Carta pastoral dos bispos de Pamplona e Tudela, Bilbao, San Sebastián e Vitoria. Quaresma-Páscoa da Ressurreição, 1989, p. 113-16.

O papa Pio XI dizia: “Não é o mundo para a Igreja, mas a Igreja para o mundo”. A Igreja, com efeito, deve referir-se ao Senhor que a chama, ao mundo ao qual é enviada, ao Reino que promove no coração do mundo.

É interessante ressaltar alguns fatores externos e internos, que contribuíram para determinar a eclesiologia do Vaticano II. Parece-me que eles estão bem resumidos nesta reflexão teológica:

Nos últimos vinte e cinco anos verificaram-se, na sociedade e nas Igrejas do Ocidente cristão, transformações tais que constituem problemas muito sérios para a cristandade ocidental na difusão da mensagem cristã. A expansão econômica e científica seguiu um ritmo vertiginoso. O modelo clássico de sociedade entrou em crise. Com a rebelião do Terceiro Mundo contra toda forma de neocolonialismo, foi posta em discussão a superioridade do Ocidente. Na emancipação da mulher, na grande difusão de um novo modelo de cultura entre os jovens e nos enormes problemas de ordem interna são mais do que nunca vivas as tendências para uma participação maior de todos os membros nos dois momentos em que são elaboradas e tomadas as decisões e para um diálogo real com as outras Igrejas e religiões. O compromisso da Igreja em favor do homem obriga-a a defender-lhe os direitos onde quer que sejam violados. No continente sul-americano, o episcopado, os teólogos e os homens de Igreja fizeram a opção preferencial pelos “pobres”, entendidos num sentido mais amplo que a só pobreza econômica. Os “pobres” começam nestes últimos anos a participar realmente na vida política e eclesial dos países latino-americanos. De objeto de evangelização transformaram-se em evangelizadores.¹⁰

Certamente, a situação política, social, econômica, cultural e mesmo religiosa mudou ainda mais nestes últimos quinze anos, isto é, desde

¹⁰ A. ANTON, “L’eclesiologia postconciliare: speranze, risultati, prospettive”. In: R. LATOURELLE (org.), *Vaticano II: bilancio e prospettive venticinque anni dopo – 1962-1987*. Cittadella, Assis, 1987.

quando em 1989 caiu o muro de Berlim, terminou a guerra fria, surgiu uma nova hegemonia e se impôs a economia neo-liberal. A situação tomou depois um outro rosto a partir de 11 de setembro de 2001, quando o terrorismo de matriz islâmica fez o seu ingresso no palco internacional de forma dramática; isso levou alguns a falar de “encontro de civilizações”, mas ninguém se atreve no momento a dizer como evoluirá o atual conflito. Todavia, continua a ser válida a aproximação da Igreja à realidade da humanidade, considerada como horizonte e como interlocutor da sua ação; mais ainda é válida a perspectiva, inaugurada pela Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, de falar da fé não em abstrato, mas a partir da vida humana e dos acontecimentos históricos.

Há duas novas atitudes da Igreja de hoje, apresentadas pela *Gaudium et Spes*, que evidenciam a sua consciência de não ser mais senhora, mas serva do mundo: a atitude de diálogo e a mensagem de otimismo.

A *atitude de diálogo* nasce do reconhecimento da união fundamental entre a ordem da criação e a da redenção. A Igreja reconhece plenamente a dignidade da natureza humana e os direitos do homem, defende os valores autenticamente humanos e coopera com todos os homens e mulheres de boa vontade na construção de um mundo mais humano. Com essa atitude de diálogo, a Igreja participa na busca comum de soluções para os graves problemas que hoje angustiam a humanidade. Nessa colaboração, a Igreja não se propõe como objetivo *sacralizar* nem muito menos *eclesializar* a sociedade civil, pois reconhece a autonomia que, por vontade do Criador, possui a realidade temporal. Com sua ação, a Igreja traz o dom inestimável da luz do Evangelho, com o qual é capaz de pronunciar palavras de valor eterno, onde a sabedoria humana termina.

Hoje a Igreja sabe que o diálogo lhe é absolutamente necessário, como expressão do seu mistério de comunhão e unidade na diversidade, como sinal legível do seu empenho de criar sinergia com as outras religiões, com as outras Igrejas cristãs, com todos os homens e mulheres de boa vontade, para colaborar na construção da “civilização da justiça, da paz e do amor”.

Isso comporta a tarefa de repensar o conteúdo e o estilo do serviço pastoral. Seu conteúdo é anunciar Jesus Cristo, ser sinal da nova huma-

nidade, colaborar na transformação social com todos os operadores do bem, denunciar quanto atenta contra a dignidade da pessoa humana. Seu estilo é o do respeito à diversidade sem pretensão de querer impor nada a ninguém, do diálogo aberto e honesto com todos, da vontade de serviço sem ceder a compromissos.

A *mensagem de otimismo*, por sua vez, parece encarnar o Evangelho, assim como se acha magnificamente sintetizada por João: “Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Amar o mundo. Amar a humanidade. Essa é, com efeito, a mensagem de otimismo que a *Gaudium et Spes* difundiu na Igreja pós-conciliar e à qual não permaneceu indiferente a eclesiologia pós-conciliar. A Igreja optou pela solidariedade total com a humanidade e com as suas conquistas, oferecendo o sentido último que estas têm no plano divino do Criador.

A difusão dessa mensagem constituiu o compromisso principal da Igreja pós-conciliar em nível universal e sobretudo em nível das Igrejas do Terceiro Mundo. De tal compromisso participaram concordemente pastores, teólogos e simples fiéis. As tensões existentes nunca colocaram em discussão essa colaboração fundamental; pelo contrário, foram fonte de novas energias.

Fruto desses processos de diálogo e otimismo é o despertar de uma nova consciência eclesial, nas grandes massas dos cristãos, que agora se sentem participantes e, por alguns aspectos, protagonistas da vida eclesial em suas comunidades. Além disso, o cristão começa a aprender a fazer-se homem com os homens, sem por isso renunciar à sua vocação divina. Isso lhe impõe harmonizar o compromisso terreno com o seu destino ultraterreno. A sua fé cristã o leva a pôr-se a serviço dos homens e a descobrir no mais deserdado um irmão que deve ser ajudado a livrar-se de toda opressão e a viver como filho de Deus.¹¹

Hoje mostra-se ainda mais belo e entusiasmante o Proêmio da *Gaudium et Spes*, porque conserva todo o seu frescor e força propositiva. Não resisto, por isso, à tentação de transcrevê-lo, também

¹¹ Cf. A. ANTON, “L’eclesiologia postconciliare: speranze, risultati, prospettive”, p. 386ss.

porque as novas gerações talvez não o conhecem e estão menos familiarizadas com ele. Não vos escondo a alegria e o entusiasmo por essa visão da Igreja, que desejo partilhar com todos os membros da Família Salesiana, e assim seja comunicada aos jovens, para que a amem e se entreguem por ela.

Solidariedade da Igreja com toda a família humana universal

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história.¹²

Os destinatários das palavras do Concílio

Por esse motivo, após investigar de modo mais profundo o mistério da Igreja, o Concílio Vaticano II não hesita em dirigir a palavra não somente aos filhos da Igreja e aos que invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens. Deseja expor a todos como concebe a presença e a atividade da Igreja no mundo de hoje.

O mundo portanto que tem diante dos olhos é o dos homens, e toda a família humana com a totalidade das coisas entre as quais vive. Este mundo, teatro da história do gênero humano e marcada por sua atividade: derrotas e vitórias; esse mundo criado e conservado pelo amor do Criador, segundo a fé dos cristãos; esse mundo na verdade foi reduzido à servidão do pecado, mas o Cristo

¹² *Gaudium et Spes*, n. 1.

crucificado e ressuscitado quebrou o poder do Maligno e o libertou, para se transformar de acordo com o plano de Deus e chegar à consumação.¹³

A serviço do homem

Em nossos dias, arrebatado pela admiração das próprias descobertas e do próprio poder, o gênero humano freqüentemente debate os problemas angustiantes sobre a evolução moderna do mundo, sobre o lugar e função do homem no universo inteiro, sobre o sentido de seu esforço individual e coletivo e, em conclusão, sobre o fim último das coisas e do homem. Por isso o Concílio, testemunhando e expondo a fé de todo o povo de Deus congregado por Cristo, não pode demonstrar com maior eloqüência sua solidariedade, respeito e amor para com toda a família humana, à qual esse povo pertence, senão estabelecendo com ela um diálogo sobre aqueles vários problemas, iluminando-os à luz tirada do Evangelho e fornecendo ao gênero humano os recursos de salvação que a própria Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe de seu Fundador. É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada. É, portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade, que será o eixo de toda nossa explanação.

Por isso, proclamando a vocação altíssima do homem e afirmando existir nele uma semente divina, o Sacrossanto Concílio oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o estabelecimento de uma fraternidade universal que corresponda a essa vocação. Nenhuma ambição terrestre move a Igreja. Com efeito, guiada pelo Espírito Santo ela pretende somente uma coisa: continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido.¹⁴

¹³ *Gaudium et Spes*, n. 2.

¹⁴ *Gaudium et Spes*, n. 3.

Eis, meus caros, por que é tão preciosa a presença da Igreja no mundo. É luz que ajuda a encontrar o plano de Deus sobre a humanidade e guia a inteligência para soluções plenamente humanas. É fermento que colabora para a transformação profunda da humanidade, enxertando nela energias de bem. É força solidária na tarefa de edificação da sociedade atual. Se é verdade que a Igreja tem necessidade da humanidade, da qual faz parte e da qual partilha alegrias e esperanças, angústias e sofrimentos, é igualmente certo que a humanidade tem necessidade da Igreja, chamada a ser nela “sal da terra”, “luz do mundo”, “cidade sobre o monte”.

A Igreja existe para ser sinal do Reino de Deus. Para tornar visível e crível tal sinal, a Igreja deve renovar-se e converter-se, rejuvenescer e purificar-se. Para isso, ela deve aprofundar suas opções fundamentais: a paixão para com Deus, que a liberte de qualquer conformação ao mundo nos seus critérios, valores, atitudes, comportamentos; a fraternidade e comunhão eclesial, de modo que ela possa tornar-se ponto de referência para o mundo e ser atraente e convincente; o impulso missionário, que a ajude a vencer o medo ou timidez dos discípulos reunidos de portas fechadas no Cenáculo, e a leve a anunciar o Evangelho a todos; o empenho de servir, desenvolvendo simpatia e solidariedade para com todos; a opção pelos pobres, que são sua marca de identidade, qualidade, fecundidade.

PARA UMA IMAGEM JOVEM DA IGREJA

Especialmente nos *Atos dos Apóstolos*, que nos apresentam a origem da Igreja, podemos haurir inspiração, vontade e dinamismo, para nos empenharmos na tarefa inderrogável de rejuvenescer a Igreja. Como dizia no início desta reflexão, nos Atos estão presentes os traços específicos e constantes de uma Igreja que quer manter-se fiel ao seu Senhor e ser fecunda em relação ao mundo.

Uma Igreja martirial

A Igreja manifesta, antes de mais, uma natureza “martirial”, isto é, sabe dar a razão de sua fé, porque é chamada a ser testemunha do Senhor Crucificado e Ressuscitado. Por isso, muitas vezes a Igreja é

uma realidade *contracultural*, no sentido de ser portadora de um Evangelho que não se destina à mentalidade do mundo. Nesse seu caráter paradoxal, que se mostra muito claro no sermão da montanha do Evangelho de Mateus e no discurso da planície do Evangelho de Lucas, reside justamente a sua força profética e a sua significatividade.

Decerto, a coragem de se opor à mentalidade comum, de denunciar modos de agir consolidados mas nem por isso menos injustos, implica a solidão, a rejeição, em certos casos a perseguição e até a morte, como de fato experimentam tantos irmãos e irmãs em diversas partes do mundo. Estando pelo que diz Jesus no sermão da montanha, particularmente nas bem-aventuranças, poder-se-ia dizer que quando os crentes não são de alguma maneira perseguidos, desprezados, marginalizados, devem examinar-se se não falharam em sua missão profética. Quem é cúmplice dos pecados do mundo de hoje, quem não cria aborrecimento, quem não põe em crise, quem não denuncia os problemas dramáticos que nos afligem e dos quais ninguém quer falar, corre o risco de trair o Evangelho.

Uma fé autêntica, ao invés, é sempre acompanhada do martírio, do testemunho vivido no cotidiano, no cumprimento dos próprios deveres e no compromisso eclesial e social. Não se deve esquecer que os mártires, de ontem e de hoje, os canonizados e os não oficialmente reconhecidos, não são apenas a glória da Igreja, mas também um ponto de referência para todos os crentes, chamados a dar testemunho da própria fé em qualquer circunstância da vida.

Uma Igreja litúrgica

Em segundo lugar, a Igreja é uma comunidade “litúrgica” que celebra a sua fé, faz crescer novos filhos mediante a iniciação cristã e leva o crente à plena configuração a Cristo. A liturgia é uma verdadeira escola de santidade, porque transforma a existência pessoal e comunitária em oração. Mesmo que desafeição em relação à Igreja pareça muitas vezes originar-se da falta de fascínio de tantas liturgias, não se pode cancelar nem o valor nem a necessidade de uma autêntica vida celebrativa. Isso, além da necessidade de uma catequese litúrgica que nos introduza nos mistérios e nos ajude a amadurecer na fé, implica

cuidar da qualidade das celebrações, para que sejam simples e bonitas, dignas e fecundas.

Ao celebrar devemos recuperar o sentido do gratuito e do mistério, as razões para a festa, a dimensão comunitária. Somos convidados a dar à liturgia o lugar que lhe corresponde como “fonte e vértice da vida cristã” (SC 10). Desejaria aqui referir-me de modo particular à *Eucaristia*, sacramento supremo do amor de Cristo e da união com ele. Na Eucaristia cada um recebe Cristo, e Cristo recebe cada um. Não podemos esquecer que, como dizia De Lubac, “a Igreja faz a Eucaristia, e a Eucaristia faz a Igreja”.

Isso confere à *Eucaristia dominical* uma importância capital: ela é um encontro que robustece a nossa consciência de saber-nos membros de um povo que caminha pelo mundo com o olhar fixo no céu. Participar da celebração dominical significa assumir a vida de toda a semana, para fazê-la tornar-se oferta a Deus, e testemunhar na sociedade que para nós Deus é Deus e que Jesus Cristo está vivo e operante na nossa comunidade. A fidelidade ao mandato “*Fazei isto em memória de mim*” (Lc 22,19) se refere ao ato litúrgico, mas também ao encargo de atualizá-lo e prolongá-lo na entrega da própria vida pela salvação do mundo.

Devemos aprender a viver *o domingo* como dia da Igreja, dia do homem, dia do Senhor. É particularmente sugestivo o prefácio dos domingos do tempo ordinário, que apresenta esse dia como antecipação do “domingo sem fim”, quando o homem se vir definitivamente livre de todo trabalho, fadiga, lágrima e da própria morte, e terá paz, amor, vida sem fim.

De outubro de 2004 a outubro de 2005, João Paulo II estabeleceu o *Ano da Eucaristia*, no quadro de um projeto pastoral indicado na *Novo Millennio Ineunte*, na qual convidava todo cristão a “partir de Cristo”, a se empenhar numa “medida alta da vida cristã” e a exercitar-se na “arte da oração”. Para nós é importante viver este ano em sintonia com toda a Igreja. A Eucaristia “é o lugar privilegiado no qual a comunhão é constantemente anunciada e fomentada”:

Precisamente mediante a participação eucarística, o dia do Senhor se torna também o dia da Igreja, que poderá, assim, desempenhar de maneira eficaz o seu papel de sacramento de unidade. (NMI 36)

Uma Igreja evangelizadora

O terceiro elemento característica da Igreja diz respeito à sua força evangelizadora e à capacidade de anunciar Cristo e seu Evangelho. Tertuliano dizia que “*não nascemos cristãos, tornamo-nos cristãos*”.¹⁵

É uma afirmação particularmente atual, porque hoje estamos em meio a alastrantes processos de descristianização, que geram indiferença e agnosticismo. Os habituais percursos de transmissão da fé resultam em não poucos casos impraticáveis. Não podemos dar como certo que se saiba quem é Jesus Cristo, que se conheça o Evangelho, que se tenha uma qualquer experiência de Igreja. Vale para crianças, meninos, jovens e adultos. Vale para nossa gente e, obviamente, e para tantos imigrados, provenientes de outras culturas e religiões. Há, pois, necessidade de *um renovado primeiro anúncio* da fé.¹⁶

Não se deve esquecer que aumenta, pelo menos na Europa, o número de famílias que já não pedem o Batismo para seus filhos, o número de meninos batizados que não mais se aproximam dos outros sacramentos, o número dos que, após haver recebido o sacramento da Confirmação, deixam de frequentar a Igreja.

Volta assim mais premente o apelo para evangelizar seriamente. Isso se realiza hoje mediante uma acolhida cordial e gratuita que dispõe positivamente as pessoas à evangelização, com o anúncio explícito de Cristo como salvador do mundo, a escuta da palavra de Deus, e o acompanhamento pessoal que facilita o amadurecimento das pessoas até Cristo ser formado nelas” (Gl 4,19).

O escopo é formar discípulos enamorados de Cristo e imitadores fiéis do Senhor Jesus, que sabem que a sua vocação consiste em ser “*sal da terra*”, “*luz do mundo*”, “*cidade sobre o monte*”, em suma, homens e mulheres que fazem do Evangelho seu programa de vida e que são conscientes da responsabilidade que têm “diante dos homens”. Para Jesus, o discípulo é tão necessário ao mundo quanto o sal para

¹⁵ TERTULIANO, *Apologética*, 18, 4.

¹⁶ CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, “Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia”. *Nota pastorale – Noticiário da Conferência Episcopal Italiana*, 5-6, 1º de julho de 2004, p. 140.

conservar os alimentos ou a luz para se ver. Existe o perigo de que o discípulo renegue sua fé. Nesse caso, o dito de Jesus sobre o sal manifiesta toda a sua força, que poderíamos expressar assim:

Vós sois meus discípulos. Mas se o discípulo perde a sua característica de discípulo, quem lha poderá restituir? Já nada serve para o mundo. É como um objeto que se pode jogar fora, para que seja pisado e desprezado pelos homens.

Uma Igreja diaconal

Enfim, a Igreja tem uma característica “diaconal”: ela sabe que sua missão é servir o povo de Deus e o mundo. Tal missão não é exclusiva do papa, bispos, sacerdotes, religiosos ou leigos comprometidos, mas de todos os batizados que, em virtude do Batismo, partilham a missão do seu Senhor e Mestre. Isso exige que se aprenda a servir, que se esteja atento às necessidades dos outros, que se dê sempre o primeiro passo para ir ao encontro, que se assumam empenhos generosos, que se seja apóstolo.

Os cristãos são chamados a ajudar os homens a vencer a desilusão e a apatia, a gozar as realidades bonitas da vida, a ativar a capacidade de sonhar um futuro adequado ao homem, a inventar novas relações entre pessoas e entre Estados, a respeitar a natureza, a pôr fim para sempre à guerra. Talvez também entre os crentes aninha-se o ceticismo de quem não acredita que um mundo alternativo ao atual seja possível. A Igreja não pode desiludir as expectativas e as aspirações legítimas, especialmente as mais profundas, das populações abastadas ou empobrecidas, esfaimadas ou saciadas, do Ocidente e do Oriente, do Norte ou do Sul.

Uma Igreja diaconal é solidária com os mais pobres, com os que não têm nenhum outro defensor que assuma a sua causa a não ser Deus. Quando a esperança anima a vida de quem é pobre, Deus e o homem já se encontraram, porque somente com a ajuda de Deus o pobre pode esperar quando já não há futuro. A esperança dos pobres já é fé que vive. Disso têm consciência também os profetas de hoje. Sua tarefa é reconhecer a fé dos pobres e testemunhar o Evangelho da absoluta solidariedade de Deus com eles.

SENTIDO ECLESIAL EM DOM BOSCO E NA TRADIÇÃO SALESIANA

Dom Bosco soube viver a fidelidade ao Senhor Jesus, enquanto experimentava cotidianamente a dolorosa realidade eclesial do seu tempo. Seu vivo sentido de Igreja foi principalmente uma atitude e uma experiência de colaboração com todas as energias e recursos para seu bem. Dom Bosco expressava o seu amor à Igreja com um trinômio simples, mas profundo: *amor a Jesus Cristo*, presente principalmente na Eucaristia, que é a ação central da Igreja; *devoção a Maria*, Mãe e Modelo da Igreja; *fidelidade ao papa*, sucessor de Pedro e centro de unidade da Igreja.

Trata-se de três elementos inseparáveis entre si, que se iluminam mutuamente e encontram sua convergência na pessoa de Cristo. O sonho de Dom Bosco, chamado “das duas colunas”, é uma exemplificação imediata e sugestiva dessas forças dinâmicas, dos três amores de Dom Bosco, que edificam a Igreja: Eucaristia, Maria, Pedro. A Igreja de Dom Bosco tem uma forma eucarística, uma figura mariana, um fundamento petrino.

Esse *sensus Ecclesiae* apresenta-se de modo admirável na fusão que Dom Bosco fez dos títulos de “Auxiliadora” e de “Mãe da Igreja”.¹⁷ É interessante constatar como Dom Bosco compreendeu muito bem que a renovação da Igreja devia passar através de uma madura piedade mariana, convencido de que se perde o sentido da Igreja Mãe quando se perde o sentido da vocação materna de Maria. Isso nos faz perceber a relação estreita que existe entre a Igreja Mãe e a evangelização, entre Maria, a Igreja e a ação apostólica. Isso significa que o “sentido da Igreja” deve traduzir-se cotidianamente num profundo sentido de pertença e num compromisso responsável como crente.

Na *Carta Edificante*, escrita na volta de Roma, em 14 de junho de 1905, ao falar de Dom Bosco como modelo de apego à Igreja, o padre Rua escreveu:

¹⁷ G. BOSCO, *Meraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*. Turim, 1868. In: *Opere edite*, vol. XX. Direzione Generale Opere Don Bosco, Roma, p. 198-199.

Os que conheceram Dom Bosco durante sua vida mortal ou leram sua maravilhosa vida, ao mesmo tempo que admiraram as virtudes extraordinárias, terão sem dúvida se convencido de que ele não vivia senão para Deus e que em todo tempo, em todo lugar, em toda ação, embora mínima, era guiado pelo espírito do Senhor. Para nós, seus filhos, parece quase impossível representar-nos Dom Bosco senão com o rosto aceso de santo zelo e com os lábios abertos em ato de repetir o seu mote predileto: *Da mihi animas, caetera tolle*.

Creio não errar se pensar que também vós não podeis imaginá-lo senão como um perfeito modelo de sacerdote, esquecido de si mesmo, preocupado unicamente em promover a glória de Deus e a conduzir um grande número de almas para o céu. E se tivéssemos a oportunidade de perguntar-lhe como fez para superar tantas dificuldades, atravessar vitoriosamente os escolhos, prosseguir imperturbável o caminho que lhe foi traçado pela Providência e fundar a sua Pia Sociedade, parece que ele, com sua fisionomia afável e sempre irradiando caridade e doçura, nos responde com as palavras de São Paulo: *nos autem sensum Christi habemus*, como se quisesse dizer-nos que nunca pensou nem agiu segundo os ditames do mundo, e sempre e em toda a parte se esforçou por reproduzir em si mesmo o divino modelo, Jesus Cristo, e assim pôde cumprir sua missão.

Não havia perigo de ele errar na prática desse espírito do Senhor, porque queria ser guiado em tudo por aquela Igreja que é *coluna e fundamento da verdade*. Examinamos sua vida por inteiro, e encontraremos Dom Bosco solícito, antes de tudo, em ser sempre filho obedientíssimo da Santa Igreja, disposto a qualquer sacrifício para propagar suas doutrinas e defender seus direitos. Não somente observava suas leis, mas ainda prevenia-lhe os desejos. Por isso é que nós, seus filhos, temos agora a inefável consolação de ver sancionada pela autoridade infalível do Sumo Pontífice muitas coisas que, tantos anos faz, Dom Bosco, profundo conhe-

cedor dos tempos e intérprete seguro do espírito da Igreja, com zelo incansável nos inculcava. Provaram-no os fatos.¹⁸

Na mesma linha, falando do sentido eclesial de Dom Bosco, escrevia o padre Luís Ricceri:

O seu conceito prático de religião, o seu critério pastoral de ação, é uma visão superpolítica e supercultural do cristianismo, concretizado na Igreja que ama ver fundada sobre Pedro e os Apóstolos e sobre seus sucessores, o papa e os bispos: “*Toda fadiga é pouca – dizia – quando se trata da Igreja e do papado*”. Sua visão radicava-se na certeza da presença viva do Espírito Santo na Igreja, na convicção de que o papa é o vigário de Cristo na terra, e na consciência (e devoção) de que Nossa Senhora é a Auxiliadora dos Cristãos. Em coerência com esse sentido criou iniciativas, iluminou decisões, aceitou incumbências difíceis e também sofreu incompreensões e injustiças.¹⁹

Mais adiante, na mesma carta, o padre Ricceri estigmatiza “*uma prática discrepância eclesial* (como) atitude de alguns que prescindem das orientações do Magistério, até com manifestações esporádicas e diversificadas de contestação pública”:

Sua conduta praticamente prescinde do “dom de iluminação do ministério” do papa e dos bispos. Na raiz de semelhante atitude – à qual Dom Bosco estava inteiramente alheio – costuma encontrar-se um sociologismo na interpretação do mistério da Igreja, que não salva nem a sua instituição divina, nem a sua distinção do mundo. O “povo de Deus” em tal perspectiva se torna simplesmente o povo, e a assembléia de base substitui a iniciativa do Espírito Santo, esvazi-

¹⁸ M. RUA, “Lettera Edificante: lo spirito di D. Bosco – Vocazioni – Buona Stampa”, 14 de junho de 1905. In: *Lettere circolari*. Direzione Generale Opere Don Bosco, Roma, p. 384-385.

¹⁹ L. RICCERI, “I salesiani e la responsabilità politica”. In: *Lettere Circolari di don Luigi Ricceri ai salesiani*. Direzione Opere Don Bosco, Roma, p. 942.

ando as mediações institucionais. Também essa atitude se mostra em aberta contradição com a práxis de Dom Bosco, e totalmente estranha à mais clara tradição salesiana.²⁰

Em seguida, entre os critérios para orientar a atividade salesiana, ao lado de atentar o realismo da nossa missão, o padre Ricceri indica o de ser *solidários com a opção da Igreja*.

Antes de mais, a Igreja optou desde sempre e de forma definitiva por Cristo, o seu Senhor, como a esposa pelo esposo. Eis o primado absoluto de amor e de verdade que ilumina toda a sua missão e guia a sua atividade. Mas sobre o fundo dessa opção fundamental há opções pastorais que a Igreja formula nas diferentes situações históricas. Diante do momento crucial que o mundo vive, a Igreja fez a sua opção concreta no Concílio Ecumênico Vaticano II. Nessa opção “voltou-se, não se desviou”, para o homem de hoje, olhou-o com os olhos de Deus, após haver considerado a si mesma como um “sacramento” que deve servir à sua salvação. O Concílio quis uma sua presença útil e libertadora na promoção humana. Uma presença, porém, que se concretiza num compromisso de ordem religiosa.²¹

“*Do nosso amor por Cristo nasce inseparavelmente o amor pela sua Igreja*”, diz o artigo 13 das Constituições dos SDB. Recebemos do nosso Pai Dom Bosco uma sensibilidade especial pela capacidade da Igreja de construir “a unidade e a comunhão entre todas as forças que trabalham pelo Reino”. O espírito salesiano nos constitui como centros de comunhão de muitas outras forças e como construtores e promotores da Igreja entre os jovens. Por isso devemos expressar e manifestar um singular amor à Igreja mediante uma fidelidade dinâmica e responsável aos seus ensinamentos, um esforço generoso de

²⁰ Idem, p. 951.

²¹ Idem, p. 951-952.

comunhão e colaboração com todos os seus membros e, sobretudo, um empenho incondicional para abrir a Igreja aos jovens e os jovens à Igreja, de modo que todos possam encontrar nela o rosto de Cristo e os tesouros da Salvação.

Ninguém, talvez, como o padre Egídio Viganò desenvolveu na reflexão e na ação esse *sensus Ecclesiae*. Dele falou explicitamente apresentando a dimensão eclesial da devoção a Maria Auxiliadora.²² Na carta sobre “A animação do diretor salesiano” escreveu:

O Diretor, porque padre, deve cuidar eclesialmente do significado e dos horizontes da atividade pastoral sua e da comunidade. Deve saber viver e fazer viver em sintonia e colaboração com o papa, com os bispos e com os sacerdotes. Promover as relações com eles, a simpatia, a amizade, a estima e a colaboração. Não por diplomacia ou por simples conveniência, mas porque tudo isso constitui um aspecto importante do conteúdo do seu serviço à comunidade salesiana.²³

Na carta “A nossa fidelidade ao sucessor de Pedro”, o padre Viganò nos diz que “entre os componentes de uma espiritualidade juvenil salesiana há justamente um forte ‘sentido de Igreja’ com apropriadas atitudes a serem criadas, desenvolvidas e traduzidas em experiência vivida”.²⁴ Na mesma carta ele as concretiza em alguns pontos particularmente estratégicos: o conceito de Igreja como “Mistério”, que ajuda a superar visões eclesiológicas minimalistas ou desviantes; a imagem do papa qual primeiro e supremo pastor, contra toda visão sociológica; a inclusão dos conteúdos do magistério do papa nas nossas atividades de evangelização, contra uma adesão simplesmente afetiva ou sentimental, mas não operativa; a acolhida, em vista do caráter pastoral e pedagógico da vocação salesiana, das diretrizes morais e do ensinamento social do papa, para contestar o permissivismo e o egoísmo da cultura hodierna.²⁵

²² E. VIGANÒ, “Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco”, ACG 289, Roma, 1978.

²³ E. VIGANÒ, “A animação do diretor salesiano”, ACG 306, Roma, 1982, p. 12.

²⁴ E. VIGANÒ, “A nossa fidelidade ao Sucessor de Pedro”, ACG 315, Roma, 1985, p. 26.

²⁵ Idem, p. 26-30.

Como Família Salesiana, trabalhamos com a Igreja e pela Igreja, procuramos “sentir com a Igreja”, pertencemos à Igreja. Vivemos na Igreja. Somos Igreja. Poderíamos expressar este *sensus Ecclesiae*, que trazemos inscrito no nosso carisma, com uma doxologia eclesiológica: “*Pela Igreja, com a Igreja, na Igreja, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória, agora e para sempre. Amém*”.

PARA UMA PEDAGOGIA DO SER IGREJA E VIVER COM A IGREJA

Dizia no começo que a nossa missão é a de enamorar os outros pela Igreja, especialmente os jovens. Esse é um desafio mais do que nunca importante, precisamente porque aqui e ali se percebe uma tendência cada vez maior a se viver um cristianismo sem Igreja. Há cristãos que não renunciaram ao relacionamento com a Igreja, mas que não pertencem e não se identificam com nenhuma comunidade. Eles são semelhantes aos que rodam por um supermercado e entre as diversas ofertas escolhem as que mais lhes agradam.

Sabemos que a identificação com Cristo é sempre também uma identificação com o seu Corpo, com a sua Igreja, com aqueles que lhe pertencem. Esse é um critério de avaliação de autêntica identidade cristã, mas ao mesmo tempo a pertença à Igreja tem sentido somente como instrumento de pertença a Cristo: o nosso sim a ela é expressão do nosso sim a Ele. Pois bem, segundo o texto citado de Paulo aos Efésios, essa identificação se realiza mediante o Batismo e a vida sacramental, codifica-se na profissão de fé, vive-se na orientação da vida cristã e exprime-se na oração.

A pergunta crucial é, então, como educar os jovens para serem Igreja e viverem com a Igreja. Num mundo sempre mais plural, secularizado, relativista, a formação dos crentes exige um claro e significativo *testemunho da comunidade cristã*, de modo que possa oferecer aos jovens uma imagem evangélica da identidade da Igreja e da sua missão no mundo. Ela pede também um *caminho de fé*, em particular uma sólida catequese, que ajude a amadurecer a sua consciência, a fim de que possam abrir-se a tudo o que é humano, harmonizar suas opções

com as da Santa Madre Igreja, dar testemunho da própria fé, em suma, identificar-se com Aquele que se identificou conosco, para ser filhos do Pai e irmãos dos homens.

Temos consciência de que o **testemunho da comunidade** tem uma força notável de credibilidade e de apoio. Educa-se na fé com o que se é e se vive, mais do que com o que se diz e se ensina. O caminho de educação dos jovens para a Igreja começa com um compromisso sincero da comunidade eclesial de aprofundar suas opções fundamentais, isto é, a paixão para com Deus que a reúne por meio de Cristo no Espírito, a fraternidade entre todos os batizados, a preocupação evangelizadora, a vontade de serviço à sociedade, a prioridade para os mais pobres.

Seguindo essas grandes opções, a comunidade cristã descobre os caminhos para converter-se e para resistir às diversas tentações de hoje: a tentação de dobrar-se sem discernimento evangélico aos critérios, valores, atitudes e comportamentos de uma sociedade que tende a erigir-se como ídolo sedutor para os crentes; a tentação do medo que muitas vezes nos cerra dentro das paredes da Igreja, com uma atitude de desconfiança e até de reivindicação diante da sociedade; a tentação do individualismo e da passividade, do recurso às honras e ao dinheiro, do medo de ser marginalizada com os marginalizados.

Nesse esforço de conversão, a nossa identidade eclesial deve ser cada vez mais transparente, para tornar-nos significativos e para tornar visível e crível o que anunciamos. Por isso, as nossas obras de qualquer tipo – escolas, centros de formação profissional, universidades, casas de acolhida, paróquias, oratórios, centros juvenis, cidade dos meninos – devem ter como primeiro escopo a evangelização, o anúncio da boa-nova da salvação que Deus quer dar a todos no seu Filho Jesus.

A gestão profissional das obras e a seriedade para executar um programa nas atividades que desenvolvemos não deve obscurecer nunca o primado que corresponde à evangelização.

Privadas de um zelo entusiasta pelo verdadeiro Deus, a teologia e a pastoral se reduziriam a pura técnica e atividade organizativa. Também a Igreja deve sempre expulsar o templo os negociantes:

“Tirai daqui essas coisas. Não façais da casa de meu Pai um mercado” (Jo 2,16).²⁶

Não se deve esquecer que as estruturas, que são necessárias para a missão, correm muitas vezes o perigo de obscurecê-la, quando não há uma alma que as torne resplendentes.

Eu me pergunto se a dificuldade crescente de identificar-se com a Igreja não é consequência também do fato de ela ser conhecida em algumas partes como não seriamente preocupada em solidarizar-se com os mais necessitados, como não identificada com o sofrimento do mundo, como muito fechada e segura de si mesma.

No caminho para tornar mais significativo o rosto da Igreja, devemos preocupar com os *sinais* que a expressam e manifestam. Muitas pessoas descobrem e sentem a Igreja através dos sinais que dela encontram na vida cotidiana. Tais sinais podem suscitar novos laços ou fortalecer os já existentes, podem congelar ou enfraquecer ou relançar os movimentos de aproximação à Igreja. Por isso é importante que a comunidade cristã faça crescer os sinais da Igreja.

Há alguns sinais privilegiados, que ajudam a adesão dos jovens à Igreja: o sinal da acolhida cordial e evangélica, que manifesta uma atitude de abertura gratuita, de escuta incondicional, de vontade sincera de serviço; o sinal da qualidade humana e cristã dos serviços de assistência, educação e cuidado pastoral; o sinal da verdade da vida litúrgica e da oração da comunidade cristã, que se expressa numa celebração orante, participativa, cuidada, em sintonia com os problemas e as situações da sociedade; o sinal dos pastores que vivem uma vida evangélica impregnada pela paixão por Deus, com uma capacidade de acolhida e de sintonia com o povo, sobretudo com os jovens e os pobres, um serviço gratuito, um compromisso sincero com a comunhão. Por meio desses sinais, os jovens são introduzidos na experiência de Igreja e ajudados a abrir-se a ela.

Junto com o testemunho, é urgente promover entre os jovens um **caminho de fé** que leve a encontrar-se pessoalmente com Cristo, a

²⁶ K. LEHMANN, “Vale la pena rimanere nella Chiesa e vivere per essa”. In: J. RATZINGER – K. LEHMANN, *Vivere con la Chiesa*. Queriniana, Brescia, 1978, p. 36.

viver a vida sacramental, a inserir-se sempre mais conscientemente na Igreja, a conhecê-la e amá-la, a empenhar-se nela e viver para ela. Uma das áreas do caminho de fé dos jovens diz respeito justamente ao crescimento para uma inteira pertença eclesial. Também a espiritualidade juvenil salesiana propõe uma experiência de comunhão eclesial. Esse é o compromisso fundamental da comunidade cristã e em concreto das nossas comunidades educativas. A atenção ao caminho de fé dos jovens exprime a maternidade da Igreja, que cuida dos seus filhos e os ajuda a crescer. Isso exige algumas opções específicas.

Fazer conhecer a Igreja

É preciso ajudar os jovens a superar uma imagem parcial da Igreja, vista muitas vezes somente nos seus aspectos institucionais, como se fosse uma organização social e política semelhante às outras, ou então identificada com a hierarquia, ou, ao contrário, reduzida a uma realidade puramente espiritual, individual e ideal. Isso requer uma

cuidadosa catequese sobre a Igreja segundo as linhas oferecidas pela *Lumen Gentium* e pela *Gaudium et Spes*, mas também uma introdução à vida concreta da Igreja, fazendo conhecer seus projetos, suas preocupações, suas melhores iniciativas, pessoas e comunidades significativas. Uma informação confiável, positiva e contínua contribuiria certamente para promover um conhecimento mais real e mais significativo da Igreja.

Fazer crescer o sentido de Igreja

Trata-se de desenvolver nos jovens o sentido de pertença a ela: nós pertencemos à Igreja e ela pertence a nós. Fomos convocados por Jesus para formar a sua família e continuar juntos a sua missão na história. Não pode existir uma consciência clara da própria identidade cristã sem o sentido vivo de pertença à comunidade cristã. Isso exige também que se desenvolvam atitudes de abertura, diálogo e simpatia com o homem, como fez a Igreja no Concílio Vaticano II, que procurou compreender as situações da humanidade e colaborar com todos os homens e mulheres de boa vontade na tarefa de construir um mundo mais humano.

Isso se aprende e verifica na vida familiar e social. A própria família e os próprios âmbitos de vida devem ser escola e oficina de comunhão.

Ser cristão importa um *novo modo de ser homem*; exige uma conversão, justamente a exigida pelo Evangelho, por Cristo... Nessa perspectiva, a intervenção do educador cristão, do pastor de almas, visa à formação de certa disposição de espírito, que não é somente conhecimento, mas à qual se juntam atitudes que incluem a inclinação da vontade, da emotividade, da sensibilidade, de todo o homem, para a integração entre um fato de experiência e um ponto de referência fixo ou habitual. É a adesão de fé ao plano de amor e de salvação de Deus em Jesus Cristo.²⁷

Por isso, no caminho de educação no sentido de Igreja, é importante formar a consciência social dos jovens segundo a Doutrina Social da Igreja, seja para aprender a viver a dimensão social e política da fé, seja para tornar-se mais solidários com os problemas que afligem a vida de tantos homens e mulheres no mundo que vivem em situações inumanas, seja para gerar voluntários, apóstolos e missionários.

Fazer experiência de Igreja

O sentido de Igreja e de pertença não se cria de forma abstrata, mas mediante a experiência da vida cristã nas diversas situações da pessoa, começando pela família, com razão chamada por Paulo VI *Igreja doméstica*, e continuando na paróquia, na qual se realiza normalmente a experiência de comunhão de fé, de esperança, de caridade. No nosso caso fazemos experiência de Igreja com os jovens nos diversos tipos de comunidades educativas pastorais, que devem ser sinal de fé, escola de fé, centro de comunhão e participação, “até poder tornar-se uma experiência de Igreja” (Const. 47).

Trata-se, então, de robustecer a própria comunidade de fé em todas as expressões educativas pastorais, para fazê-las tornar-se fermento de transformação social. É o que testemunham os sumários dos Atos dos Apóstolos:

²⁷ L. MACARIO, “Appartenenti a Cristo nella Chiesa: note di pedagogia ecclesiale”. In: VV.AA., *In Ecclesia*. LAS, Roma, 1977, p. 487.

Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. Apossava-se de todos o temor, e pelos apóstolos realizavam-se numerosos prodígios e sinais. Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Perseverantes e bem unidos, freqüentavam diariamente o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E, cada dia, o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que seriam salvas. (At 2,42-47)

A partir da vida das comunidades, se impôs uma cultura alternativa ao Império Romano e um modelo social caracterizado não pela ânsia de possuir, acumular e ser os primeiros, mas pela vontade de partilhar, servir e ser solidários.

Isso exige também qualificar os momentos da vida eclesial, como o Batismo, a catequese, a participação na Eucaristia, a escuta da Palavra, o acesso ao sacramento da Reconciliação, os encontros de grupos e de comunidades, os retiros e as celebrações dos momentos fortes do ano litúrgico, os momentos de convivência e de fraternidade, o contato com a realidade local etc. Nada deve ser banalizado. Tudo pode e deve favorecer o amadurecimento do sentido eclesial.

Fazer encontrar a vocação na Igreja

O caminho de educação da fé deve ajudar a passar das boas disposições de ânimo às convicções sólidas, destas às motivações estimulantes, depois aos projetos de vida, em seguida à entrega total a Deus e aos outros. Eis o que significa amar a Igreja e doar-se por ela. O amor à Igreja se manifesta também nessa capacidade de deixar-se agarrar por Cristo, a ponto de renunciar aos próprios interesses e projetos e colocar-se completamente à sua disposição para continuar na própria pessoa a sua obra de construção do Reino. A adesão à Igreja, tornada possível pelo conhecimento da sua realidade, desenvolvida por um pro-

gressivo sentido de pertença a ela e acrescida com concretas experiências eclesiais, amadurece no empenho vocacional.

Quem em nossos dias se põe a serviço da Igreja deverá estar convencido, até nas mais recônditas dobras da sua existência, da possibilidade de mostrar ao homem, também em meio a um mundo secularizado e ateu, as pegadas de Deus na história e na própria vida. Esse compromisso de ser testemunhas vivas da experiência de Deus no nosso mundo deve animar e invadir os diversos campos de atividade e setores de trabalho pastoral em que se traduz cada ministério ou serviço... Hoje, mais que no passado, é verdade, pois, que *Deus tem necessidade dos homens*.²⁸

Faço votos por que todos nós possamos amar, seguir e imitar a Jesus com o ardor, a convicção e a fidelidade das grandes colunas da Igreja, São Pedro e São Paulo. Assim poderemos confessar publicamente a nossa fé e o nosso amor como eles: “*Senhor, tu sabes tudo. Tu sabes que te amo*” (Jo 21,17). “*Senhor, a quem iremos? Somente tu tens palavras de vida eterna*” (Jo 6,68); “*Sei em quem acreditei*” (2Tm 1,12); “*Vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim*” (Gl 2,20). Então a nossa fé se traduzirá em caridade operativa e se tornará testemunho crível e convincente.

Faço votos por que todos nós possamos atingir a meta a que chegou Santa Teresinha do Menino Jesus:

Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, tu me deste esse lugar, meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor, e desse modo serei tudo, e meu desejo se realizará.²⁹

À MANEIRA DE CONCLUSÃO: COMO AS CORES DO ARCO-ÍRIS

Termino contando uma lenda indígena americana, *All the colors of the rainbow*, que me parece um apelo a juntar o que de melhor há em

²⁸ K. LEHMANN, “Vale la pena rimanere nella Chiesa e vivere per essa”, p. 33-34.

²⁹ *Manuscripts autobiographiques*. Lisieux, 1957, p. 229.

nós para criar algo belo, luminoso, fascinante e, ao mesmo tempo, significativo, como pode ser um arco-íris.

A Igreja é a comunidade dos discípulos de Jesus, que lembram e tornam presente seu amor ao homem e seu empenho em oferecer plenitude de vida. Para ser críveis e eficazes, temos, porém, necessidade de pôr de lado nossa auto-suficiência e juntar nossas potencialidades e recursos, até ser uma Igreja jovem, sem mancha nem ruga, nem nada semelhante, mas bela e resplendente.

Contam que as cores do mundo começaram, um dia, a discutir, pretendendo ser cada uma delas a melhor, a mais importante, a mais útil, a favorita.

Disse a *Verde*:

– Certamente a mais importante sou eu, sinal de vida e de esperança. Fui escolhida para a erva, para as árvores, para as folhas. Sem mim, todos os animais morreriam. Olhem o campo: vejam como estou por toda parte.

A *Azul* a interrompeu:

– Você só pensa na terra, mas veja o céu e o mar. A água é o fundamento da vida, as nuvens a levam para o alto tirando-a do mar profundo. O firmamento oferece espaço e paz e serenidade. Sem a minha paz, vocês todas não seriam nada.

A *Amarela* riu à socapa:

– Vocês são todas muito sérias. Eu trago ao mundo o riso, a alegria e o calor. O sol é amarelo, a lua é amarela, as estrelas são amarelas. Sempre que se vê um girassol, o mundo inteiro começa a sorrir. Sem mim não haveria alegria.

A *Alaranjada* fez ressoar sua trompa:

– Eu sou a cor da saúde e da força. Posso ser pouca, mas sou preciosa porque sirvo as necessidades da vida humana. E trago as vitaminas mais importantes. Pensem nas cenouras, nas abóboras, nas laranjas, nas mangas e nos mamões. Não estou continuamente andando por aí, mas quando invado o firmamento na aurora ou no ocaso, minha beleza é tão impressionante que ninguém mais se importa com vocês.

A *Vermelha* não pôde conter-se, e gritou:

– Eu sou chefe de todas vocês. Eu sou sangue, e a vida é sangue. Sou a cor do perigo e da coragem. Estou disposta a lutar por uma causa. Eu trago fogo no sangue. Sem mim, a terra estaria vazia como a lua. Sou a cor da paixão e do amor, da rosa vermelha, da *poinsétia* (a estrela de natal) e da papoula.

A *Púrpura* empertigou-se o mais que pôde. Era alta de fato, e falou com grande dignidade:

– Eu sou a cor da soberania e do poder. Reis, chefes e bispos escolheram sempre a mim, porque sou sinal de autoridade e de sabedoria. O povo não me coloca em discussão, limita-se a me ouvir e a me obedecer. A *Anil* falou bem mais tranqüila que as demais, mas com mais decisão:

– Olhem para mim. Sou a cor do silêncio. Vocês dificilmente percebem minha presença, mas sem mim todas vocês se tornam superficiais. Eu represento o pensamento e a reflexão, o crepúsculo e a água profunda. Vocês precisam de mim para o equilíbrio e o contraste, para a oração e a paz profunda.

E assim as cores continuaram a gabar-se, cada uma convencida da própria superioridade. A discussão foi-se tornando cada vez mais forte e áspera. De repente um clarão rápido e intenso riscou o céu e estourou um trovão. Depois começou a chover torrencialmente. As cores se amontoaram cheias de medo, aproximado-se umas das outras para se encorajarem.

Em meio ao clamor, a Chuva começou a falar:

– Cores insensatas, vocês estão aí a brigar umas com as outras, cada uma procurando dominar as demais. Não sabem que cada uma de vocês foi feita para uma finalidade especial, única e diferente? Juntem as mãos e venham para mim.

Fazendo como lhes havia sido dito, as cores se juntaram e se deram as mãos. A Chuva continuou:

– De ora em diante, quando chover, cada uma de vocês se estenderá ao longo do firmamento num grande arco colorido para lembrar que todas vocês podem viver em paz. O *arco-íris* é um sinal de esperança para o amanhã.

E assim, onde quer que a chuva banha o mundo e um arco-íris aparece no firmamento, lembremo-nos de apreciar os outros, de dar-nos a mão, de criar comunhão e ser um sinal de esperança para a humanidade.³⁰

A Maria, a Mãe de Deus, sob cuja proteção iniciamos o novo ano 2005, confio cada um e cada uma de vós, caríssimos membros da Família Salesiana, educadores e jovens do mundo. Ela, Mãe da Igreja, nos ensine a ser e a saber formar discípulos diletos e anunciadores felizes do seu Filho. Ela nos ajude a reconhecer a Igreja como nossa Mãe, que sempre nos gera e nos regenera na fé.

Com afeto e reconhecimento, em Dom Bosco.



Pe. Pascual Chávez V.
Reitor-Mor

³⁰ *All the colors of the rainbow*, baseada numa lenda americana, apresentada por Leon Orb, 2 de junho de 2004.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 COLABORAÇÃO INTERINSPETORIAL NA FORMAÇÃO INICIAL

Pe. Francesco CEREDA
Conselheiro geral para a Formação

Em nossa Congregação, a colaboração interinspetorial para a formação inicial é uma realidade interessante e prometedora. Existem, de fato, numerosas comunidades formadoras e centros de estudo nos quais a formação é realizada com a cooperação de várias inspetorias, envolvidas no envio de formadores, professores e formandos. Existem também várias iniciativas interinspetoriais, como a preparação para a profissão perpétua, os exercícios espirituais para diáconos, os encontros de tirocinantes. Há, enfim, uma recente forma de colaboração que se refere à realização de comunidades formadoras para a formação específica de salesianos coadjutores.

A formação permanente é igualmente um terreno fértil para a colaboração interinspetorial. Há muitas formas de intercâmbio, vários níveis de serviço, diversos tipos de destinatários. Há encontros esporádicos, iniciativas periódicas, programações orgânicas. São oferecidos, em nível regional, cursos de atualização, seminários de estudo, subsídios de animação. Fazem-se encontros de delegados inspetoriais de formação, de formadores e de diversos grupos de irmãos, particularmente diretores, salesianos coadjutores, salesianos do quinquênio, tanto presbíteros quanto coadjutores.

A *Ratio* está consciente da inadequação das inspetorias em cumprir sozinhas todas as tarefas formativas e reconhece a necessidade que têm de ajuda recíproca; por isso, recomenda “opções corajosas e decididas de colaboração interinspetorial” (FSDB 230). Estas notas aprofundam e concretizam as escolhas, com referência tão somente à formação inicial; elas querem explicitar as motivações que encorajam a prática da colaboração interinspetorial, individualizar seus questionamentos, evidenciar seus campos prioritários de atuação e propor condições para sua realização.

1. Motivações da colaboração

É difícil hoje que uma inspetoria possa garantir sozinha todas ou quase todas as etapas da formação inicial. Acontece, às vezes, que, mesmo tendo uma solução inspetorial, fazem-se notáveis sacrifícios, com resultados incertos e escolhas precárias. Ocorre, então, refletir sobre as motivações que ajudam a escolher com convicção a colaboração interinspetorial, que não pode ser nem uma escolha forçada nem um mal menor. Ela é, de fato, uma oportunidade a ser valorizada, embora seja um desafio a enfrentar.

1.1 Experiência da identidade carismática

A formação inicial é uma experiência de identidade carismática, um processo de identificação com a vocação, uma absorção gradual, responsável e total dos empenhos que dela derivam. O critério fundamental que nos deve guiar nas escolhas formativas é o de oferecer aos nossos candidatos e jovens irmãos experiências válidas, fascinantes e envolventes da vocação salesiana. Deveríamos ser orgulhosos de possibilitar experiências significativas, que apresentem as melhores condições formativas, de modo que eles possam fazer uma boa caminhada humana, espiritual, intelectual, apostólica. A Congregação tem muitas experiências e recursos formativos para oferecer aos jovens. As escolhas formativas exigem *discernimento atento* sobre a qualidade carismática da experiência proposta. O critério carismático está na base de toda escolha formativa e, portanto, também da escolha de colaboração interinspetorial.

1.2 Consistência da comunidade formadora

O formando, na formação inicial, “faz experiência dos valores da vocação salesiana” (C 98). Pois bem, a *comunidade* é um desses valores fundamentais. Toda comunidade salesiana é ambiente de formação. Mas, para a formação inicial, a Congregação quer uma comunidade com fisionomia particular: “comunidade formadora” (FSDB 222). Para esse tipo de comunidade é preciso atenção especial, a fim de que sejam garantidas as condições de uma experiência significativa.

Para realizar adequadamente suas tarefas, a comunidade formadora precisa de *consistência quantitativa e qualitativa*. Se a comunidade tem um número exíguo de formandos, apresentam-se alguns limites: a convivência e o confronto tornam-se frágeis; os relacionamentos são reduzidos; as expressões comunitárias, como partilha, esporte, teatro, música, atividades apostólicas, tornam-se parciais. Se, além disso, os formadores forem insuficientes, diminui geralmente sua incidência formativa, ou seja, tornam-se carentes a interação e a relação, a animação e a proposta, o acompanhamento e a orientação.

A esse propósito, a Instrução sobre a Formação nos Institutos Religiosos *Potissimum Institutioni* traz uma expressão de João Paulo II, que assim afirma:

Será bom que os jovens, durante o período de formação, residam em comunidades onde não deve faltar nenhuma das condições exigidas para a formação completa: espiritual, intelectual, cultural, litúrgica, comunitária e pastoral; condições que estão raramente reunidas nas pequenas comunidades. É indispensável, pois, ir buscar na experiência pedagógica da Igreja tudo o que possa fazer com que a formação tenha sucesso e se enriqueça, numa comunidade adaptada às pessoas e à sua vocação religiosa.¹

A *Ratio* reconhece a fragilidade de algumas comunidades formadoras e propõe a colaboração entre as inspetorias:

Em mais de uma situação as condições indicadas para garantir a consistência qualitativa e quantitativa dos centros de formação são tais, que não podem ser facilmente asseguradas por uma só inspetoria. É conveniente, em tais casos, que outras inspetorias, especialmente se forem do mesmo contexto cultural, colaborem para a manutenção de estruturas formativas interinspetoriais (FSDB 300).

¹ CIVCESVA, *Potissimum Institutioni*. Roma, 1990, n. 27.

Mais especificamente, considerando a fragilidade da equipe de formadores, que é “um dos critérios de que depende a constituição de uma comunidade de formação”, afirma que “é necessário, em algumas situações, trabalhar com escolhas corajosas e decisivas de colaboração interinspetorial” (FSDB 230).

É importante, pois, que as inspetorias evitem, na medida do possível, criar ou manter comunidades formadoras que tenham um número exíguo de formandos e de formadores. Prefiram unir-se a outras inspetorias com colaboração interinspetorial, de modo que juntas sejam capazes de prover a formação que, sozinhas, não podem oferecer aos jovens irmãos.

1.3. Qualidade do centro de estudo

Numa sociedade complexa e pluralista é preciso ter uma mentalidade aberta e crítica, capaz de discernimento e de diálogo. A opção pela vida salesiana precisa de uma profunda cultura cristã que ajude a amadurecer a fé convicta e a experiência vocacional motivada. Educação e evangelização, particularmente o diálogo entre fé e cultura, exigem conhecimento do mundo juvenil, mentalidade pastoral, competência pedagógica e profissionalismo. A animação dos adultos envolvidos em nossa missão exige respeitabilidade de orientação. Hoje é indispensável “uma *formação intelectual sólida e constantemente atualizada*, fundada em estudos sérios, que amadureçam e cultivem a capacidade de reflexão, de avaliação e de confronto crítico com a realidade” (FSDB 124).

Urge, pois, um esforço para garantir a qualidade da formação intelectual. Isso significa ter programas sólidos de estudo, que façam crescer a incidência pastoral; ter metodologias atualizadas de ensino e de estudo, que promovam a reflexão e o co-envolvimento; e ter um corpo docente preparado que interaja com os irmãos estudantes. Urge, ainda, o esforço para dar uma organização salesiana à formação intelectual. Isso exige “sensibilidade salesiana” no modo de enfrentar os temas (cf. FSDB 160), escolha de disciplinas que qualifiquem nossa pastoral (cf. R 82), e “estudo das matérias especificamente salesianas” (FSDB 160).

Por esse motivo, a Congregação fez a *opção ordinária* do centro salesiano de estudo:

Dentre os diversos tipos de centros de estudo deve-se dar preferência ao centro salesiano, que oferece uma configuração dos estudos com perspectiva salesiana, evidenciando o caráter pastoral e pedagógico, e que favorece a integração entre projeto formativo global e formação intelectual, e a relação entre salesianos estudantes e docentes (FSDB 145).

Há, em seguida, o convite explícito: “escolha-se ordinariamente o centro salesiano” (FSDB 168).

Os Regulamentos pedem que “as inspetorias em condições de fazê-lo tenham um centro próprio de estudos para a formação dos irmãos” (R 84). O centro salesiano de estudos é uma *tarefa gravosa* para uma inspetoria; “é pois aconselhável, e freqüentemente necessária, a colaboração entre várias inspetorias” (FSDB 146). De fato, o funcionamento de um centro de estudo “exige, sobretudo, o cuidado por seu corpo docente e, portanto, que se programe o quadro dos professores efetivos e se preveja a preparação, a estabilidade, o emprego racional e a substituição necessária do pessoal; que se proceda à qualificação de docentes para aqueles setores culturais que caracterizam salesianamente o centro” (FSDB 146). Por isso, a *Ratio* diz: “Haja uma decidida e séria colaboração em nível interinspetorial para a criação de centros salesianos de estudo” (FSDB 171).

É, pois, oportuno que as inspetorias, na medida do possível, procurem criar o próprio centro de estudo ou se unam com outras inspetorias do mesmo contexto no qual já exista o centro salesiano de estudo ou com as quais criar um novo. Apenas “quando a freqüência a um centro salesiano de estudo não for possível” (FSDB 178), podem-se ter outras soluções, mas deve tratar-se de uma efetiva impossibilidade.

2. Questionamentos sobre a colaboração

Além das considerações positivas que levam a valorizar a colaboração interinspetorial, encontram-se também algumas incertezas de avaliação. Há, de fato, inspetorias que, às vezes, têm dúvidas quando à colaboração formativa. Por isso, é importante enfrentar as questões que surgem em relação à colaboração interinspetorial, com particular

referência à contextualização, à inculturação e à colaboração intercongregacional, no que diz respeito à formação.

2.1 Contextualização da formação

A formação é uma realidade contextualizada. Ela, de fato, acontece num contexto particular, determinado por múltiplos elementos: a condição social do território, a cultura e os estilos de vida do povo, a situação da Igreja, a práxis da inspetoria. O contexto, com suas acentuações ou com suas fraquezas, exerce notáveis influxos e condicionamentos sobre o processo formativo.

Nossas Constituições pedem a cada inspetoria a tarefa de “estabelecer, pelos diversos órgãos de governo e animação, o modo de levar a cabo a formação segundo as exigências do próprio contexto cultural” (C 101). E a *Ratio* acrescenta que “essa responsabilidade implica uma atitude permanente de reflexão e de confronto entre a identidade salesiana e o contexto cultural. Há que se favorecer nesse campo a colaboração entre as inspetorias do mesmo contexto” (FSDB 17).

Pois bem, quando se escolhe uma comunidade formadora interinspetorial, surge às vezes a dúvida se não se deixa de lado a atenção ao contexto; pensa-se que os formandos venham a encontrar-se numa situação que não os ajuda a amadurecer, dado que eles estão inseridos num contexto “diverso” do inspetorial. A instância da “formação no contexto” é justa, mas exige aprofundamento.

Constatamos hoje que a formação não pode reduzir-se apenas ao contexto inspetorial, mas deve ter um respiro mais amplo. O contexto local e imediato não é, com efeito, o único contexto em que vivemos. Muitas vezes, no interior de uma inspetoria, existem muitos contextos, também com diversidades notáveis. Além disso, pertencemos simultaneamente a uma *pluralidade de contextos*. Por exemplo, vivemos no contexto da comunidade salesiana local, mas também da comunidade inspetorial e da comunidade mundial; estamos inseridos na realidade local, mas também da região, da nação, do continente e do mundo; fazemos parte de uma paróquia, mas também de uma Igreja particular, de uma conferência episcopal e da Igreja universal. Vivemos, muitas vezes, também em contextos plurais, nos quais está presente uma acen-

tuada diversidade, como, por exemplo, os pluriculturais, multiétnicos, inter-religiosos. A globalização e as imigrações são certamente processos que produzem a “contaminação” dos contextos.

Embora na diversidade dos contextos, exercitando o discernimento podemos encontrar *contextos homogêneos*. Confrontando-se dois contextos, descobrimos afinidades e diferenças, com aspectos positivos para se valorizar e aspectos negativos para se purificar. Os contextos, então, não são estáticos, mas estão em evolução. É possível, pois, encontrar um contexto homogêneo num grupo de inspetorias da mesma nação ou conferência ou região. Hoje, por exemplo, pode-se dizer que a Europa está se tornando um contexto sempre mais homogêneo; situações análogas existem também em outras regiões da Congregação.

Numa comunidade formadora interinspetorial, especialmente quando ela faz parte da mesma conferência ou região, a contextualização não é negada. Ao mesmo tempo, a comunidade interinspetorial expõe os formandos ao confronto entre situações diversas, criando abertura de mente e de coração. Ela promove a capacidade de inserção em diversos contextos mediante a abertura ao externo, a análise da situação, o discernimento, a resposta às necessidades. Certamente ocorre uma gradualidade de experiências.

2.2 Inculturação da formação

A inculturação da formação inicial é um processo de *personalização*. Este se realiza quando os valores vocacionais são assumidos antes de tudo pela cultura do formando, de modo que ele transforme sua mentalidade, atitudes, estilos de vida e comportamentos. Nesse sentido, a formação deve ser sempre inculturada; de fato, sem a identificação pessoal com os valores carismáticos não se tem formação. Para facilitar esse processo, geralmente a primeira formação se desenvolve no contexto cultural do formando ou num contexto homogêneo.

Por outro lado, a inculturação na formação inicial é um processo comunitário, poderíamos dizer um processo de *socialização*, no qual o carisma se exprime numa determinada cultura. A comunidade formadora é o principal sujeito que inicia, acompanha e verifica tal processo. Por isso a comunidade deve ter conhecimento, compreensão e expe-

riência do carisma; é preciso que ela estude sua história, identidade e manifestações. Além disso, a comunidade deve conhecer a cultura do contexto e a mentalidade dos formandos, para que sejam ajudados a assumir os valores carismáticos na própria cultura. É, portanto, uma comunidade que comunica, interpreta e exprime o carisma numa cultura particular e num contexto determinado.

A inculturação deve estar, ainda, sempre acompanhada de um processo de *interculturalidade*, que abre o formando a outras culturas e o leva a apreciar seus aspectos positivos, a reconhecer seus limites e a valorizar a própria cultura sem absolutizá-la. Convida-o, portanto, a assimilar e integrar alguns elementos válidos das demais culturas na própria. Esse diálogo e intercâmbio entre culturas é uma experiência enriquecedora e complementar ao processo de inculturação. As comunidades interinspetoriais possibilitam uma visão mais ampla do carisma salesiano e ajudam a formar o sentido de pertença à Congregação, a atenção às necessidades dos jovens do mundo e a visão global das urgências da evangelização, realidades que vão além do horizonte inspetorial.

A inculturação e a interculturalidade na formação inicial estão estreitamente ligadas ao carisma, a cujo serviço elas se colocam. Ordinariamente, nas primeiras fases da formação até o pós-noviciado e tirocínio deveríamos prestar muita atenção aos processos de inculturação, ou seja, às transformações da cultura do formando. Isso exige conhecimento da pessoa, proximidade, continuidade formativa, acompanhamento dos processos de mudança. A partir da fase de formação específica, deveríamos prestar mais atenção aos processos de interculturalidade. Nessa etapa os formandos demonstram ter alcançado um certo amadurecimento de cultura e de fé e possuir uma suficiente abertura e senso crítico. Podem, pois, enfrentar positivamente a experiência intercultural.

2.3 Colaboração intercongregacional na formação

No contexto atual de comunhão e colaboração entre os institutos de vida religiosa, algumas inspetorias se perguntam se não seria melhor frequentar centros intercongregacionais de estudo. Isso ajudaria a ter conhecimento de outros carismas e favoreceria a pastoral de conjunto na Igreja. A Instrução da Congregação para a Vida Consagrada,

intitulada *A colaboração inter-institutos na formação*, aprofundou a realidade da colaboração em campo formativo.

A Instrução sustenta que “cada instituto tem uma responsabilidade primária em relação à própria identidade” e que “é através do processo de formação que se realiza a identificação carismática”; por isso, “a primeira responsabilidade da formação dos religiosos pertence de direito a cada instituto”.² Além disso, ela afirma que “a comunidade formadora é a instância primeira de referência, que nenhum centro intercongregacional de estudo pode substituir”.³ Isso significa que nos centros de estudo no qual colaboramos com outros institutos religiosos – como, por exemplo, em Belo Horizonte, Caracas, Melbourne, Nairobi – a comunidade formadora assume para si a tarefa de garantir a identidade salesiana da formação intelectual e assegurar que, na relação com o centro de estudo, sejam realizadas algumas condições (cf. FSDB 178, 180).

Segundo a Instrução, a colaboração entre os institutos para a formação manifesta a solidariedade concreta entre as famílias religiosas mais ricas e aquelas mais pobres de membros e de meios; contribui para o maior apreço do próprio carisma e dos alheios; oferece o testemunho eloqüente da comunhão à qual a Igreja é chamada por vocação divina; e é de grande utilidade para que a formação adquira o nível e a amplitude que a missão da vida religiosa exige no contexto do mundo atual.⁴ Por outro lado, em face da realidade da colaboração existente, a Instrução “sente a responsabilidade de oferecer algumas reflexões e dar diretrizes oportunas para a revisão, consolidação e desenvolvimento dessas experiências”.⁵

Seria, porém, um empobrecimento para a própria vida religiosa e para a Igreja se, em nome dessas vantagens, se quisesse centralizar a formação de todos os religiosos de uma área geográfica e cultural num único centro de estudos. As formas de colaboração entre institutos religiosos, também na formação, são diversas e devem ser desenvolvi-

² CIVCESVA, *A colaboração dos inter-institutos para a formação*. Roma, 1999, n. 7.

³ Idem, n. 10.

⁴ Cf. idem, n. 8

⁵ Idem, n. 6.

das. E a colaboração não se dá necessariamente por meio de um centro comum de estudo. Todo instituto é chamado a enriquecer a Igreja com a contribuição do próprio carisma, que não se limita à missão, mas inclui os diversos aspectos da vida comunitária, oração, prática dos conselhos evangélicos, e também formação.

Se as nossas inspetorias, também com a colaboração interinspetorial, podem criar um centro de estudo com fisionomia propriamente salesiana, “aberto, na medida do possível, aos externos, religiosos e leigos, para um serviço à Igreja particular” (R 84), isso é uma riqueza para todos. A *Ratio*, de fato, está convencida de que “os centros podem oferecer às inspetorias e à Igreja local um serviço qualificado de animação espiritual, pastoral e cultural: iniciativas para a atualização dos irmãos, dos membros da Família Salesiana e dos leigos; assessoria para organismos inspetoriais e interinspetoriais; pesquisa, publicações e elaboração de subsídios; iniciativas várias em colaboração com organismos eclesiais e religiosos” (FSDB 146).

3. Prioridades na colaboração

A fim de favorecer a integração entre o carisma e a cultura dos candidatos, é importante que os primeiros passos da formação se desenvolvam no próprio contexto. Por isso, toda circunscrição – inspetoria, visitadoria, delegação – tem ordinariamente o próprio *pré-noviciado*. Dessa forma, garante-se um maior acompanhamento dos candidatos, um maior conhecimento das famílias, uma relação mais orgânica com o aspirantado.

3.1 Noviciado

O critério da atenção ao contexto e à cultura dos candidatos vale também para o noviciado. Isso não impede que existam noviciados interinspetoriais, colocados em contextos culturais homogêneos, como o de Alta Gracia para as cinco inspetorias da Argentina; o de Gbodjome, no Togo, para as Visitadorias AFO e ATE, cujos novícios vêm de treze países da África Ocidental; o de Joanesburgo, para as Visitadorias AFM e ZMB, e o de Namaacha, para as de MOZ e ANG; o noviciado de Granada, para as sete inspetorias da Espanha; o de Cebu, para as duas

inspetorias das Filipinas; o de Siliguri, para as inspetorias INC e INN; e os noviciados de Pinerolo e Genzano, para as dez inspetorias da Itália e Oriente Médio e para algumas outras inspetorias européias.

3.2 Pós-noviciado

O pós-noviciado é uma prioridade na colaboração interinspetorial, porque é uma fase que exige determinadas condições formativas, entre as quais está o centro salesiano de estudo. Temos, também neste caso, numerosos exemplos de colaboração, tanto pela comunidade formadora quanto pelo centro de estudo: Cidade do Cabo, Lomé, Luanda e Moshi, na África; Dimapur, Karunapuram, Sonada e Yercaud, na Índia; Canlubang, nas Filipinas; Nave e Roma, na Itália; Burgos, na Espanha; Cracóvia, na Polônia; Avellaneda, na Argentina; Campo Grande, no Brasil; Cidade do México, no México; Benediktbeuern, na Alemanha.

O pós-noviciado tem por finalidade a consolidação da vida religiosa iniciada no noviciado, o amadurecimento de uma síntese de fé, cultura e vida, e a preparação para o tirocínio. Conseqüentemente, “o delicado processo de síntese cultural e religiosa dessa fase requer a cuidadosa organização e escolha de um centro de estudos com programação de conteúdos aptos ao desenvolvimento vocacional”. Continua a *Ratio*:

Devem-se, por isso, privilegiar os centros salesianos de estudos, freqüentemente em nível interinspetorial, que se propõem como objetivo sublinhar melhor o relacionamento entre filosofia e ciências da educação, e integrar tais conteúdos com os tipicamente salesianos, tendo em vista a unidade vocacional (FSDB 414).

Essa etapa ajuda o pós-noviço a permear a própria mentalidade de valores cristãos, religiosos e salesianos, comparando-os com o próprio quadro de referência e formando uma nova síntese entre estes valores e a própria cultura, a ponto de mudar seu modo de pensar e agir.

Ao longo desse caminho intelectual vai o irmão adquirindo um quadro mental claro e coerente com suas opções, o qual lhe permite formar-se uma visão de vida pessoal, sólida e aberta. Habilita-se a um sério relacionamento com a cultura, com o mundo juvenil, com os problemas educativos, com a visão cristã (FSDB 401).

É oportuno que, ordinariamente, a escolha para o pós-noviciado esteja em continuidade com o contexto cultural do noviciado. Mas nem sempre se é capaz de oferecer essa oportunidade. Diz então a *Ratio*:

A delicadeza e a importância desta fase e a sua originalidade requerem um conjunto de condições que nem sempre podem ser garantidas pelas inspetorias individualmente, quer sob o aspecto comunidade, quer sob o aspecto centro de estudos. Em algumas situações é necessário que as inspetorias, especialmente se da mesma área cultural, colaborem para a criação de estruturas formativas e acadêmicas interinspetoriais (FSDB 418).

3.3 Formação específica

Quando se trata da formação específica, tanto do salesiano presbítero quanto do salesiano coadjutor, a perspectiva é diversa. Pressupõe-se que, a essa altura, o formando tenha alcançado uma certa maturidade pessoal em sua vocação e tenha sabido assumir as exigências vocacionais em relação à própria cultura. Pensa-se, portanto, que nessa fase seja mais apropriado favorecer o encontro com outros contextos, ter uma experiência intercultural e alargar os próprios horizontes.

Deve-se favorecer para a formação específica o centro de estudo e a comunidade formadora interinspetoriais, no âmbito da conferência ou região. Para alguns irmãos deve-se favorecer a experiência em comunidades formadoras e centros salesianos de estudo mundial, como os de Roma-Gerini em língua italiana e de Jerusalém-Ratisbonne em língua inglesa. Esses centros são colocados à disposição de todas as inspetorias justamente pela contribuição preciosa que podem oferecer.

A colaboração interinspetorial é uma característica da *formação específica dos salesianos presbíteros*; temos exemplos em todas as regiões. As comunidades formadoras e centros de estudo de Manila, Bangalore, Shillong, Nairobi, Lubumbashi, Turim-Crocetta, Messina, Tlaquepaque, Buenos Aires, São Paulo, Santiago do Chile, Benediktbeuer, entre outros, são testemunho eloqüente do fato que tal colaboração é possível, profícua e, melhor ainda, necessária. Em tempos de globalização, esses centros são um convite a sair da visão exclusiva da própria inspetoria e cultura e unir-se a outras inspetorias, para

oferecer uma formação mais ampla em todos os seus aspectos (cf. FSDB 170-171).

Analogamente, a *formação específica dos salesianos coadjutores* não pode ser realizada senão através da colaboração interinspetorial. Vão-se iniciando agora tentativas em algumas regiões, com uma experiência formativa de dois anos. A nossa *Ratio* enumera uma série de condições necessárias para a formação específica dos coadjutores, e conclui dizendo: “Para assegurar essas condições, é indispensável a colaboração responsável e perseverante das inspetorias” (FSDB 458).

3.4 Preparação à profissão perpétua

Há, enfim, a fase de preparação para a profissão perpétua. Segundo a *Ratio*, essa é “uma das situações em que a colaboração entre diversas inspetorias pode manifestar-se na organização de iniciativas e tempos particulares e pode proporcionar à experiência formativa maior qualidade pela consistência comunitária e numérica, pela possibilidade de escolher monitores válidos e pela partilha de experiências e métodos” (FSDB 509; cf. 514).

3.5 Estudo de línguas

Durante a formação inicial existem também algumas colaborações entre inspetorias para o estudo da língua italiana e da língua inglesa, que devem ser incrementadas e que exigem atenção formativa. Por exemplo, na Região Ásia Leste e Oceania, na qual se quer desenvolver o estudo da língua inglesa, há tirocinantes que fazem o tirocínio ou um ano de estudo em comunidades da Inspetoria das Filipinas. Há também inspetorias italianas que acolhem tirocinantes para o estudo da língua italiana, em vista dos estudos em Roma.

Concluindo, *em relação à prioridade*, a colaboração interinspetorial deve ser favorecida, antes de tudo, para criar o centro salesiano de estudo do pós-noviciado, depois para criar a comunidade formadora tendo ao lado o centro salesiano de estudo para a formação específica do salesiano coadjutor, enfim para ter o centro salesiano de estudo de teologia. Em geral, lá onde há situações de debilidade, é sempre necessária a colaboração interinspetorial para as comunidades formadoras.

4. Condições para a colaboração

Como acenamos, existem na Congregação numerosas realidades de colaboração interinspetorial para a formação inicial. Ora, é necessário perguntar-nos em quais condições essa colaboração deva ser realizada, para que seja eficazmente formativa. O ponto de partida é uma *nova mentalidade* a respeito da responsabilidade formativa: uma comunidade formadora ou um centro de estudo interinspetorial não “pertence” exclusivamente à inspetoria em cujo território se encontra, e a responsabilidade formativa e acadêmica diz respeito a todas as inspetorias envolvidas. Uma inspetoria, por isso, não renuncia à missão formativa, enviando seus formandos a comunidades interinspetoriais; muda apenas o modo de exercer essa missão, que se realiza com responsabilidade compartilhada.

Há algumas *condições gerais* que favorecem a colaboração interinspetorial e que dependem das relações de cooperação que se constroem entre as inspetorias. Se, por exemplo, na região ou conferência há o encontro anual de todos os formadores, é mais fácil garantir a continuidade formativa entre as fases e a convergência nas várias comunidades formadoras sobre metodologia e conteúdos. Analogamente, se houver, como prevê a *Ratio*, um intercâmbio entre os delegados e as comissões inspetoriais de formação de uma região ou conferência, também isso facilita a colaboração interinspetorial (cf. FSDB 248). Explicitam-se em seguida algumas *condições particulares*.

4.1 Continuidade de colaboração

Toda colaboração formativa entre inspetorias tem uma história com os seus inícios, progressos, afrouxamentos, revisões e relançamentos. A colaboração precisa de tempos de amadurecimento e de crescimento; não podem existir experiências fragmentadas, nem improvisações de opções. Somente com continuidade de caminhada pode-se harmonizar a variedade das práxis formativas iniciais, a multiplicidade dos estilos de vida e a diversidade dos contextos de proveniência. Somente a continuidade garante a real inculturação na formação. A duração da colaboração é garantida pelo *Diretório Inspetorial*, que é aprovado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho. A comunidade e o centro de

estudo interinspetoriais precisam, pois, de um *Estatuto*, que explicita a fisionomia interinspetorial, e de uma *Convenção*, que concretize a colaboração entre as inspetorias interessadas.

4.2 Projeto Inspetorial de Formação

A colaboração interinspetorial não é a renúncia de uma inspetoria a algumas tarefas formativas; ela é, muito mais, a decisão de assumilas com outras inspetorias. O Projeto Inspetorial de Formação deve exprimir as opções de colaboração. Nele, as fases, as atividades e as iniciativas interinspetoriais devem ter a mesma formulação que se encontra nos projetos das inspetorias com que se colabora. Isso significa que os inspetores com os Conselhos Inspetoriais e os delegados inspetoriais de Formação com as Comissões devem criar um processo de convergência sobre objetivos, critérios, processos e intervenções.

4.3 Equipe interinspetorial

A equipe da comunidade formadora e do centro de estudo devem ser interinspetoriais (cf. FSDB 173, 224, 300). Isso garante a solidariedade de todos no apoio à comunidade e ao centro de estudo e, sobretudo, facilita o conhecimento dos diversos contextos culturais de proveniência dos formandos, favorecendo assim a inculturação. A inserção de novos formadores e professores se dá a partir da proposta de cada inspetoria, mas com opção colegial; isso vale, em particular, para o diretor da comunidade formadora. Para sua nomeação vai-se difundindo a praxe de criar um processo, no qual há inicialmente a proposta de candidatos no interior dos Conselhos Inspetoriais, depois o discernimento e a escolha feita pelos inspetores, enfim, a aprovação pelo Conselho Inspetorial do lugar.

4.4 Curatorium

A *Ratio* declara explicitamente que a colaboração interinspetorial, tanto para a comunidade formadora quanto para os centros de estudo, “supõe a criação e o adequado funcionamento de um *organismo de co-responsabilidade*, por exemplo, o *Curatorium*”. Ela indica depois, também, quais são os seus componentes e tarefas. Ordinariamente é

formado por um único curatorium que diz respeito tanto à comunidade formadora quanto ao centro de estudo (cf. FSDB 173 e 300).

Os *assuntos de competência* do Curatorium são: o projeto da comunidade formadora, a informação e o parecer sobre a programação acadêmica anual do centro de estudo, o calendário anual, as orientações quanto aos ministérios e as ordenações, os critérios para os exercícios pastorais, o estilo e a prática da pobreza, o período das férias acadêmicas, os retornos à inspetoria, o orçamento e o balanço, a definição das mensalidades e as taxas acadêmicas. Segundo a *Ratio*, o Curatorium estabelece a orientação da formação através da aprovação do projeto formativo; garante as condições e os meios adequados para atuar a formação com pessoal, estruturas, economia; e faz as revisões oportunas (cf. FSDB 300).

O Curatorium tem caráter de decisão; sobre questões importantes, os inspetores consultam previamente seus Conselhos Inspeoriais. Podem-se prever dois momentos: um com todos os participantes e outro só com os inspetores. A presidência do Curatorium pode ser do conselheiro regional ou do inspetor do lugar. É preferível ter dois encontros anuais: um de programação e aprovação do projeto formativo, e outro de revisão. É oportuno que, antes do encontro do Curatorium para algumas questões, os formadores ouçam o parecer dos formandos e que os inspetores encontrem os próprios formandos. Há várias possibilidades de funcionamento desse organismo; é necessário, pois, que cada Curatorium seja dotado de um *Regulamento* próprio.

4.5 Admissões

As admissões “constituem momentos importantes de discernimento para o candidato que faz o pedido e para quem é chamado a avaliá-lo” (FSDB 274). “O discernimento realiza-se em íntima colaboração entre o candidato e a comunidade local e inspetorial” (FSDB 269). A *Ratio* propõe um procedimento no qual, no caso de uma comunidade formadora interinspetorial, é previsto ouvir o parecer do inspetor e do Conselho Inspeitorial de origem, antes de proceder à decisão do inspetor e ao voto do Conselho Inspeitorial do lugar onde se encontra a comunidade formadora (cf. FSDB 301 e CNDB 111).

A *Ratio* reconhece que o inspetor de origem tem conhecimento direto do candidato, especialmente no que se refere à família, às fases anteriores e às motivações. Por isso, o inspetor do lugar onde a casa de formação está pede o parecer do inspetor de origem e do seu Conselho em relação ao candidato. Levando em consideração também essas informações, o inspetor onde reside o candidato toma a decisão de admissão. A prudência pede que, em caso de dificuldades na admissão ou de discordância de pareceres, o inspetor do lugar advirta o inspetor de origem e juntos decidam o que fazer. Por exemplo, pode-se fazer com que o candidato não apresente ou retire o pedido, ou pode-se fazer o candidato retornar à inspetoria de origem.

4.6 *Pertença inspetorial*

A fim de aumentar o sentido de pertença inspetorial nos formandos das comunidades interinspetoriais, a *Ratio* pede que, além da presença na equipe formadora de formadores da própria inspetoria, haja visitas freqüentes do inspetor, troca de notícias, encontros de informação e comunhão com os irmãos da própria inspetoria, programação do período das férias acadêmicas feita de acordo entre o diretor da comunidade formadora e a inspetoria de origem, e outras formas de comunicação (cf. FSDB 290).

4.7 *Coligação com o conselheiro geral para a Formação*

A colaboração interinspetorial encontra uma forma particular de apoio e de acompanhamento por parte do conselheiro geral para a Formação, que assume a responsabilidade de conhecer, encorajar e apoiar a caminhada formativa, nem sempre fácil. A preocupação, pois, com os centros salesianos de estudo para a formação é de sua competência específica (cf. FSDB 154). Ele preside o Curatorium das comunidades formadoras mundiais de Roma-Gerini e de Jerusalém. A *Ratio* convida cada comunidade formadora interinspetorial a encontrar os meios de “manter os intercâmbios com o conselheiro geral para a Formação” (FSDB 173); por exemplo, a forma de relacionamento, que seria desejável e que numerosas comunidades formadoras e centros de estudo interinspetoriais já estão fazendo, consiste em mantê-lo informado enviando a ordem do dia e a ata dos encontros do Curatorium.

Num tempo em que se torna sempre mais necessário trabalhar em rede, a colaboração interinspetorial na formação é uma realidade destinada a desenvolver-se sempre mais. Funda-se ela no sentido de pertença à Congregação; responde à necessidade de solidariedade entre as inspetorias; é animada pela vontade de oferecer uma formação de qualidade a todos os irmãos; tende a desenvolver a única identidade vocacional. Conscientes da importância de colaboração em nossos contextos, saberemos descobrir novas motivações, enfrentar questionamentos particulares, individuar prioridades específicas e encontrar outras condições de atuação. É missão de cada inspetoria levar adiante os processos de colaboração formativa. A avaliação das comunidades formadoras, que existem em toda a Congregação, reforçará sua realização.

4.1 CRÔNICA DO REITOR-MOR

Setembro de 2004

O Reitor-Mor começou o mês de setembro de 2004 no *Brasil*, onde já se encontrava desde o mês de agosto em visita à Inspeção de São Paulo (cf. ACG 387, p. 52). Continuou, depois, visitando as inspeções de Porto Alegre, de 31 de agosto a 2 de setembro, Campo Grande, de 3 a 5 de setembro, e Manaus, de 6 a 8 de setembro.

Em cada inspeção, mesmo com programas um pouco diversos devido à localização geográfica, contextos e tipos de obra, o padre Chávez encontrou os irmãos, a Família Salesiana e os jovens, e cumprimentou bispos e arcebispos.

Entre as coisas mais relevantes, deve-se recordar a visita às obras sociais da Inspeção de São Paulo, que trazem à memória a experiência de Dom Bosco no Oratório de Valdocco, tanto pelo teor social das obras, quanto pelo empenho dos salesianos e das FMA que ali trabalham, respondendo com qualidade e criatividade às urgências das pessoas, especialmente dos jovens da periferia de São Paulo. Foi

também interessante o encontro com os formadores e formandos do teólogo, do qual todas as inspeções brasileiras participam, menos a de Belo Horizonte. Recordem-se, enfim, a celebração da missa em honra de São Domingos Sávio com jovens representantes de todas as escolas da inspeção, em Campinas, e a conferência feita no *campus* da Unisal, em Americana.

Na Inspeção de Porto Alegre, aconteceram encontros em Porto Alegre, onde foi inaugurada a nova sede da faculdade, depois da transferência de Santa Rosa, com a presença de autoridades civis e eclesiais, e em Itajaí, onde foram inauguradas novas instalações da obra social.

Na Inspeção de Campo Grande, foi significativa a conferência do Reitor-Mor na UCDB, por ocasião da visita ao *campus* universitário. Também foi relevante o encontro, em Meruri, com os missionários e missionárias, acompanhados de delegações das comunidades indígenas Xavante e Bororo. Nesse momento de grande

significado, o Reitor-Mor dirigiu as palavras durante a celebração eucarística e na reunião com os missionários. Sublinhe-se ainda a celebração do 110º aniversário do Colégio Salesiano São Gonçalo, de Cuiabá, com diversos eventos, como o encontro no auditório com mais de três mil jovens, pais, educadores e autoridades civis e religiosas, a santa missa com jovens representantes das diversas obras na paróquia e a reunião com os salesianos da região.

Na Inspeção de Manaus, o Reitor-Mor visitou a obra social Pró-Menor Dom Bosco, fez uma reunião com o conselho inspetorial e os diretores, encontrou os salesianos, a Família Salesiana e os jovens, visitou as casas da inspeção e da visitadoria das FMA, e celebrou a festa da comunidade inspetorial, para concluir com uma viagem de barco pelo rio Amazonas.

O Reitor-Mor esteve, depois, nos dias 10 e 11, em Saltillo, México, para celebrar um acontecimento de família e, no dia 12, retomou a viagem de volta para Roma, onde chegou à noite do dia 13.

Trabalhou no escritório no dia 14, recebendo os conselheiros que estavam na sede e outros irmãos da Casa Geral. Para o jantar teve como hóspedes três bispos salesianos que estavam em Roma para o curso de

novos bispos: dom Luc Van Looy, dom Héctor Vargas e dom Calogero La Piana.

No dia seguinte, continuou o trabalho de escritório, acolhendo diversos irmãos que vieram para encontrá-lo. À noite, jantou com os missionários que participavam do curso de preparação para a nova expedição missionária, dirigindo-lhes uma saudação de boa-noite.

Na quinta-feira 16 de setembro, o Reitor-Mor trabalhou pela manhã no escritório e, logo depois do almoço, partiu para a *Coréia*, onde foi acolhido no dia seguinte ao meio-dia pelo inspetor e por numerosos membros da Família Salesiana. Depois de um breve repouso, viajou de Seul para Kwangju. Ali visitou a casa de formação, onde participou da oração da tarde, deu a boa-noite, jantou e assistiu a uma sessão acadêmica organizada pelos formandos.

No dia seguinte, ainda em Kwangju, na sede da escola São Domingos Sávio (Il Gok Dong), presidiu as celebrações dos 50 anos de presença salesiana no país. À tarde, visitou a casa-mãe das Irmãs da Caridade de Miyazaki e participou da oração da tarde e do jantar.

Retornando a Seul, celebrou no domingo, 19 de setembro, com toda a Família Salesiana o jubileu de ouro:

pela manhã em Shin An Dong e, à tarde, na casa inspetorial das FMA, onde houve a conferência, oração da tarde, sessão acadêmica e jantar.

Segunda-feira 20, o Reitor-Mor visitou a obra Don Bosco Youth Center, de Shin Kil Dong, e em seguida foi à casa Shin Weol Dong, sede da inspetoria, com oratório, centro juvenil e casa para exercícios espirituais para jovens. Nessa casa aconteceu o encontro com os salesianos, e, à tarde, a reunião com os diretores e o conselho inspetorial.

No dia seguinte, terça-feira 21 de setembro, o padre Chávez celebrou a eucaristia para as FMA, concedeu uma entrevista para os meios de comunicação e foi para o aeroporto, com destino a Roma, onde chegou à meia-noite.

Nos dias 22 e 23 trabalhou no escritório, recebeu vários irmãos, além da visita do embaixador do México junto à Santa Sé.

Sexta-feira 24 de setembro, pela manhã, o Reitor-Mor partiu para Turim, a fim de receber, à tarde, o título de doutor *Honoris Causa* da Universidade de Turim, que celebra o 600º aniversário, em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pela Congregação, especialmente por meio dos missionários, no campo da saúde, da medicina alternativa e da defesa da

biodiversidade. Naquela mesma noite foi conferido um outro doutorado ao professor Romano Prodi, ex-presidente da União Européia.

Sábado 25, o padre Chávez visitou a comunidade de Lombriasco, onde celebrou a eucaristia para a Família Salesiana e a comunidade educativa, na inauguração do ano acadêmico. À tarde encontrou-se com as comunidades SDB e FMA de Valdocco.

No dia seguinte, no Colle Don Bosco, participou do *Harambee*, dirigindo a palavra aos missionários, voluntários e jovens do Movimento Juvenil Salesiano (MJS) da Itália e, à tarde, presidiu a eucaristia de envio da nova expedição missionária.

Retornando a Roma, no domingo 26 à noite, o Reitor-Mor permaneceu na Casa Geral até o dia 30, quinta-feira, quando partiu para a *Eslovênia*, com uma parada em Trieste, para presidir a santa missa com todos os grupos da obra, a Família Salesiana e os colaboradores, marcando o início do ano educativo-pastoral. Deu a bênção ao teatro restaurado e jantou com os irmãos e com representantes da Família Salesiana.

Outubro de 2004

Sexta-feira 1º de outubro, o padre Chávez continuou sua viagem

para Zelimje, onde se encontrou, primeiramente com os alunos e depois com os professores, educadores e salesianos. Após o almoço foi para Ljubljana-Rakovnik. Ali, o Reitor-Mor foi recebido pelo bispo e depois pelo nuncio apostólico. À tarde, reuniu-se com o conselho inspetorial e os diretores das comunidades.

Visitou no dia seguinte o complexo de Rakovnik, celebrou a eucaristia no Santuário de Maria Auxiliadora para os animadores dos oratórios festivos e manteve um encontro com os mesmos animadores. Partiu à tarde para Trstenik, para visitar os irmãos anciãos e doentes. À noite encontrou-se com as FMA.

Domingo 3 de outubro, pela manhã, o padre Chávez celebrou a missa no Santuário de Santa Teresinha do Menino Jesus em Ljubljana-Kodeljevo e benzeu as novas instalações da paróquia e da comunidade. Mais tarde teve um encontro com a Família Salesiana e, depois, presidiu a eucaristia no Santuário de Maria Auxiliadora por ocasião do 100º aniversário da benção da primeira pedra do santuário e do centenário do Boletim Salesiano esloveno. Concluiu a visita à inspetoria encontrando-se com toda a comunidade inspetorial e inaugurando o novo portal *web* da inspetoria.

Retornou à sede na manhã do dia seguinte e iniciou, à tarde, a *sessão intermédia* do conselho geral, que se prolongou até o dia 13 de outubro.

Na terça-feira, 5 de outubro, foi ao Auxílium para a missa de início do ano acadêmico 2004-2005 da Faculdade de Ciências da Educação.

Quinta-feira 7, à tarde, acompanhado pelo vigário, foi à Aula Magna para saudar o novo superior geral dos palotinos, padre Fritz Kretz, e cumprimentar os capitulares.

Sábado 9, além do trabalho de escritório, recebeu vários irmãos e, com outros conselheiros, foi visitar a comunidade da Poliglota, no Vaticano, que passou à direta dependência do Reitor-Mor.

Segunda-feira 11, o Reitor-Mor teve uma jornada intensa com duas reuniões do conselho intermédio e duas reuniões com alguns irmãos. Para o almoço foram convidados o novo superior geral dos palotinos, assim como seu antecessor.

Terminadas as reuniões do conselho intermédio, na manhã de 13 de outubro, o padre Chávez, acompanhado pelo regional, padre Václav Klement, e pelo secretário, padre Juan José Bartolomé, partiu para a *Austrália*, primeira etapa de uma longa viagem que se prolongaria até 4 de novembro, data do retorno à sede.

Chegou em Melbourne em 14 de outubro. No dia seguinte participou de uma reunião do conselho inspetorial e animou o encontro com os diretores no Centro de Conferências Bayview, que se realizou à moda de jornada de retiro e formação permanente.

Domingo 17, o evento principal foi a bênção e inauguração da nova casa e centro inspetorial de Ascot Vale, do qual participaram toda a Família Salesiana, a Igreja local, membros das comunidades educativas das diversas obras e amigos de Dom Bosco.

No dia seguinte, 18 de outubro, o padre Chávez fez uma reunião com os líderes do MJS da inspetoria, coordenado pela equipe de pastoral juvenil, e, à tarde, visitou a casa de formação em Clifton Hill. Ali o Reitor-Mor presidiu a missa e, depois do jantar, entreteve-se em diálogo com os irmãos.

Terça-feira 19, o Reitor-Mor partiu para *Samoa*, chegando segunda-feira 18 (devido ao fuso horário), às 22h30. Durante os dois dias seguintes, o padre Chávez benzeu a primeira pedra do salão multiuso do Don Bosco Technical Centre, de Alafua, onde se encontrou com a comunidade dos noviços; reuniu-se com a Família Salesiana; visitou o Theological College, de Moamoa, onde celebrou

a eucaristia; presidiu também a santa missa na paróquia São Miguel de Leauvaa, fez uma conferência aos irmãos e concluiu a visita com uma ceia fraterna em Sinagoga.

Retornou à Austrália no dia 21 de outubro, chegando em Darwin na sexta-feira 22, nas primeiras horas da manhã, para partir em seguida para Dili.

De 23 a 27 de outubro, o padre Chávez esteve no *Timor Leste*, com uma intensa agenda. Encontrou nos primeiros dias em Dili os jovens de Comoro; reuniu-se com os diretores, os membros do conselho inspetorial e os delegados da visitadoria; encontrou as FMA em sua casa inspetorial; presidiu a eucaristia para toda a Família Salesiana, o MJS e autoridades civis; e fez uma saudação à Família Salesiana. Nos dias seguintes, em Fatumaca, falou a toda a comunidade – internos, aspirantes, pré-noviços e noviços – e celebrou uma missa para eles e outra para os cristãos dessa região. Fez ainda uma conferência aos irmãos sobre o significado e o valor da inculturação e foi visitar as comunidades SDB e FMA de Venilale.

Terça-feira 26, depois do café da manhã, o Reitor-Mor partiu para Bacau, onde, depois de visitar o bispo, dom Basílio do Nascimento, encontrou-se com os jovens da escola

salesiana, continuando a viagem de retorno a Dili. À tarde, o Reitor-Mor recebeu a visita do bispo, dom Alberto Ricardo da Silva. À noite jantou com os ex-alunos, entre os quais estava também o presidente da República.

No dia seguinte, embora com muitas incertezas pelo cancelamento do vôo para Bali, o padre Chávez e seus acompanhantes, menos o inspetor, conseguiram encontrar uma outra solução para completar a visita à visitadoria. Foram de novo a Darwin, de onde viajaram para Bali e depois para Jacarta. Chegando ao aeroporto de *Jacarta*, partiram imediatamente para Tigaraksa, onde o Reitor-Mor visitou a obra e fez uma conferência aos noviços, pré-noviços e postulantes. Retornando a Jacarta, reuniu na residência salesiana Dom Bosco os irmãos da Indonésia, aos quais falou sobre a vocação salesiana num ambiente pluralista. Após a santa missa, o padre Chávez concluiu a sua visita à visitadoria num jantar com toda a Família Salesiana, indo depois ao aeroporto para continuar sua viagem em direção ao *Japão*.

A visita à inspetoria japonesa foi realizada de 29 de outubro à 2 de novembro. No primeiro dia em Chofu, Tóquio, o Reitor-Mor fez uma reunião com os diretores e conselheiros inspetoriais, que se concluiu com a

santa missa e o jantar com todos os irmãos do norte do Japão. Aproveitou para saudar, em Akabane, as jovens e os rapazes em dificuldade. À tarde, falou aos conselhos dos diversos grupos da Família Salesiana, celebrou a eucaristia e jantou com eles. No terceiro dia, domingo 31, em Suginami, também na cidade de Tóquio, dirigiu uma mensagem aos professores de Ikuei, celebrou a missa na paróquia de Shimoigusa, construída por dom Cimatti como ato de reconhecimento a Maria Auxiliadora pelo voto feito para que nenhum salesiano morresse durante a guerra. Em seguida teve um diálogo-entrevista com os jovens. Após o almoço, encontrou-se com as Irmãs da Caridade, partindo depois para Miyazaki, berço da presença salesiana no Japão.

Novembro de 2004

Na solenidade de Todos os Santos, o padre Chávez foi visitar a casa-mãe das Irmãs da Caridade, onde cumprimentou as irmãs de todas as comunidades, falando sobre a importância da fidelidade às origens do carisma, à originalidade da vocação, como codificada pelas Constituições, e da santidade do fundador e dos membros da congregação. Voltando para casa, fez uma reunião com os irmãos da comunidade salesiana. À tar-

de encontrou os jovens da escola e, em seguida, celebrou a missa com a Família Salesiana, seguida de um convívio familiar.

No dia seguinte, comemoração de todos os fiéis defuntos, o Reitor-Mor partiu para Beppu. Visitou o bispo de Oita, encontrou-se com os irmãos missionários da região e, à tarde, presidiu a eucaristia para toda a Família Salesiana, à qual se seguiu um encontro familiar. À noite, acompanhado pelo inspetor, pelo regional e pelo seu secretário, o padre Chávez partiu de trem para Fukuoka, onde tomou o avião para Tóquio.

Em 3 de novembro, viajou o dia todo de retorno a Roma, aonde chegou nas primeiras horas da manhã do dia 4. Retornando à sede, pôs-se imediatamente ao trabalho no escritório, recebendo irmãos e atualizando a correspondência.

Sexta-feira, 5 de novembro, o Reitor-Mor deu a boa-noite à comunidade da Casa Geral. No dia 9 à tarde foi ao Vaticano para a gravação da apresentação da Estréia 2005, no interior da capela *Redemptoris Mater*. No dia seguinte, no final da manhã, recebeu o arcebispo de Addis Abeba e, à tarde, dom Adriano Van Luyn, SDB, o bispo de Roterdam, o de Bubanga (Burundi) e o recentemente nomeado dom Joseph Prathan, SDB. Quinta-fei-

ra 11, o padre Chávez reuniu-se com a comissão externa criada para a revisão em curso da UPS.

De 12 a 15 de novembro o Reitor-Mor visitou a Inspetoria da *Eslováquia*. Sexta-feira à tarde encontrou-se com o arcebispo, dom Jan. Sokol, em Trnava e, à noite, com as FMA em sua casa inspetorial. Na jornada de sábado 13 viajou para Kosice, onde se encontrou com as VDB da Circunscrição Leste da Eslováquia, com o conselho inspetorial dos cooperadores salesianos e com os irmãos salesianos do Leste da Eslováquia. À tarde presidiu a eucaristia em honra dos santos protomártires salesianos, dom Versiglia e padre Calisto Caravario, retornando em seguida a Bratislava. Ali ficou durante o domingo para encontrar as VDB da Circunscrição Oeste, os irmãos da Eslováquia Ocidental e, à tarde, concedeu entrevistas para a TV e a rádio e presidiu a eucaristia para a Família Salesiana e os jovens, que culminou com uma programação cultural. À noite, retornando ao estudantado teológico, passou uma noite com a comunidade de formação. Segunda-feira 15 teve uma manhã intensa que compreendeu: celebração da eucaristia para a comunidade; encontro com o presidente do Parlamento da República Eslovaca,

Pavol Hrusovsky; reunião com o conselho inspetorial; e almoço na Nunciatura Apostólica, a convite de dom Josef Nowacki. À noite retornou a Roma.

Terça-feira 16 de novembro, pela manhã, o padre Chávez desenvolveu uma intensa atividade recebendo bispos e irmãos e organizando a correspondência. À tarde foi ao Auxilium para a celebração dos 50 anos da Faculdade de Ciências da Educação.

No dia seguinte o Reitor-Mor trabalhou no escritório e, na quinta-feira 18 de novembro, logo de manhã partiu para *Serra Leoa*. Chegando, visitou à tarde a obra de Lungi e, à noite, falou à comunidade dos irmãos. Sexta-feira 19 celebrou a missa para a Família Salesiana e os jovens e continuou sua viagem para a *Libéria*. Chegando em Monrovia no início da tarde, visitou a Don Bosco Homes, um programa de recuperação de jovens soldados. À noite encontrou-se com a comunidade dos irmãos. No sábado 20 foi celebrado o 25º aniversário da presença salesiana na Libéria, com a eucaristia, um evento cultural e o esporte no centro juvenil Sean Devereux, de Matadi. O Reitor-Mor concedeu uma entrevista para a rádio e, à noite, participou do jantar comemorativo, para o qual foram convidadas as comunidades religiosas e o

clero local. No dia seguinte presidiu a missa na paróquia São José, visitou a casa das Irmãs da Caridade de Madre Teresa e foi para o aeroporto, com destino a Gana, chegando à noite. Devido ao atraso do voo, encontrou-se com alguns irmãos no próprio aeroporto, prosseguindo a viagem para Roma, onde chegou na manhã de segunda-feira.

De 23 a 27 de novembro o padre Chávez participou do *Congresso Mundial da Vida Consagrada*. Nos dias seguintes trabalhou no escritório, recebeu irmãos, encontrou-se com alguns conselheiros, deu uma boa-noite à comunidade da Casa Geral e outra às inspetoras FMA e conselhos inspetoriais da Itália e celebrou para elas a santa missa no dia 19. Concluiu o mês recebendo a presidência da Associação Bíblica Salesiana e, sucessivamente, o padre Luciano Odorico, missionário em Papua Nova Guiné.

4.2 CRÔNICA DOS CONSELHEIROS GERAIS

Vigário do Reitor-Mor

Após o término da sessão de verão do conselho geral, o vigário do Reitor-Mor, padre Adriano Bregolin, foi a Sotckport, Inglaterra, para estudo da língua inglesa. Esteve naquela comunidade até 25 de setembro. Du-

rante a estada pôde fazer breves visitas às comunidades de Bollington, Bolton, Liverpool, Glasgow, Farnborough, Londres e Battersea.

Em setembro retornou brevemente à Itália para participar da beatificação do ex-aluno Alberto Marvelli, que se deu em Loreto, no dia 5 de setembro.

De 3 a 13 de outubro participou dos trabalhos da *sessão intermédia* do conselho geral.

No dia 15 de outubro esteve em Zafferana Etnea, na Sicília, por ocasião do encontro inspetorial da Família Salesiana.

Em 17 de outubro partiu para a *Argentina*, Inspeção de Buenos Aires. Ali, no dia 18, encontrou-se com o conselho inspetorial e, em seguida, com uma representação dos ex-alunos e depois com a equipe inspetorial da Família Salesiana.

Visitou no dia 17 de outubro o colégio Dom Bosco e a igreja Mater Misericordiae, ponto de referência para os primeiros salesianos missionários em 1875. Visitou depois a casa salesiana San Juan Evangelista, no bairro da Boca. Em seguida esteve com o núncio apostólico na Argentina, dom Adriano Bernardini. À tarde manteve um encontro com parte dos salesianos das obras de Buenos Aires. À noite, presidiu a concelebração na basílica de Maria Auxiliadora, com uma

grande representação da Família Salesiana e também com irmãos da Inspeção de La Plata.

No dia 20 foi a Caleta Olivia. Também ali visitou a obra e encontrou os irmãos daquela obra e os de Pico Truncado. Visitou esta última à tarde com um encontro com toda a comunidade educativa do colégio Sagrada Família.

Em 21 de outubro foi a Ríó Gallegos, onde foi recebido pelo governador da Província de Santa Cruz. Encontrou-se com os salesianos, com os jovens da escola elementar e secundária. Visitou também a obra Del Carmen, que se ocupa, na periferia da cidade, sobretudo de meninos de rua e em dificuldade. À noite, celebrou a eucaristia com a Família Salesiana na capela episcopal.

O dia 22 foi dedicado a uma jornada de descanso, em Calafate, com irmãos de várias comunidades da Patagônia.

Foi, no dia 23, a Ushuaia para o centenário daquela obra. No mesmo dia deram-se encontros com o governador do Estado da Terra do Fogo e com o intendente da cidade. À noite houve a grande celebração de ação de graças pelo centenário.

Em 24 de outubro o vigário teve um encontro com os diretores das casas salesianas da Patagônia do Sul e, à tarde, foi a Ríó Grande, onde visi-

tou as obras dos salesianos e fez uma breve visita de cortesia às FMA.

Retornou a Buenos Aires no dia 25 de outubro para ter pela manhã um encontro com os irmãos em formação e, à tarde, foi recebido pelo cardeal Bergoglio, de Buenos Aires. No mesmo dia retornou à Itália.

Partiu no dia 28 de outubro para *Jerusalém* onde, no dia 29, participou das celebrações de inauguração da nova sede do estudantado teológico, no Instituto *Ratisbonne*.

Após retornar à Itália, partiu no dia 31 de outubro para *Madagascar*.

A partir de 1º de novembro, em Fianarantsoa, teve vários encontros com os irmãos estudantes daquela comunidade, com os sacerdotes do quinquênio, com os responsáveis da pastoral juvenil e com outros irmãos. No decurso dessa visita aconteceram encontros de atualização sobre o tema da Família Salesiana.

Retornando a Ivato, encontrou no dia 5 de novembro o conselho inspetorial. Visitou depois as obras de Ijeli, o noviciado de Ambohitrarimo e o centro para meninos de rua de Notre Dame de Clairvaux, na mesma cidade de Ivato. Em seguida, no dia 9 de novembro retornou à Itália.

O vigário participou nos dias 1º a 5 de dezembro do encontro dos inspetores da Europa, em Roma, na Casa Geral.

O conselheiro para a Formação

De 24 de agosto a 10 de setembro de 2004, o conselheiro geral para a Formação fez a terceira visita à Região Ásia Leste e Oceania. Iniciou pela Inspeção das *Filipinas Norte*, onde participou do conselho inspetorial e do curatorium do teologado de Parañaque; encontrou os pós-noviços de Canlubang; fez uma conferência em Batulao sobre “As exigências formativas do CG25” e celebrou a eucaristia para os 64 diretores da região que tinham concluído um curso de formação de duas semanas. Passou depois em Port Moresby, capital de *Papua Nova Guiné* e sede da Delegação Dependente da FIN. Ali se encontrou com os aspirantes, pré-noviços e noviços. Teve um encontro com a comissão de formação da delegação. Fez também uma parada no Catholic Theological Institute, um centro intercongregacional frequentado também pelos nossos estudantes salesianos.

A etapa sucessiva levou-o à Inspeção da Austrália. Em *Samoa*, visitou o noviciado, o Don Bosco Technology Center, o Moama Theological College e as duas paróquias salesianas da ilha de Upolu; encontrou-se também com a Pacific

Formation Commission. Passou depois a *Fiji*, comunidade de pós-noviciado e teologado de Suva e esteve no Pacific Regional Seminary, encontrando-se com as autoridades acadêmicas. Enfim, chegou a *Melbourne*, onde se deteve na comunidade formadora de Clifton Hill, residência dos estudantes salesianos que freqüentam o Catholic Theological Institute. O padre Cereda encontrou-se com o diretor do instituto e informou-se quanto aos programas de estudo. Visitou o arcebispo de Melbourne, que lhe expressou o grande reconhecimento da Igreja local pela presença dos salesianos. Entreteve-se com a comissão inspetorial de formação. Antes de retornar, fez uma parada em Ascot Vale para visitar a nova sede da inspetoria; nos dias anteriores estivera também na comunidade de Engadine, em Sidney.

Retornando à Itália, presidiu no dia 12 de setembro a celebração eucarística no *Colle Don Bosco*, para a profissão perpétua de seis salesianos da Inspetoria ICP, dois salesianos da Inspetoria MOR e uma salesiana da Inspetoria do Piemonte. Em 13 de setembro participou em *La Spezia* do encontro dos jovens salesianos, padres e coadjutores, da Inspetoria Ligure-Toscana.

Em 22 de setembro visitou a comunidade de estudantes de teologia

de *Turim-Crocetta*, para o início do ano acadêmico e para encontros com estudantes, formadores e professores. De 1º a 3 de outubro esteve a *Cracóvia*, onde se encontrou com os pós-noviços e os estudantes de teologia. Em *Przemysl* participou das solenes festas em homenagem ao Beato Augusto Czaratorywski.

Após o conselho geral intermédio, realizado entre 13 e 18 de outubro, o padre Cereda partiu para a Espanha. Em *Barcelona* participou da inauguração do novo ano acadêmico em Martí-Codolar, fazendo uma conferência sobre “O trabalho da formação na Igreja de hoje”; presidiu a eucaristia inaugural e encontrou-se com o colégio dos professores. Encontrou a comissão inspetorial de formação, visitou a abadia de Montserrat e as casas salesianas de Sant Vicenç dels Horts, Tibidabo, Sarrià e Ciudad Meridiana. Esteve depois em Granada, na Inspetoria de *Córdoba*, onde esteve com os noviços, pré-noviços e aspirantes, e com a comissão inspetorial de formação. A última etapa da viagem à Espanha foi a Inspetoria de *Sevilha*, visitando a comunidade dos estudantes de teologia e também o centro de estudo; esteve com os pré-noviços e aspirantes em Cádiz; encontrou a comissão inspetorial de formação e o conselho

inspetorial. Encontrou essas inspetorias, em geral, atentas e preocupadas com a falta de vocações e dispostas à colaboração interinspetorial no campo formativo.

O conselheiro para a formação viajou em seguida para a África, de 18 a 27 de outubro. Primeiramente esteve em *Zâmbia* onde, na capital Lusaka, está o pré-noviciado que acolhe pré-noviços dos quatro países que formam a inspetoria: Namíbia, Malawi, Zimbábue e Zâmbia. Aproveitou a ocasião para uma reunião, durante uma boa parte do dia, com a comissão inspetorial de formação. Passou depois a *Madagascar*, onde apresentou, aos inspetores e delegados da Conferência Interinspetorial da África e Madagascar (CIVAM), uma relação sobre a situação atual de suas comunidades de formação. Depois do encontro com os inspetores, o padre Cereda fez uma visita às comunidades formadoras de Madagascar: pré-noviciado em Tulear, comunidade de pós-noviços e de estudantes de teologia em Fianarantsoa, aspirantado em Betafo e, finalmente, noviciado em Ambuidratrimo, onde entregou as Constituições Salesianas aos noviços.

O conselheiro esteve em *Jerusalém* nos dias 28 a 31 de outubro para participar, com o vigário do Reitor-Mor, da inauguração do ano aca-

dêmico na nova sede de *Ratisbonne*, na presença de numerosas autoridades civis e religiosas. Presidiu depois o *curatorium* e visitou a comunidade de Cremisan.

De 3 a 21 de novembro esteve na Região Interamérica. Visitou as comunidades formadoras do *Centro América*: pré-noviciado, pós-noviciado e teologado da Guatemala; a comunidade de formação específica para salesianos coadjutores do Cresco e a Universidade Dom Bosco de San Salvador; e o noviciado em San José da Costa Rica. Esteve depois em Santo Domingo, Inspetoria das *Antilhas*, onde se encontrou com pré-noviços, noviços, pós-noviços e tirocinantes. Visitou os jovens salesianos em formação de *Haiti*, apreciando o notável trabalho formativo dos irmãos, e o centro de estudos filosóficos, aberto também aos religiosos de Porto Príncipe. Depois voou para Cochabamba, onde estão todas as comunidades formadoras da Bolívia, do pré-noviciado ao teologado; passou também por La Paz, onde encontrou alguns universitários aspirantes. Uma visita veloz ao *Peru* permitiu-lhe cumprimentar os jovens salesianos em formação. O *Equador* foi a última inspetoria visitada: também lá houve o encontro com os jovens salesianos e seus formadores das várias fases, evidenci-

ando o esforço de dar uma sempre maior qualidade à formação. Em cada uma dessas inspetorias encontrou-se com os jovens salesianos e com seus formadores; não faltou o encontro com a comissão inspetorial de formação, às vezes realizado com o conselho inspetorial. Foram também interessantes as visitas a algumas obras importantes de pastoral juvenil das inspetorias visitadas.

O conselheiro participou em Roma, de 23 a 27 de novembro, juntamente com o Reitor-Mor, do *Congresso Mundial da Vida Consagrada* com o tema: "Paixão por Deus, paixão pela humanidade". De 1º a 5 de dezembro participou na Casa Geral, em Roma, do *Encontro dos Inspectores da Europa*. Participou no dia 12 de dezembro do Encontro dos Salesianos Coadjuutores da Inspeção Lombardo-Emiliana, em Como. Enfim, a partir de 17 de dezembro, participou, em Cracóvia, da *Assembléia da Associação Bíblica Salesiana*, convocada sobre o tema: "A leitura orante da Bíblia: *lectio divina* e vida salesiana".

O conselheiro para a Pastoral Juvenil

Terminada a sessão plenária de verão do conselho geral, o conselheiro para a pastoral juvenil participa de 29 a 30 de julho de 2004 do acampa-

mento para animadores da Inspeção Meridional em Acerenza. Em 4 de agosto vai ao Colle Don Bosco, onde participa de alguns *campobosco* da Espanha e Portugal e, em seguida, do *Confronto Europeu* do MJS. De 6 a 9 de agosto compartilha com os jovens animadores a preparação imediata do Confronto e, em continuação, participa dele de 9 a 16 de agosto. Encontram-se cerca de trezentos jovens animadores de dezessete nações da Europa para aprofundar, visitando os lugares da origem do carisma, a mensagem da santidade salesiana, como contribuição específica do MJS à construção da Europa.

Em 30 de agosto, o conselheiro participa da assembléia de início das atividades pastorais da Inspeção de Bilbao, Espanha, desenvolvendo o tema da evangelização.

Reúne-se nos dias 20 a 22 de setembro com o setor da PJ da CISI, para refletirem juntos sobre a proposta dos itinerários de educação à fé. Logo depois, em 23 de setembro, encontra-se com os encarregados inspetoriais e locais da pastoral da Inspeção do Nordeste, em Veneza-Mestre.

De 25 de setembro a 3 de outubro está no *Vietnã* para animar um seminário sobre o "Modelo da pastoral juvenil salesiana"; reúne-se com o conselho inspetorial, os diretores e os

animadores inspetoriais e locais de pastoral; e aproveita para conhecer algumas das presenças salesianas daquela inspetoria.

Retornando à sede, vai a Vasto no dia 10 de outubro para celebrar a eucaristia e inaugurar as novas instalações esportivas do oratório salesiano.

De 10 a 17 de outubro, em Ayagualo, El Salvador, José Luis Anguiano, membro da equipe do Dicastério, participa, em nome do conselheiro, do encontro dos delegados inspetoriais da pastoral juvenil, encarregados inspetoriais das escolas e da marginalização e outros representantes das inspetorias da Região Interamérica; o tema de reflexão e partilha é a formação profissional e a educação ao trabalho na pastoral juvenil salesiana.

Enquanto isso, o conselheiro participa, de 18 a 24 de outubro, do encontro anual da CIVAM em Ivato, Madagascar, para refletir sobre a animação da pastoral juvenil salesiana na região, segundo as linhas do modelo pastoral da Congregação.

Através de Carlos Garulo, faz-se presente na Conferência das IUS 2004, que reúne em Santiago do Chile, de 25 a 29 de outubro, os reitores e representantes das IUS da América e da Europa, para compartilhar e aprofundar os elementos fundamentais do Plano Trienal, “Garantir os fun-

damentos da instituição”, com referência ao II Programa Comum.

Em 29 de outubro, o conselheiro parte para Sevilha, Espanha, a fim de participar do Encontro Ibérico sobre a Pastoral Vocacional.

O fim de semana, de 19 a 21 de novembro, é dedicado à reunião com os delegados inspetoriais das inspetorias da CIMEC e com alguns outros representantes dessas inspetorias, para aprofundarem juntos o tema da identidade da paróquia confiada aos salesianos e realizar o segundo encontro da coordenação pastoral daquele grupo de inspetorias.

O fim de semana seguinte, de 26 a 28 de novembro, o Dicastério e o Âmbito da Pastoral Juvenil das FMA convocam para a Pisana jovens representantes do MJS das inspetorias da Europa, para fazerem uma revisão do Confronto Europeu, celebrado em agosto passado, e iniciar a coordenação europeia do MJS.

O conselheiro para a Comunicação Social

Em julho de 2004 foi realizada em Roma a primeira reunião da *Consulta Mundial para a Comunicação Social*, presidida pelo padre Tarcísio Scaramussa.

Em seguida, nos meses de agosto e setembro, o conselheiro para a

comunicação social fez a *visita extraordinária à Inspetoria São Pio X, de Porto Alegre, Brasil*.

Em outubro, o conselheiro participou, no México, dos encontros da Região Interamérica com os delegados de Comunicação social, em Amatitan, de 18 a 19 de outubro, e com os inspetores, em Guadalajara, de 20 a 21 de outubro. De acordo com a programação do sexênio, o encontro ocupou-se da comunicação social na região e do sistema salesiano de comunicação social.

Em seguida, o padre Scaramussa fez visitas de animação às inspetorias da Venezuela, Colômbia-Bogotá (COB), Equador, Peru e Bolívia. Em Bogotá participou do encontro de comunicadores sociais salesianos e leigos das duas inspetorias da Colômbia.

Retornando a Roma, em 15 de novembro aconteceu a reunião conjunta entre o Dicastério SDB e o Âmbito FMA para a comunicação social.

Durante o período, o Dicastério fez a redação final para impressão de dois subsídios de linhas de orientação: “Sistema Salesiano de Comunicação Social” e “Salesiano e comunicador” (itinerário de comunicação social para a formação inicial). Além disso, foram compilados em língua inglesa o guia de estilo para documentos salesianos (acessível

também em rede: www.sdb.org) e outros subsídios e programas de suporte para a tradução e arquivamento (Léxico, Compêndio de terminologia salesiana, Memória de tradução). Colaborou-se também na coordenação da tradução inglesa do texto “Elementos jurídicos”. Foi inaugurada no portal uma nova *área reservada* para os ecônomos inspetoriais, foi feita a separação da database de ANS e SDB e iniciada a inserção de documentos mais antigos da Congregação em todas as línguas.

A Agência ANS produziu 631 notícias, 119 FotoCover, 2 ANSMag, 26 DigitalPhoto, 6 Service, 5 Vídeoinformações em colaboração com EuroFilm Missões Dom Bosco, produção mensal de ANS Agenda e ANSFoto, continuação do serviço de ANSInfoLetter com o envio aos usuários duas vezes por semana. Em agosto, a agência colaborou ativamente com o Dicastério para a Pastoral Juvenil com o Escritório de Imprensa do Confronto Europeu 2004, cuidando da sua informação, da vídeo-crônica da missa de conclusão, presidida pelo Reitor-Mor, e de um programa de apresentação do evento com duração de 20 minutos, transmitido via satélite por Telepace, e tomados por Eurofilm de Missões Dom Bosco, Turim, que cuidou da direção. Produziu a vídeo-

apresentação da Estréia 2005 e o pôster da mesma. Foram, enfim, difundidos três importantes comunicados de imprensa: o primeiro, sobre a condenação da pedofilia e uma resposta às acusações trazidas por um jornal norte-americano; o segundo, sobre as atividades desenvolvidas pela Don Bosco Foundation, na China; e o terceiro, sobre as declarações dos salesianos da Inspetoria de Lubumbashi a respeito das violências sofridas injustamente por alguns jovens acusados e trucidados.

O conselheiro para as Missões

O conselheiro geral para as Missões trabalhou nesse período principalmente na condução de algumas visitas às missões salesianas e alguns seminários para a Família Salesiana.

De 25 a 30 de julho de 2004, com o padre Franco Assom, visitou as presenças salesianas do sul da *Tailândia*, particularmente em Suratthani. Não se pode deixar de apreciar ali o grande trabalho feito até agora nas áreas rurais e o trabalho das novas gerações em prosseguir-lo. Deve-se notar também como o esforço missionário esteja concentrado sobretudo no apostolado da escola. A colaboração com outros ramos da Família Salesiana na Tailândia é evidente.

De 31 de julho a 3 de agosto, o conselheiro animou o seminário sobre *missio ad gentes* para a Ásia Oriental, realizado em Hua Hin, Tailândia, em colaboração com irmã Ciriaca Hernández, conselheira para as Missões das FMA (presente também nos sucessivos seminários de Port Moresby, Nairobi e Kinshasa). Aberto a toda a Família Salesiana, o seminário viu a participação de 75 pessoas, na maior parte salesianos e salesianas. Pensado como ajuda na compreensão e resposta aos desafios da *missio ad gentes* na Ásia Leste, o seminário foi uma boa oportunidade para infundir novo interesse sobre o tema.

O padre Francis Alencherry foi depois a *Mianmar*, em Yangon, para presidir a inauguração da nova Visitadoria MYM e dar posse ao primeiro superior, padre Joaquim Ye Maung. A cerimônia de inauguração foi em 6 de agosto, festa da Transfiguração do Senhor, na presença dos dois arcebispos, dom Paul Grawng, de Mandalay, e dom Charles Maung Bo, SDB, de Yangon. Havia uns trinta sacerdotes concelebrantes, entre os quais o inspetor de Calcutá acompanhado de vários irmãos da inspetoria. A cerimônia foi bem preparada, contribuindo para infundir otimismo e entusiasmo nos irmãos da recém criada visitadoria. O conselheiro aproveitou os poucos dias passados

no país para vários encontros de animação com todos os irmãos da visitadoria, além do novo conselho.

Foi planejada também uma visita ao Vietnã. Porém, não foi possível realizá-la por causa de problemas com o visto de entrada. Indo, então, à casa inspetorial de Calcutá, de 8 a 9 de agosto, o padre Francis pôde encontrar-se com vários irmãos sobre missões salesianas. Foi então para Kerala, seu estado natal, para alguns dias com sua irmã, cujo marido havia falecido há pouco num acidente.

Nos dias 15 a 16 de agosto, em Nova Déli, esperando o vôo que o levaria a Port Moresby, pôde visitar as casas salesianas de Ashalayam, Najafgarh, Centro SPCI (escritórios da Conferência Inspetorial da Ásia Sul), além da casa inspetorial.

O período entre 17 de agosto e 8 de setembro serviu para o conselheiro fazer uma visita de animação missionária, com um seminário, em *Papua Nova Guiné* e fazer a *visita extraordinária às Ilhas Salomão*, de 20 a 23 de agosto, em colaboração com o regional padre Václav Klement, que estava empenhado no Japão, inspetoria à qual pertencem as Ilhas Salomão. A propósito delas, é muito encorajador ver junto à escola técnica de Honiara o trabalho feito até agora, com rápido cresci-

mento e grande satisfação também entre o povo do lugar.

A segunda presença de Teteré compreende uma paróquia e um nascente centro para agricultura e artesanato (Rural Training Centre) com a cooperação do povo.

O conselheiro, em Papua Nova Guiné, pôde visitar todas as presenças salesianas do país e apreciar “em primeira pessoa” o impressionante trabalho realizado nesses vinte e quatro anos. Não se esconde, por outro lado, a grande necessidade de consolidação, tanto no que diz respeito ao pessoal quanto à promoção de vocações locais.

De 4 a 7 de setembro foi realizado o seminário em Port Moresby, paralelo ao já acontecido em Hua Hin, do qual participaram umas trinta pessoas: FMA e SDB, além de alguns cooperadores e ex-alunos, vindos de Papua Nova Guiné, Ilhas Salomão, Austrália e Samoa. Também nessa ocasião foi boa a experiência de animação missionária com a finalidade, sobretudo, de esclarecer as prioridades da *missio ad gentes* para a Oceania.

De 9 a 26 de setembro o padre Francis está em Roma para ultimar os preparativos do curso de preparação para os novos missionários. Este se desenvolve pela primeira vez no arco

de duas semanas inteiras, de 12 a 26 de setembro, após o discernimento feito com alguns missionólogos no ano anterior. Pela primeira vez a cerimônia do mandato missionário, com a entrega do crucifixo aos catorze salesianos, seis salesianas e alguns leigos da Itália e da Polônia, foi realizada no Colle Don Bosco, por causa dos trabalhos de restauração em curso na basílica de Maria Auxiliadora, em Turim. Sempre muito participada e envolvente, a celebração foi no templo superior.

Retornando a Roma, o conselheiro, com o padre Maurice Vallence, partiu para Washington, USA, para um encontro, de 27 de setembro a 4 de outubro, com os encarregados das procuradorias e das ONG salesianas internacionais. O principal tema dizia respeito aos Development Offices (Escritórios de Desenvolvimento) nas inspetorias, tema que será retomado depois num nível mais amplo no seminário que acontecerá em Roma, entre março e abril de 2005.

O padre Fracis participa em Roma, de 4 a 14 de outubro, da *sessão intermédia* do conselho geral.

Durante o período de 15 a 26 de outubro o conselheiro está em *Angola* para uma visita de animação bem preparada e planejada pelo superior da visitadoria. Tem assim a oportuni-

dade visitar todas as presenças salesianas do país, animando os irmãos em suas atividades pastorais e constatando com alegria o espírito com que enfrentam as muitas e notáveis dificuldades. Outra fonte de otimismo funda-se nos vários milhares de catecúmenos que, nas várias comunidades, estão se formando com um sério caminho de preparação para a receber os sacramentos da iniciação. A visita concluiu-se com uma reunião com o conselho inspetorial.

Entre 26 e 31 de outubro, embora com poucos dias a disposição, o conselheiro vai à *África do Sul* e consegue visitar todas as presenças salesianas da jovem Visitadoria AFM, sobretudo graças ao excelente trabalho de planejamento do superior. É notável o trabalho com os meninos de rua em Cidade do Cabo, o centro de animação juvenil de Walkerville e as atividades em *Lesoto* e *Suazilândia*.

O seminário já acontecido na Ásia e na Oceania é oferecido, nos dias 1 a 5 de novembro, também no continente africano, com a presença ativa do conselheiro regional e ainda também com a colaboração da irmã Ciriaca Hernández, primeiramente em língua inglesa em Nairobi, Quênia. Sempre aberto a toda a Família Salesiana, teve a adesão de 35

peçoas. Foi uma ocasião boa para aprofundar os muitos problemas ligados à *missio ad gentes* que interessam às inspetorias. Em seguida, de 8 a 12 de novembro, uma experiência análoga é vivida para os países de língua francesa e portuguesa, em Kinshasa, Congo, da qual participam 44 pessoas.

Ao final do seminário, o padre Francis pôde visitar todas as presenças salesianas da Delegação de *Ruanda e Burundi* e quase todas as da *República Democrática do Congo*. Pôde também manter muitos encontros com vários grupos de irmãos, com o conselho da delegação e com o conselho inspetorial. Quase todas as obras dessa inspetoria são para jovens pobres e marginalizados, o que dá boas esperanças também para o futuro. No momento há 45 pré-noviços, entre inspetoria e delegação. Devendo passar por Zâmbia, pôde visitar a comunidade de Cingola.

Em 28 de novembro retornava a Roma para o Encontro dos Inspetores da Europa e, depois, da sessão de inverno do conselho geral.

O ecônomo geral

Concluída a sessão plenária de verão do conselho geral, o padre Mazzali pregou os exercícios espirituais às noviças FMA dos novicia-

dos de Castelgandolfo e de Missaglia, de 25 de julho a 1º de agosto, na Casa Geral.

De 6 a 8 de agosto visitou Istambul, principalmente por causa da situação financeira da obra salesiana da capital da Turquia. Em seguida, esteve empenhado por alguns dias ouvindo e selecionando os gestores da Sociedade Polaris.

O padre Mazzali pregou, nos dias 22 a 28 de agosto, os exercícios espirituais a um grupo de irmãos da ICP em Cogne, Val d'Aosta. Depois, como em todos os anos, animou o acampamento dos meninos e jovens do oratório Dom Bosco de Sangano, Turim. Depois de um período de repouso em família, participou no dia 16 de setembro do Conselho de Administração da SEI, em Turim.

Após a sessão intermédia do conselho geral, esteve na Inspetoria do Paraguai, de 18 a 27 de outubro, visitando algumas obras e encontrando os responsáveis da inspetoria.

Enfim, de 1º a 25 de novembro fez a *visita extraordinária à Inspetoria da Holanda*.

O conselheiro para a Região África-Madagascar

O conselheiro regional para a África-Madagascar, padre Valentín de Pablo, realizou as seguintes ativida-

des durante o período de julho a novembro de 2004:

De 25 a 31 de julho, o conselheiro regional *encontrou-se com o Reitor-Mor* em sua permanência no Quênia. O Reitor-Mor foi à África para pregar os exercícios espirituais aos diretores e conselheiros inspetoriais da zona de língua inglesa da região. Sua presença foi um momento forte de animação e formação permanente dos 93 diretores e dos membros dos conselhos inspetoriais, que estavam presentes. No final dos exercícios espirituais o Reitor-Mor pôde encontrar-se com os irmãos das comunidades salesianas do Quênia e viver uma jornada de festa com toda a Família Salesiana na Paróquia-Santuário de Maria Auxiliadora de Upper Hill, em Nairobi.

De 13 a 15 de agosto, o conselheiro regional foi a Lubumbashi, República Democrática do Congo, para assistir à *consagração episcopal* de dom Gaston Ruvezi, salesiano, como bispo de Sakania-Kipushi, ao sul do Congo. Atualmente são dois os bispos salesianos congolezes. O outro é dom Jean-Pierre Tafunga, bispo de Uvira.

De 20 a 22 de agosto, foi à Etiópia para dar posse ao padre Alfredo Roca para um segundo mandato como *superior da Visitadoria*

Eritreia-Etiópia (AET). A cerimônia aconteceu no noviciado de Debret-Zeit, no dia da festa da comunidade inspetorial. Durante a eucaristia, o conselheiro regional recebeu a profissão religiosa de onze noviços da visitadoria.

Visita extraordinária à Visitadoria Maria Auxiliadora dos Cristãos (ZMB), com sede em Lusaka (Zâmbia). Em nome do Reitor-Mor, o conselheiro regional fez a visita extraordinária à visitadoria, que se estende por quatro países: Zâmbia, Zimbábue, Malauí e Namíbia. Nela vivem sessenta irmãos e oito noviços. Vinte e dois desses irmãos são vocações locais, dos quais treze já são professos perpétuos. Os irmãos trabalham em catorze presenças: oito em Zâmbia, dois em Malauí, dois em Zimbábue e dois na Namíbia. A chegada dos primeiros salesianos missionários a Zâmbia aconteceu em 12 de outubro de 1982 e, em setembro de 1999, foi criada a visitadoria. A visita começou oficialmente em 15 de agosto e terminou em 15 de outubro. Seguindo um calendário preestabelecido, o conselheiro regional pôde encontrar-se com todos os irmãos e visitar todas as comunidades. Teve oportunidade de participar do *Festival da Juventude Salesiana*, que se deu em Lilongwe, Malauí, com cerca de quinhentos rapazes e moças vindos dos quatro paí-

ses da visitadoria. Junto com a visita, o conselheiro fez a consulta para a nomeação do novo inspetor.

De 17 a 25 de outubro, o conselheiro regional esteve em Madagascar para presidir a reunião anual da *Conferência dos Inspectores da África e Madagascar* (CIVAM). O tema central de reflexão neste ano foi a “Pastoral juvenil”, orientado pelo conselheiro geral, padre Antonio Domenech. Outros temas de estudo foram: a avaliação da formação dos salesianos na região, com uma relação apresentada pelo conselheiro geral, padre Francesco Cereda, e a consideração dos primeiros passos de coordenação da formação profissional na região.

Visita de animação a Moçambique. Vindo de Madagascar e a caminho de Nairobi, o regional deteve-se, de 16 a 30 de outubro, em Moçambique, para participar da reunião do Curatorium de Angola e Moçambique para as casas de formação em comum: noviciado e pós-noviciado. Aproveitou a ocasião para visitar as seis comunidades do sul do país e encontrar-se com os irmãos.

Seminários de missiologia. O conselheiro regional participou dos dois seminários de missiologia, organizados pelos conselheiros gerais para as missões SDB e FMA. Para os

irmãos de língua inglesa, o seminário aconteceu em Nairobi, Quênia, nos dias 1º a 5 de novembro. Para os de línguas francesa e portuguesa, o seminário foi em Kinshasa, R. D. do Congo, de 8 a 12 de novembro. O tema foi: “Os desafios da missão *ad gentes* na África-Madagascar”, à luz da Exortação Apostólica *Ecclesia in Africa* no 10º aniversário do Sínodo para a África. Um dos objetivos era o de dar um novo impulso à espiritualidade e ao trabalho missionário da Família Salesiana na África.

Visita do Reitor-Mor à Libéria e Serra Leoa. De 19 a 22 de novembro, o conselheiro regional acompanhou o Reitor-Mor em sua visita à Libéria. Acontecia o 25º aniversário da chegada dos salesianos ao país e a presença do Reitor-Mor quis ser um sinal explícito de apoio e de conforto aos irmãos que estão trabalhando nos dois países martirizados há anos pela guerra civil.

Consulta para o novo inspetor da África Central (AFC). Durante o mês de novembro, o conselheiro regional foi à República Democrática do Congo para promover a consulta em vista da nomeação do novo inspetor. Nos dias 13 e 14 aproveitou para encontrar os irmãos das três comunidades da capital, Kinshasa. De 23 a 30 foi ao sul do país para encontrar-se

com os irmãos das numerosas comunidades ao redor de Lubumbashi. Uma visita particular desejada pelo regional foi à Comunidade de Mbuyi-Maji, no centro do país, nos dias 16 a 28 de novembro. Essa comunidade sofreu há dois meses um ataque de grupos de populares armados que queriam matar meninos de rua e assistiu, impotente, à morte e à queima de dois meninos no pátio da comunidade.

Em 1º de dezembro, o conselheiro regional retornou a Roma para o início da sessão de inverno do conselho geral.

O conselheiro para a Região América Latina-Cone Sul

Visita extraordinária à Inspeção do Uruguai

Terminada a sessão de verão do conselho geral, imediatamente depois, em 25 de julho, o conselheiro regional iniciou a *visita extraordinária* à Inspeção do Uruguai. A visita foi interrompida duas vezes. A primeira vez, de 18 de agosto a 9 de setembro, para acompanhar o Reitor-Mor na visita a quatro inspeções do Brasil: São Paulo, Porto Alegre, Campo Grande e Manaus. A segunda, para participar da reunião dos inspetores do Brasil, CISBRASIL, realizada em Porto Alegre nos dias 24-25 de setembro. A visita ao Uruguai terminou com um

encontro com os diretores e uma reunião específica com o conselho inspetorial, para apresentar algumas orientações.

Durante a visita extraordinária, o regional pôde encontrar-se diversas vezes com o conselho inspetorial, com todos os diretores, visitar todas as obras e dialogar pessoalmente com todos os salesianos. Pôde ainda encontrar-se com as comunidades educativas, alunos, membros da Família Salesiana e manter contato com os bispos locais.

Visita extraordinária à Inspeção de Rosário

De 1º outubro a 27 de novembro, o regional fez a *visita extraordinária* à Inspeção de Rosário, Argentina. Também nessa inspeção, durante a visita, o regional encontrou-se diversas vezes com o conselho inspetorial e com todos os diretores, para visitar todas as obras e dialogar pessoalmente com todos os salesianos.

Durante a visita foi feita a consulta para a nomeação do novo inspetor de Rosário, tendo o atual chegado ao término de seu mandato. Para isso, aconteceram três encontros de um dia de discernimento em três regiões da inspeção: Rosário, Resistencia e Paraná. Cada um desses encontros compreendia um tempo de oração, trabalho em grupo para

avaliação da caminhada durante o sexênio, assembléia plenária para compartilhar o trabalho realizado nos grupos e um tempo de reflexão pessoal com a possibilidade de escrever a própria opção dos nomes de três candidatos a inspetor. Concluía-se o encontro com a concelebração eucarística. Em todos os encontros a participação foi total.

A visita a Rosário terminou com uma reunião específica com o conselho inspetorial para apresentar algumas orientações.

Reuniões com as conferências inspetoriais

De 12 a 16 de novembro, o regional participou da Conferência Inspetorial do Sul (CISUR), em Zavalla, inspetoria de Rosário. Foram realizadas quatro reuniões. A primeira, nos dias 12 e 13 de novembro, com os inspetores e delegados da conferência, para preparar a visita de conjunto e refletir sobre a situação da própria conferência, além de avaliar os encontros realizados e o andamento da formação e da pastoral. O dia 14 foi dedicado a um encontro apenas com os inspetores da Argentina (JIAR), para refletir sobre a situação específica da Argentina: perspectivas de sinergias, Curatorium do noviciado, IUS etc. No dia 15 houve o encontro dos inspetores com as inspetoras

da região e, no dia 16, o encontro dos inspetores e das inspetoras da Argentina (RIA) com os responsáveis ou delegados da Família Salesiana, para estudar a situação da Família Salesiana na Argentina. Estavam presentes os seguintes grupos: SDB, FMA, VDB, CCSS, Ex-alunos e Ex-alunas, Damas Salesianas.

A reunião da CISBRASIL foi realizada nos dias 24 e 25 de setembro em Porto Alegre, e teve dois momentos importantes, um deles no qual os inspetores e delegados da CISBRASIL prepararam a próxima visita de conjunto, e outro para refletir sobre alguns problemas específicos da região: o andamento do projeto político-pedagógico para a Rede Salesiana de Escolas, a formação e o projeto para a formação do salesiano coadjutor.

Em 3 de dezembro, o regional retornou à Casa Geral para a sessão de inverno do conselho geral.

O conselheiro para a Região Interamérica

O conselheiro para a Região Interamérica, logo que terminou a sessão de verão do conselho geral, partiu no dia 25 de julho para Toronto, Canadá, a fim de participar de um curso de inglês de duas semanas, compartilhando a vida comunitária com os irmãos dessa cidade. Participou ali do

encerramento do acampamento de férias organizado pelos salesianos da paróquia de São Bento. Durante sua permanência no Canadá encontrou-se também com o superior da visitadoria, padre Luc Lantagne.

Em 6 de agosto foi a Nova Iorque para uma visita aos familiares. No dia 7, em Paterson, presidiu a eucaristia da profissão perpétua de dois irmãos da SUE. Nessa ocasião teve a oportunidade de cumprimentar o padre James Heuser, inspetor da SUE.

Em 14 de agosto o conselheiro foi a Santo Domingo, onde se encontrou com o padre Pastor Ramírez Fernández, inspetor da ANT. No dia seguinte, foi para Havana, Cuba, e, no dia do nascimento de Dom Bosco, presidiu a eucaristia. Nessa ocasião também se deu graças ao Senhor pelos 50 anos de profissão religiosa do padre Guillermo García Montañó, que foi conselheiro para a Região Pacífico-Caribe, do padre Teófilo Castillo, vigário inspetorial da ANT, e do padre Jesús María Tejada. Nos dias 17 e 18 foi a Santa Clara visitar os irmãos da comunidade e conhecer o belo trabalho pastoral que se vai fazendo nas duas paróquias aos cuidados dos salesianos, que animam várias pequenas comunidades cristãs. No mesmo dia 18 partiu de Havana para Santa Cruz (Bolívia).

De 19 a 21 de agosto, o padre Esteban Ortiz González foi à Bolívia para animar a *consulta para a nomeação do novo inspetor*, em três sucessivas reuniões: no dia 19 reúne-se com os irmãos de São Cruz e das comunidades próximas; no dia 20 promove um encontro em Cochabamba para os salesianos daquela zona; no dia 21 reúne-se com os irmãos das comunidades de La Paz e arredores. Aproveitando a permanência em La Paz, o regional visita a sede da Universidade Salesiana, participando do ato de entrega dos diplomas a um grupo de estudantes.

No dia 22 viajou para Lima, onde esteve com o novo inspetor do Peru, padre Vicente Santilli, e no dia seguinte fez uma reunião com o conselho inspetorial. No dia 24 de agosto foi a Quito, onde se encontrou com o padre Francisco Sánchez Carrión, inspetor do Equador. Na sexta-feira 27, chegou a Guayaquil para cumprimentar os irmãos da comunidade. Em seguida, foi a Machala para encontrar-se com os salesianos e cumprimentar os membros das comunidades cristãs locais.

No domingo 29 de agosto, o regional foi ao Panamá, a fim de iniciar a animação da *consulta para o novo inspetor da CAM*. Durante uma semana, em cada dia animou um encontro na capital de cada país onde a

inspetoria está presente: Panamá, em Panamá; San José, na Costa Rica; Manágua, em Nicarágua; Tegucigalpa, em Honduras; San Salvador, em El Salvador; e Guatemala, na Guatemala.

No domingo, 5 de setembro, padre Esteban Ortiz chega em Guadalajara, México, para iniciar a *visita extraordinária*, em nome do Reitor-Mor, à *Inspetoria de Cristo Rei e Maria Auxiliadora (MEG)*. No dia 6, após a primeira visão do material preparado para a visita, reúne-se com o inspetor, padre Héctor Guerrero Córdova, e o seu conselho, e – a partir desse mesmo dia – começa a percorrer as 28 comunidades da MEG, iniciando na presença missionária de San Antonio Las Palmas, na prelazia mixopolitana.

O regional interrompe a visita no dia 11 de outubro para ir à Cidade do México, para uma reunião com o inspetor, padre Luis Rolando Valerdi Sánchez, e o seu conselho, com a finalidade de fazer uma avaliação da atuação das orientações dadas na visita extraordinária do ano de 2003.

Em 12 de outubro foi a El Salvador para participar do encontro sobre a pastoral do trabalho, da qual participaram o padre José Luis Anguiano, do Dicastério da Pastoral Juvenil, o padre Rafael Borges, do Centro Salesiano Regional de Formação Per-

manente (SRFP) de Quito, os delegados inspetoriais da pastoral juvenil da Região Interamérica e os responsáveis das obras de marginalização da região.

O regional retornou no dia 16 a Guadalajara para ultimar a preparação do encontro anual dos inspetores da região. À tarde de domingo, dia 17, teve uma primeira reunião com os inspetores da Zona Andina (COB, COM, ECU, PER e BOL), com a finalidade de analisar os processos de formação existentes para a preparação ao presbiterado durante os estudos teológicos. Um segundo momento do encontro aconteceu no dia 19.

A partir do dia 18 de outubro, o conselheiro regional coordenou o *IX Encontro dos Inspetores da Interamérica*. O primeiro dia teve início com um retiro espiritual animado pelo padre Macrino Guzmán Guzmán, ex-inspetor da MEG; no segundo dia foi analisada a situação dos centros de formação permanente da região (Berkeley, Cresco de San Salvador, CSRFP de Quito); durante o terceiro e quarto dias, com a presença do padre Tarcísio Scaramussa, conselheiro geral para a Comunicação Social, acompanhado pelo padre Renato Butera, foi apresentado e estudado, em vista da sua aplicação nas inspetorias, o Sistema Salesiano de Comunicação Social, elaborado pelo Dicastério; o

quinto dia foi dedicado à preparação da visita de conjunto do próximo ano, que se dará em Bogotá, em outubro de 2005; no último dia, os inspetores fizeram um pequeno giro para conhecer a presença salesiana em Irapuato (aspirantado, pré-noviciado, centro juvenil e templo de Dom Bosco) e, em Leon (santuário de Dom Bosco e projeto Niños de Don Bosco).

No dia seguinte, 24 de outubro, o conselheiro regional retomava a visita às comunidades da MEG, que se concluiu em 28 de novembro, com a visita a Mexicali, na fronteira com os USA, onde os salesianos têm uma paróquia e um oratório.

Em 2 de dezembro, no salão do Instituto Teológico Salesiano de Tlaquepaque, Guadalajara, deu-se pela manhã a apresentação da relação final da visita extraordinária, com a presença do inspetor e do seu conselho, dos diretores de todas as comunidades salesianas e de um bom grupo de irmãos (mais de 100 salesianos no total). À tarde do mesmo dia, o regional reuniu-se com o inspetor e o seu conselho, concluindo, assim, a visita extraordinária.

No dia 3 de dezembro, o padre Estéban Ortiz, representando a região, foi a Quito para participar das celebrações do 30º aniversário do CSRFP e do 50º de ordenação do padre

Fernando Peraza Leal, fundador desse centro e que, em todos esses anos, esteve ali trabalhando.

Em 5 de dezembro, o regional partiu para Roma, a fim de participar da sessão de inverno do conselho geral.

O conselheiro para a Região Ásia Leste-Oceania

Tão logo concluída a sessão plenária de verão do conselho, o conselheiro para a Região Ásia Leste-Oceania partiu para participar do *Seminário de Animação Missionária*, realizado em Hua Hin, Tailândia, de 30 de julho a 3 de agosto, do qual participaram oitenta membros de sete diversos ramos da Família Salesiana e, pela primeira vez, também quatro inspetores e quatro delegados da PJ das oito inspetorias da Ásia Leste. Após o seminário, o regional permaneceu ali para uma reunião da comissão preparatória da próxima visita de conjunto da região, e um breve encontro de animação com o conselho inspetorial da THA.

O padre Klement esteve depois nas *Filipinas*, nos dias 7 a 11 de agosto, para uma visita de animação à inspetoria de Cebu (FIS). Visitou duas comunidades distantes do centro inspetorial: Borrogan (Eastern Samar) e Mati, Maa (Mindanao). Em Cebu encontrou-se com o conselho inspetorial dos cooperadores, com-

partilhou uma jornada de retiro com cinqüenta irmãos de Cebu e terminou participando de uma reunião com o conselho inspetorial.

Em seguida, passou seis dias numa visita de animação à Inspeção do Vietnã, de 12 a 16 de agosto, que foram marcados pela participação da primeira profissão de vinte irmãos, da profissão perpétua de oito irmãos, e pelo início do noviciado para trinta e seis jovens.

Próximo a Manila, na casa de retiros Maria Auxiliadora em Batualo, aconteceu o primeiro *Seminário para os Diretores da Região*, de 17 a 28 de agosto, com a participação de 64 diretores e cinco inspetores da região. As jornadas, animadas pelo padre Julian Fox e padre Chrys Saldanha, foram uma oportunidade para conhecer em maior profundidade os desafios da animação espiritual das comunidades. A presença de cinco inspetores foi ocasião para uma outra jornada preparatória para a próxima visita de conjunto da região.

A consulta para o novo inspetor de Manila-Filipinas Norte aconteceu de 28 a 30 de agosto em quatro lugares diversos, com a participação de quase todos os irmãos residentes na inspeção. Um encontro com o conselho inspetorial, junto com o padre Cereda, encerrou a visita do padre Klement às Filipinas.

Em 1º de setembro, o conselheiro regional iniciou a *visita extraordinária à Inspeção do Japão*, concluída no dia 22 de novembro. A visita foi interrompida três vezes: o padre Klement acompanhou Reitor-Mor durante a celebração do 50º da presença salesiana na Coreia do Sul (16 a 21 de setembro); participou da sessão intermédia do conselho geral, em Roma (9 a 13 de outubro); e por 22 dias, de 13 de outubro a 2 de novembro, acompanhou o Reitor-Mor em sua visita a três inspeções da região: AUL (Austrália e Samoa), ITM (Timor Leste e Indonésia) e GIA (Japão). No último dia da visita, participou em Tóquio das celebrações do 75º aniversário da presença das FMA no Japão.

Concluída a visita extraordinária ao Japão, o padre Klement retornou a Roma para a participar do Congresso da Vida Consagrada (24 a 27 de novembro), juntamente com o Reitor-Mor e o padre Cereda. De Roma foi a Bratislava para promover a consulta para o novo inspetor da Inspeção da Eslováquia (18 de novembro a 1º de dezembro) em três diversos lugares da inspeção. Depois de uma breve parada com a família em Brno, na República Tcheca, retornou a Roma, no dia 6 de dezembro, para a sessão de inverno do conselho geral.

O conselheiro para a Região Ásia Sul

Logo após a conclusão da sessão de verão do conselho geral, o conselheiro para a Região Ásia Sul, padre Joaquim D'Souza, partiu para a Índia a fim de iniciar as consultas para novos inspetores das duas inspetorias de Tamil Nadu: *Chennai* (INM) e *Tiruchy* (INT). Passando por diversos centros, para os quais foram convocados os irmãos, o conselheiro teve encontros de diálogo e de discernimento com vários grupos. Concluída a consulta, o padre D'Souza foi ao *Sri Lanka*, onde no dia 14 de agosto participou da ordenação presbiteral de quatro diáconos. Em 15 de agosto, solenidade da Assunção de Maria, encontrou-se com o conselho da nova Visitadoria do Sri Lanka (LKC) e, em seguida, com os diretores. À noite, participou da celebração eucarística, presidida pelo nuncio apostólico, dom Mario Zennari, durante a qual leu o decreto de *ereção da Visitadoria São José*, com sede em Colombo. No dia seguinte, aniversário do nascimento de Dom Bosco, inaugurou o ano acadêmico do pós-noviciado de Kotadeniyawa e pregou o retiro mensal da comunidade. À noite, encontrou-se com o arcebispo emérito de Colombo, dom Fernando Nicholas Mark.

Do Sri Lanka, o padre Joaquim D'Souza foi ao Nordeste da Índia, onde presidiu a reunião da Conferência Inspetorial da Região (*SPCSA Council*, de 20 a 23 de agosto), inaugurando no dia 21 de agosto o novo colégio universitário de Ciências da Educação, para professores de escolas secundárias (Don Bosco College of Education). Em 25 de agosto retomou a *visita extraordinária à Inspetoria de Guwahati* (ING), iniciada em abril passado. Interrompendo a visita, o conselheiro regional foi a Goa, no dia 31 de agosto, para a solene inauguração da *nova Visitadoria de Konkan* (INP), dedicada ao Beato José Vaz. Durante a celebração eucarística, presidida pelo Patriarca de Goa e Daman, dom Filipe Néri Antônio Sebastião Rosário Ferrão, o novo superior fez a profissão de fé na presença dos inspetores de Mumbai (INB), padre Ivo Coelho, de Delhi (INN), padre Charles Lobo, de Bangalore (INK), padre José Kuttianimattathil, e de Portugal (POR), padre Joaquim Mendes, além de numerosos irmãos e membros da Família Salesiana. No dia seguinte, o padre D'Souza encontrou-se com os dois conselhos INB e INP em reunião conjunta para redigir a convenção contemplada no decreto de ereção.

Em 3 de setembro, o regional retomou a visita extraordinária da Inspeção de Guwahati, passando por todas as casas e presenças no Estado de Meghalaya e naquelas da parte inferior do Estado do Assam, encontrando todos os irmãos aí residentes e as comunidades das FMA, MSMHC e VSDB, que colaboram conosco na pastoral missionária e educativa. No dia 8 de outubro esteve no palácio do governador de Meghalaya, S. E. M. M. Jacob, juntamente com todos os bispos do Nordeste, para uma recepção ao núncio apostólico na Índia, dom Pedro López Quintana. Dois dias depois, 10 de outubro, participou da solene procissão eucarística em Shillong, presidida pelo mesmo núncio apostólico, que viu milhares de fiéis de várias tribos, vindos de todas as partes do Nordeste para honrar o Santíssimo Sacramento neste ano eucarístico. Durante a visita, o conselheiro regional esteve também com o arcebispo de Guwahati, dom Thomas Menampampil, SDB; com o arcebispo de Shillong, dom Dominic Jala, SDB; com o bispo de Tura, dom George Mamalassery e o seu coadjutor, dom Andrew Marak; e com o bispo de Bongaigaon, dom Thomas Pullopillil. Pôde encontrar-se, também, com a madre geral das Irmãs MSMHC, madre Mary Thadavani, a inspetora MSMHC

de Shillong, irmã Chitine Mynsong, a inspetora MSMHC de Tezpur, irmã Mary Sebastian, a inspetora FMA de Shillong, irmã Phyllis Bamon.

Concluída a segunda fase da visita extraordinária à Inspeção de Guwahati, em 28 de novembro, com uma reunião do conselho inspetorial, o conselheiro regional foi a Goa, para três dias de repouso com a família. Ali, no dia 3 de dezembro, pode participar da solene exposição decenal das sagradas relíquias de São Francisco Xavier, patrono das missões, bem como da Índia e da Inspeção de Mumbai. Em 5 de dezembro, o padre D'Souza retornava à sede de Roma para a sessão invernal do conselho geral.

O conselheiro para a Região Europa Norte

Ao final da sessão de verão do conselho geral, o padre Albert Van Hecke foi à Bélgica para assistir a alguns momentos significativos do encontro *Eurizon*, do MJS, organizado pela Inspeção Bélgica-Norte para os jovens da Região Europa Norte. De 25 a 30 de julho, cerca de trezentos jovens, vindos de doze inspeções da região, puderam viver uma semana no espírito do MJS. Através de um vastíssimo leque de propostas educativas, recreativas e espirituais, os jovens, graças também à perfeita

organização, viveram uma semana fantástica na alegria, na fraternidade e na partilha. A semana terminou com uma celebração eucarística, presidida por dom Luc Van Looy, e com uma grande festa juvenil. Os responsáveis presentes decidiram por um novo *Eurizon* na Inspeção da República Tcheca, em 2005.

Depois de alguns dias em família, o padre Van Hecke foi a Cogne para repousar. Em seguida, de 10 a 14 de agosto participou do *Confronto 2004* no Colle Don Bosco, que nesse ano reuniu sobretudo jovens animadores do MJS.

Em seguida, estive de 15 a 25 de agosto na Casa Geral, para preparar a relação sobre a Região Europa Norte, em vista da reunião intermédia do conselho geral, que programou o estudo dessa região.

Em 26 de agosto o conselheiro foi para Munique, a fim de iniciar a *visita extraordinária à Inspeção da Alemanha Sul*.

De 3 a 13 de outubro, participou da reunião intermédia do conselho geral.

Logo depois, continuou a visita extraordinária à Alemanha Sul, que foi concluída em Aschau-Waldwinkel, nos dias 14 e 15 de novembro, com encontro do conselho inspetorial, uma conferência conclusiva aos diretores e a conferência aos leigos responsáveis das obras.

A Inspeção da Alemanha Sul configura-se como inspeção muito bem organizada e animada, com um rico leque de obras. São impressionantes as obras para jovens desábeis e para jovens em situação de risco. É também específica para essa inspeção a presença de mais de cinquenta irmãos vindos de outras inspeções da Europa e inseridos nas paróquias alemãs ou nas missões católicas polonesas, italianas e croatas.

Vê-se, infelizmente, como de resto em toda a Europa Ocidental, o processo crescente de secularização, de diminuição dos católicos e, portanto, também a diminuição das vocações à vida sacerdotal e religiosa.

A inspeção, porém, soube dotar-se de uma nova dinâmica na animação vocacional, preparando algumas comunidades como comunidades de acolhida, nas quais vivem aspirantes e jovens adultos interessados na vida salesiana.

A casa de Benediktbeurn, com seus quinze departamentos, apresenta-se como a coroa dessa inspeção. Milhares de jovens fazem provavelmente de Benediktbeurn o “mosteiro” mais jovem e mais vivo da Europa. Apesar da sua complexidade, a colaboração entre os diversos institutos é muito boa. Benediktbeurn faz a inspeção encontrar-se com o mundo

juvenil dia após dia oferecendo uma grandíssima variedade de propostas educativo-pastorais e recreativas, possibilitando também aos jovens irmãos uma formação e um campo muito rico de experimentação.

Em vista da nova Inspetoria da Alemanha (prevista para o dia 15 de agosto de 2005) as duas atuais inspetorias da Alemanha estão fazendo uma caminhada muito bem conduzida pelos conselhos inspetoriais e pelas equipes. Foi muito significativo e apreciado o Capítulo Inspetorial comum. Esse capítulo definiu o projeto da nova inspetoria, elaborou algumas prioridades e indicou assim caminho futuro.

Em 16 de novembro o conselheiro retornou a Roma e novamente, no dia 19, à Bélgica, onde animou a consulta para o novo inspetor da futura Inspetoria Bélgica Norte-Holanda. Logo em seguida, pelo mesmo motivo, foi à Alemanha para realizar a consulta para o inspetor da futura inspetoria alemã, com encontros respectivamente em Bonn, Hannover, Ensdorf e Munique.

O regional retornava a Roma no dia 17 de novembro para participar do encontro dos inspetores da Europa, programado para os dias 1º a 5 de dezembro, e para iniciar a sessão de inverno do conselho geral.

O conselheiro para a Região Europa Oeste

Concluída a sessão de verão do conselho geral, o padre Filiberto Rodríguez foi a Turim para participar do *Campobosco* dos jovens das inspetorias de Portugal e da Espanha, celebrado nos dias 31 de julho a 7 de agosto em Mornese, no Colle Don Bosco e em Turim.

Chegando à Espanha, passa um breve período de repouso com sua família, de 8 a 15 de agosto. No dia 16 preside, em Sanlúcar la Mayor, a celebração da primeira profissão religiosa dos noviços de toda a Espanha e, nos dias 17 a 19, acompanha o Reitor-Mor na rápida visita que faz a Salamanca. De 22 a 28, o padre Filiberto encontra-se em Madri para visitar algumas casas que pertencem à Conferência Ibérica e falar com os irmãos a fim de orientar o início do novo ano.

De 29 a 31 de agosto o conselheiro regional participa em Sevilha das jornadas de programação do ano. Ele mesmo fará duas conferências sobre a animação vocacional e sobre o lugar de cada um no projeto educativo-pastoral das diversas obras.

Em 1º de setembro, o padre Filiberto inicia a *visita extraordinária à Inspetoria de Valência, Espanha*. Nela esteve empenhado praticamente até o dia 8 de novem-

bro, dia em que fez a apresentação da relação conclusiva da visita ao conselho inspetorial.

A visita foi interrompida apenas em duas ocasiões:

- para participar da sessão intermédia do conselho, celebrada em Roma de 4 a 13 de outubro;
- para participar do encontro vocacional organizado pela Conferência Ibérica, através do Centro Nacional de Pastoral Juvenil, celebrado em Sanlúcar la Mayor, Sevilha, nos dias 29 de outubro a 1º de novembro.

Em 10 de novembro, o padre Filiberto vai a Lyon, onde participa do encontro anual de língua francesa para as inspetorias da Bélgica e da França das salesianas e dos salesianos em conjunto. Concluído o encontro, o regional dedica os dias 13 a 19 para visitar os irmãos e comunidades da Bélgica Sul.

De 20 a 25 de novembro, o padre Filiberto vai a Madri para visitar alguns irmãos em formação inicial de Valência que, por motivos de estudos estão fora da inspetoria (Carabanchel, Burgos, Atocha). Conclui, enfim, a visita extraordinária à inspetoria, apresentando a correspondente relação final aos diretores e aos conselheiros.

De 28 a 30 de novembro preside, em Madri, uma das sessões ordinárias da Conferência Ibérica.

Em 1º de dezembro retorna a Roma para participar da reunião, convocada pelo Reitor-Mor, com todos os inspetores da Europa e, em seguida, para participar da sessão de inverno do conselho geral.

O conselheiro para a Região Itália e Oriente Médio

Após um período de visita aos pais, o padre Pier Fausto Frisoli participou, nos dias 10 a 15 de agosto, do *Confronto Europeu*, no Colle Don Bosco. De 16 a 21 de agosto participou do curso de formação para os irmãos no primeiro quinquênio de sacerdócio, realizado em Pacognano di Vico Equense. Em 22 de agosto, abriu a *XV Semana de Educação à Mundialidade*, organizada pelo VIS em Rifreddo di Pignola, Potenza, tendo como tema “Homens a caminho: migrações e cooperação internacional”. Sua relação foi sobre o tema “Qual educação intercultural”.

De 23 a 25 de agosto visitou os irmãos das várias inspetorias, reunidos em Caselette, Turim, em preparação à profissão perpétua. Retornando à sede, participou, nos dias 27 e 28, da assembléia dos irmãos da Visitadoria Nossa Senhora de Bonaria, da Sardenha. Em seguida, de 29 a 31 de agosto visitou, no Estudatado Teológico Santo Tomás de Messina,

os irmãos da primeira fase de preparação à profissão perpétua.

No dia 3 de setembro, em vista da visita extraordinária, o conselheiro encontrou-se em Milão com cerca de setecentos professores das escolas e centros de formação profissional da Inspetoria Lombardo-Emiliana. Em 4 de setembro presidiu o encontro de estudo dos inspetores da Itália central (IAD, IRO, ILT, ISA), em vista de uma eventual nova configuração da presença salesiana naquela área geográfica. Em 8 de setembro, o regional presidiu a celebração eucarística no Colle Don Bosco e recebeu as primeiras profissões dos noviços de Pinerolo.

Nos dias 8 e 9 de setembro, presidiu em Roma, no Sacro Cuore, uma comissão de estudo sobre a revisão dos escritórios e serviços nacionais da CISI, segundo o que foi pedido pelo conselho geral, na sessão intermédia de março de 2004. Em 12 de setembro, o padre Frisoli foi novamente a Milão onde se encontrou com os irmãos em formação da inspetoria e recebeu a profissão perpétua de 3 irmãos. No dia 13 foi a Loreto para encontrar, numa jornada de retiro espiritual, os irmãos da Inspetoria Adriática.

No dia 14, participa do encontro de preparação da Conferência CISI-

CII sobre escola e formação profissional na Itália, programada para os dias 8 a 10 de outubro. De 19 a 22 de setembro preside em Avigliana o setor CISI de pastoral juvenil, com a presença dos delegados inspetoriais de pastoral juvenil, tendo como tema de estudo os itinerários de educação à fé. Retorna depois à sede, para partir novamente no dia 26, desta vez para Zafferana Etnea, onde participa da assembléia dos irmãos da Inspetoria da Sicília.

Em 29 de setembro inicia a *visita extraordinária à Inspetoria Lombardo-Emiliana* (Inspetoria São Carlos Borromeo). Preside em Milão o conselho inspetorial, visitando depois sucessivamente, no mês de outubro, as comunidades de Bolonha: São João Bosco, Forlì, San Marino, Ravenna, Codigoro. A única interrupção foi para participar da Conferência Nacional CISI-CII sobre escola e formação profissional, realizada em Roma, de 8 a 10 de outubro, e participar do encontro dos diretores da Inspetoria Nordeste, em Mestre.

Em novembro, continua a *visita extraordinária* às comunidades de Ferrara, Parma, Bolonha-Virgem de São Lucas, Castel de' Britti, Zuriqne (Suíça), Sesto San Giovanni-Paróquia. Participa, ainda, nos dias 14 e 21, das jornadas inspetoriais da paróquia, realizadas em Bolonha e

Milão. No dia 28, em Parma, participa do Fórum MJS, com cerca de duzentos jovens da inspetoria.

Retorna a Roma no dia 30 para participar do encontro dos inspetores da Europa e da sessão de inverno do conselho geral.

O secretário geral

Em atuação das linhas fixadas na programação do sexênio, o secretário geral promoveu neste período, de acordo com o Reitor-Mor e os respectivos conselheiros regionais, *dois encontros de secretários inspetoriais*, respectivamente:

- em Nairobi-DBYES, Quênia, para os secretários da Região África e Madagascar, de 13 a 17 de setembro;
- em Bombaim-Matunga, Índia, casa inspetorial, para os secretários da Região Ásia Sul, de 8 a 12 de novembro.

Como indicado na carta de convocação, os encontros tiveram caráter de atualização e intercâmbio. Os assuntos da pauta foram os que interessam ao secretário e à secretaria inspetorial, em relação tanto à documentação quanto às estatísticas, aos aspectos jurídicos, arquivos e bibliotecas. Um relevo particular foi dado justamente aos arquivos e também às diversas práticas jurídicas. Deve-se fazer notar a participação ativa dos secretários e a fraternidade dos encontros, que valeram também para um conhecimento recíproco das diversas realidades. Um agradecimento especial deve ser expresso à comunidade da Casa de Nairobi-DBYES e à Inspeção de Mumbai, que hospedaram os secretários com acolhida salesiana, dando a possibilidade e conhecer algumas das mais importantes e significativas obras dessas inspetorias.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 “QUANDO ESTE (BARNABÉ) CHEGOU E VIU A GRAÇA DO SENHOR, ALEGROU-SE” (AT 11,23). INTERVENÇÃO INTRODUTÓRIA DO REITOR-MOR NO ENCONTRO COM OS INSPETORES DA EUROPA

Apresenta-se o texto da intervenção do Reitor-Mor na quarta-feira, 1º de dezembro, como introdução do Encontro dos Inspectores da Europa, por ele convocado no Salesianum, de 1º a 5 de dezembro de 2004. Em sua intervenção, o Reitor-Mor, além de recordar as origens da iniciativa, que se refazem a uma orientação do CG25, traça com precisão a sua natureza e os objetivos que se propõe, além de uma referência à Palavra de Deus, do texto dos Atos dos Apóstolos (11,23), que dá título à sua intervenção.

Caríssimos irmãos e irmãs,
saúdo-vos cordialmente, dou-vos as boas-vindas à Casa Geral e desejo que vos sintais em casa durante estes dias, nos quais queremos contemplar com o olhar e o coração pastoral de Dom Bosco a realidade desafiadora e entusiasmante da nova Europa.

Uma ocasião histórica

É a primeira que o Reitor-Mor convoca os inspetores de todo um Continente, que compreende neste caso três regiões, para analisar juntos a situação social, política, econômica, cultural e religiosa em que os salesianos são chamados a viver a própria vida religiosa e a desenvolver a missão salesiana, procurando conhecê-la melhor, avaliar as possibilidades e recursos, enfrentar os desafios e desenhar o futuro da presença.

Como premissa, recordo que o ponto de partida para este encontro foi uma orientação do CG25, que pedia ao Reitor-Mor que apresentasse ao próximo Capítulo Geral uma proposta de nova configuração das regiões na Europa. Na reflexão feita em Conselho vimos que mais importante do que a nova configuração das inspetorias e regiões é, antes de tudo, a definição do tipo de presença que queremos para esta Europa de hoje e, como conseqüência, as mudanças estruturais que a tornem possível.

Uma nova “casa”

A Europa vive uma situação inédita em sua história, depois que ela quis virar a página das guerras, dos campos de concentração, dos *gulags*, da *Shoah*, que a martirizaram, ensanguentaram e dividiram por tantos sé-

culos. Foi justamente a reação madura dos “país da nova Europa”, crenches empenhados e políticos sábios (Robert Schumann, Alcide De Gasperi, Konrad Adenauer), em sonhar, depois da Segunda Guerra Mundial, uma Europa diversa, reconciliada, unida, livre, democrática e solidária, embora no respeito pela autoridade das próprias nações.

O resultado está sob os olhos de todos:

- uma Europa sempre mais unida e alargada, que não está simplesmente – como alguém sugeriu – deslocando a “cortina de ferro” cada vez mais para o Leste, mas integrando todos os países da Europa;
- uma Europa que tem um projeto histórico até mesmo em face dos outros países que formam a área do Mediterrâneo, compreendendo todo o Oriente Médio e os países do Norte da África, aos quais daria um traço preferencial como “amigos da Europa”;
- uma Europa que está perseguindo e oferecendo três grandes dons a todos os países e habitantes da região – paz, bem-estar e democracia –, a ponto de poder apresentar-se ao mundo como modelo;
- uma Europa que conseguiu dar-se uma Constituição que, respeitando a autonomia de todas as nações que a configuram, reforça os elementos de interdependência nos vários setores da vida: economia, política, educação, pesquisa, cultura etc;
- uma Europa que está se tornando a maior potência econômica do mundo, de modo a poder balançar a situação mundial;
- uma Europa que pode propor a democracia e colaborar na construção da paz, sem, no entanto, querer impor nenhuma das duas.

É certo que nem tudo é róseo, nem sequer no âmbito do funcionamento do Parlamento Europeu e da Comissão (falta, por exemplo, uma definição clara do que seja a Europa, como o está demonstrando a questão da Turquia; ou a dificuldade de estabelecer uma política externa comum, como, por exemplo, em relação aos Estados Unidos; ou ainda o pesadelo resultante de continuar a atuar com um sistema que exige unanimidade para a tomada de decisões, como no caso da aprovação da Constituição), mas sobretudo no âmbito da sociedade, onde o relativismo moral e o reconhecimento do estado de direito para situações de fato está corroendo o

sistema de valores humanos e cristãos que contribuíram para a construção da Europa de hoje.

O velho laicismo

Em nosso caso, a maior preocupação está na convicção do que se esconde atrás do atual laicismo anticatólico, ou seja, uma convicção que considera humanismo e cristianismo como duas realidades excludentes, ou melhor, crê que entre o cristianismo católico e os princípios nos quais se reconhece a Europa como instituição exista incompatibilidade substancial (veja-se o caso Buttiglione), e proclama que as nações (o Estado) conseguiram aquilo que a Igreja ou as religiões não conseguiram fazer: a unidade, o progresso. Segue-se, como conclusão desse laicismo difuso, que de agora em diante a única forma de garantir a unidade das nações da nova Europa é colocar a religião completamente à parte, qualquer religião.

Esse projeto de Europa, sem religião e sem Deus, manifesta-se não só na recusa do reconhecimento das raízes cristãs da Europa na Constituição que se concedeu, mas sobretudo no tecido social caracterizado pela:

- irrelevância da fé;
- privatização da religião;
- desafeição em relação à Igreja;
- dissolução da família;

- reconhecimento jurídico de outros “modelos de família”;
- ruptura dos anéis de transmissão da fé e dos valores;
- marginalização social de tudo que possa ser católico.

O modelo evangélico

Nesse contexto, parece-me muito iluminador um texto dos Atos dos Apóstolos (11,19-26) que nos oferece um modelo concreto e, ao mesmo tempo, a atitude mais adequada para enfrentar a situação presente. Gostaria de compartilhar uma reflexão convosco.

O texto refere-se à fundação da Igreja de Antioquia. A importância da Igreja antioquena para a expansão da mensagem cristã é evidente nos Atos: dela partirão as missões aos pagãos e por ela será reunida a Igreja de Jerusalém para decidir sobre as modalidades de acolhida dos não circuncisos. Ao redor da Igreja de Antioquia gravitou todo o apostolado de Paulo. Não é indiferente o fato de que foi justamente em Antioquia que pela primeira vez os discípulos de Jesus receberam o nome de cristãos. Além do valor histórico dessa notícia, podemos relevar o seu peso teológico: desde os inícios, esse grupo de discípulos se denomina em direta e estreita relação ao seu fundador, Jesus o Cristo, e qualifica a si mesmo como povo “messiânico”.

A perseguição que se abate sobre a Igreja de Jerusalém (At 8,1), em vez de destruir a experiência cristã em seu nascimento, tornou-se paradoxalmente, ou melhor, providencialmente, uma das causas da sua difusão e do seu dinamismo missionário. Ela, de fato, obrigou a comunidade dos apóstolos a sair dos estreitos limites geográficos e dos círculos ideológicos do judaísmo.

Em Antioquia nasce um *novo modelo de Igreja*. Ela é nova não só porque formada em sua maior parte de pagãos convertidos, mas especialmente porque consegue superar um perigo mortal da Igreja de Jerusalém. Esta, com efeito, fiel às práticas judaicas, corria o risco de esvaziar a novidade da mensagem cristã e ficar reduzida a uma outra seita judaica.

A comunidade de Antioquia caracteriza-se por ser uma comunidade em que se cruzam pessoas diversas, línguas diversas, culturas diversas, raças diversas. Contudo, formam uma verdadeira comunidade. É inevitável, porém, que numa comunidade tão complexa surjam problemas de ordem disciplinar e doutrinal. A unidade é sempre dom e tarefa; uma realidade que, apesar de ser dada, não é menos atormentada. Então – diz o autor dos Atos dos Apóstolos – os responsáveis pela Igreja de Jerusalém enviaram Barnabé com a finalidade de ver e discernir.

A apresentação que se faz de Barnabé é resumida em três qualidades, assim como são três as ações que ele desenvolve em Antioquia. Ele é exemplo de virtudes cristãs: é bom, cheio de Espírito e de fé; sabe reconhecer a ação de Deus e alegrar-se com ela; exorta os fiéis à fidelidade de coração. Trata-se de características que fazem dele modelo da Igreja apostólica. Aos leitores de Lucas é ensinado que essas qualidades favoreceram o ingresso dos pagãos na Igreja e deixaram espaço à novidade do Espírito.

Natureza e objetivo do encontro

Estamos reunidos aqui como Barnabé para ler a realidade da nova Igreja na Europa e, como salesianos, assumir os desafios que nos apresenta, avaliar os recursos disponíveis e renovar a nossa presença, dotando-a de futuro.

As atitudes possíveis são diversas: os desorientados e pessimistas, que pensam que o ciclo vital da Congregação na Europa está chegando ao seu ocaso e que devemos, portanto, apenas esperar que o último apague a luz e feche a porta; e os que, um pouco ingênuos, ou melhor, um pouco preguiçosos, resistem a acolher a novidade do contexto, do modelo social, da cultura imperante, da sensibi-

lidade antropológica, e continuam a agir como há trinta anos. As duas atitudes nascem de uma visão de fé escassa e enfraquecida.

A atitude idônea, a mais evangélica, é a de Barnabé, justamente a que nos é oferecida pelo maravilhoso texto dos Atos, que vos estou propondo como critério de discernimento. Isso implica assumir uma perspectiva de fiéis que, na nova situação da Europa, conseguem “ver a graça do Senhor e alegrar-se com ela”. Essa atitude leva-nos também a assumir o comportamento de Barnabé, de exortar aos irmãos das nossas inspetorias a perseverar na fidelidade ao Evangelho, vivido e pregado, sem desesperar em face da nova situação. Implica também colocar as bases para a missão, identificando e empenhando pessoas que, como Paulo, com zelo missionário, possam tornar realidade a nova evangelização. Significa, além disso, ter audácia para criar estruturas que tornem possível a difusão do Evangelho e abandonar aquelas que já não o conseguem. Significa, por fim, simplesmente ser dóceis ao Espírito, que também hoje, entre nós, faz novas todas as coisas.

Não podemos resignar-nos à morte natural, própria dos que querem deixar as coisas como estão, também para não mudar. Não podemos

fazer que seja nossa a opção do bilionário japonês que decidiu que, quando morresse, fossem sepultadas com ele as obras de arte que tinha adquirido ao longo da vida. Com razão, o fato desencadeou um protesto: as obras não lhe pertenciam, embora tivessem sido compradas por ele, porque eram patrimônio da humanidade. A fé, o Evangelho, o carisma salesiano são um patrimônio que não nos pertence; recebemo-lo gratuitamente e devemo-lo transmitir vitalmente, porque é dom de Deus para a Igreja e para os jovens.

Desejo que possamos sair convencidos deste encontro histórico de que temos futuro, porque a Europa precisa mais do que nunca de Deus e do seu Evangelho, mesmo que o refute explicitamente; porque Cristo é o único que pode responder às necessidades mais profundas da pessoa humana, mesmo que se procure afogá-las no mar do consumismo; porque os jovens são a nossa pátria e continuam a precisar de pessoas adultas que os queiram acompanhar, mesmo que, com frequência, não saibam como pedi-lo.

A exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, que convoca os cristãos a irem de encontro ao desânimo em que a Europa se encontra, propondo Cristo novamente como fonte segura de

esperança, empenha particularmente os consagrados. Hoje, mais do que nunca, é urgente lutar contra a resignação e ajudar os jovens, tentados a irem dessedentar-se em cisternas rachadas (cf. Jer 2,13), a encontrarem as razões da esperança, entregando-lhes Cristo como fonte segura onde beber.

Eis, meus caros, a nossa belíssima tarefa de hoje: a missão salesiana na nova Europa; mais do que nunca Dom Bosco quer ficar próximo dos jovens na Europa e os jovens precisam de nós, o Dom Bosco do terceiro milênio.

Como Dom Bosco, temos uma missão; como Ele, recebemos uma “guia e mestra” em Maria Auxiliadora. Coragem, portanto! *Duc in altum!*

P. Pascual Chávez V.

Salesianum – Roma 1º de dezembro de 2004

5.2 “JUNTOS PELOS JOVENS DA EUROPA”: COMO DOM BOSCO FEZ E FARIA HOJE

Apresenta-se a intervenção do Reitor-Mor no dia 5 de dezembro de 2004, no final do Encontro dos Inspectores da Europa. É uma síntese das contribuições de estudo e dos traba-

lhos realizados nas jornadas de reunião. Além de colher os desafios à vocação salesiana na Europa, com as dificuldades presentes, o Reitor-Mor indica algumas linhas de futuro para uma “nova presença” dos salesianos na Europa, assinalando também as colaborações que se deve continuar a promover.

Caríssimos irmãos e irmãs,

chegamos à conclusão do Encontro dos Inspectores da Europa, no qual tivemos uma experiência intensa de comunhão, confronto, aprofundamento e partilha. Reunimo-nos “para juntos analisarmos a situação social, política, econômica, cultural e religiosa” em que, como salesianos, somos chamados a viver a nossa vocação e missão, procurando “avaliar as possibilidades e os recursos, enfrentar os desafios e desenhar o futuro da presença” neste Continente (*Discurso do Reitor-Mor na abertura do Encontro*).

Como salesianos, desejamos contribuir para o esforço da Igreja de “dar uma alma” cristã ao processo de integração da Europa, para que ela realize a clara vocação do projeto dos pais fundadores: ser uma família de povos unidos e de nações reconciliadas, empenhada na construção da unidade de toda a família humana. Desejamos dar também a nossa con-

tribuição carismática à obra da nova evangelização em vista da edificação da “*Ecclesia in Europa*”.

A motivação inicial do nosso encontro foi determinada por uma orientação do CG25, que pedia ao Reitor-Mor e ao Conselho Geral que projetassem “uma nova distribuição e organização das inspetorias na Europa” (CG25, 129). Viu-se no Conselho que, mais importante que só a configuração das inspetorias e regiões, era “a definição do tipo de presença que queremos para a Europa de hoje e, conseqüentemente, as mudanças estruturais que a tornem possível” (*Discurso do Reitor-Mor na abertura do Encontro*). Por isso, o nosso encontro assumiu uma amplitude maior de tarefas e de perspectivas.

Desde o início, deixamo-nos guiar pelo texto dos Atos dos Apóstolos que se refere à fundação da Igreja de Antioquia (At 11,19-26). Ele ofereceu-nos um modelo concreto e a atitude mais adequada para enfrentar a situação presente.

Em Antioquia desenvolve-se um novo modelo de Igreja, uma comunidade de pagãos convertidos, que nasce da perseguição e na qual se cruzam a diversidade de línguas, culturas, raças. Ela vive a graça e a liberdade da fé; por essa razão, supera o perigo de fechar-se no âmbito da cultura judai-

ca. O evangelho manifesta o seu impulso missionário e os discípulos, pela primeira vez, são chamados cristãos.

Em Antioquia Barnabé exerce o discernimento sobre a nova situação: “viu a graça do Senhor, alegrou-se e, como homem virtuoso que era e cheio de Espírito Santo e de fé, exortava a todos a perseverarem no Senhor com coração resolutivo”. O discernimento acontece no Espírito Santo e na fé, reconhece a graça de Deus, provoca alegria e leva a perseverar.

Como Barnabé, reunimo-nos para ler a realidade da nova Europa, assumir os desafios que nos apresenta, verificar os recursos disponíveis, criar espaço à presença salesiana com futuro e suscitar pessoas capazes de dar uma reviravolta. A Europa é um mundo pluricultural, multiétnico e plurireligioso, no qual nossas comunidades podem viver a alegria do Espírito, exercer o discernimento e encontrar os novos caminhos da missão.

Vivemos este encontro com a paixão do “*da mihi animas*” de Dom Bosco, com o coração cheio de caridade pastoral e de dinamismo juvenil, com a confiança ilimitada nos jovens, com a fé na educação e na evangelização deles. Capazes de ver sempre as sementes de bem presentes em qualquer situação, também na mais difícil; de descobrir a graça do

Senhor e alegrar-se com ela; e de ser, como comunidade salesiana, profecia em nossa cultura européia.

1. Horizontes da Europa

Acompanharam-nos em nosso itinerário figuras eminentes da cultura, da Igreja e da economia na Europa. Foi-nos de grande ajuda ter tido uma visão ampla, uma base sólida e uma abertura profunda sobre a situação do Continente. As testemunhas privilegiadas que nos introduziram na compreensão da história, das dinâmicas e das perspectivas da Europa levaram-nos logo a um elevado nível de reflexão e fizeram-nos compreender que a aposta da nossa tarefa era grande.

O *cardeal Joseph Ratzinger* ajudou-nos a compreender a identidade européia, que nasceu do encontro de várias culturas e que encontrou a sua unidade no anúncio missionário e no dinamismo da evangelização. A fé cristã ofereceu a perspectiva da universalidade e a atenção à racionalidade. O iluminismo significou um grande afastamento entre evangelho e cultura. Hoje estamos num momento sério da história da Europa, no qual se pode delinear o desencontro com o cristianismo ou se propiciar o seu encontro. O perigo maior é o laicismo que, enfraquecendo a relação recíproca entre razão e religião, ameaça os

fundamentos mesmos do humanismo que caracterizou a cultura européia. Isso pede dos cristãos a busca de uma nova síntese positiva entre a razão humana e a fé religiosa, como o Concílio Vaticano II já tinha prospectado.

Dom Aldo Giordano ajudou-nos a refletir sobre dois fatos novos da Europa de hoje: o alargamento de seus limites para o Leste e, portanto, a questão crucial dos limites da Europa, e o novo Tratado Constitucional Europeu com a questão das raízes cristãs. A Igreja na Europa é testemunha do Senhor Jesus, Crucificado e Ressuscitado. Por isso oferece o trabalho de nova evangelização, ajuda o desenvolvimento da catolicidade e do diálogo, leva adiante o caminho ecumênico, encontra-se com as diversas religiões, ajuda a Europa a entender a sua vocação cultural e mantém aberta a perspectiva da visão escatológica.

O *doutor Antonio Fazio* desenvolveu o tema “A globalização e a Europa”. Percorrendo o caminho do Continente europeu no quadro da evolução da economia e dos sistemas sociais, relevou que a globalização tornou atual a necessidade de uma nova ordem internacional. Essa nova ordem deve colocar a pessoa humana e o bem comum no centro, promover a superação da pobreza e da marginalização por meio de um desen-

volvimento econômico robusto e sustentável e afirmar o valor da paz. Nesse esforço de construção européia se relevou também o problema da descristianização, fruto do neoliberalismo que promove uma mentalidade materialista, consumista e individualista.

2. Desafios à vocação salesiana na Europa

Iluminados por essas referências, descobrimos os principais desafios que a realidade européia apresenta à nossa vocação salesiana. A unificação européia oferece novos modos de agir para além das fronteiras, oferece a possibilidade de ser mais aberto a outras culturas, ao diálogo inter-religioso e intercultural, e dá a oportunidade de um novo início.

2.1 A profecia da comunidade

Em face da sociedade européia, que se constrói sempre mais sobre uma cultura individualista, auto-referencial e consumista e sobre uma antropologia sem Deus e sem Cristo, nós salesianos sentimos-nos chamados a dar o testemunho profético da nossa vida de comunidade. O centro dessa profecia é o testemunho de Deus, cujo amor preenche a vida e nos leva a viver a santidade. É também profecia da fraternidade vivida

alegremente, manifestada no fato de que pessoas de idades e mentalidades culturais diversas podem viver juntas. É ainda profecia de um empenho por Deus, que dura a vida toda. É, enfim, profecia do dom de si e da dedicação que não poupa a própria vida pelos outros, pelos jovens. Acreditamos que temos um papel profético importante na situação juvenil na Europa de hoje. Cabe-nos assumir o desafio de mostrar e construir comunidades em que se vive a paixão por Deus e a paixão pelos jovens.

2.2 Proposta da evangelização

Em face da cultura de uma Europa fechada em si mesma, que perdeu a memória da herança cristã, e da situação religiosa dos jovens, muitas vezes confusa e vaga, com respostas insatisfatórias e desviantes, nós salesianos sentimos-nos interpelados a viver o nosso empenho carismático no campo da evangelização. Queremos vivê-lo como resposta às grandes interrogações de sentido dos jovens; como promoção dos valores da dignidade da pessoa e do gosto pela vida, como oferta do Sistema Preventivo em diálogo com a própria cultura no que se refere à educação, ao progresso social e ao desenvolvimento político; como valorização da comunicação social entendida como

presença em espaços visíveis; como proposta explícita do encontro com o Senhor Jesus e dos caminhos de fé. Acreditamos que temos um carisma típico na forma de aproximação dos jovens, de estar presente entre eles, de ser seus companheiros de viagem, de ajudá-los em seu crescimento, de propor-lhes o anúncio evangélico e o encontro com Cristo, de proposta vocacional. O desafio que nos provoca é o de transmitir a fé às novas gerações.

2.3 A tarefa da inclusão

Em face das novas pobreza, materiais e espirituais, que afligem de modo especial os jovens na Europa e do risco crescente da exclusão social, nós salesianos sentimo-nos envolvidos na superação das várias formas de marginalização juvenil, no favorecimento da inclusão e na busca de espaços de integração. De fato, a situação dos jovens está mudando, e emergem fenômenos como a pobreza, a migração, a marginalização, a falta de experiência de Deus, o consumismo, o relativismo ético, a mobilidade interna na Europa – vivida como busca de espaços mais vivíveis –, as famílias em conflito ou desagregadas etc. Acreditamos que o empenho de Dom Bosco em relação aos jovens e a nossa história salesiana nos pedem para tornar mais

visível o nosso trabalho pelos jovens pobres, pelos imigrantes, pelos jovens de outras religiões, buscando os caminhos da integração, do diálogo inter-religioso, da experiência intercultural, da ajuda à família.

3. Presença nova e novas presenças na Europa

Devemos renovar na Europa as presenças que já temos e, ao mesmo tempo, pensar em algumas novas formas de presença para melhor responder às necessidades dos jovens. Para isso, a primeira novidade em nossas presenças somos nós mesmos, inspetores, diretores, cada irmão, cada comunidade salesiana, se conseguirmos viver como Dom Bosco. Ele foi homem de uma causa só e de uma grande paixão: foi todo para os jovens, pelos quais entregou total e exclusivamente a sua vida; a sua paixão foram “as almas”. Devemos ser, então, capazes de viver em cada uma de nossas presenças a experiência de Dom Bosco em Valdocco, que “continua critério permanente de discernimento e renovação de cada atividade e obra” (C 40).

3.1 Presença nova

A fim de renovar as obras institucionais que temos, como as escolas, os centros de formação pro-

fissional, as paróquias, os oratórios e centros juvenis, as residências universitárias e outras, trata-se de:

- centrar a tarefa da comunidade salesiana, não tanto na gestão e organização da obra, quanto no acompanhamento e na formação dos educadores e dos jovens, na animação de um caminho gradual de educação e de evangelização até a propostas de vida cristã empenhada, no envolvimento de um vasto movimento de pessoas ao redor de um projeto educativo pastoral salesiano aberto e compartilhado;
- ter uma atenção privilegiada e decidida pelos jovens em perigo, de modo especial pela realidade da imigração.

3.2 Novas presenças

Além disso, devemos esforçar-nos para ter novos tipos de presenças:

- presenças com propostas fortes de *evangelização* e de educação à fé, de *formação salesiana dos colaboradores*, com equipes que animem casas salesianas de espiritualidade, centros de catequese, centros de formação dos leigos colaboradores;
- presenças de *animação e proposta vocacional explícita*,

como acompanhamento vocacional, acolhida em comunidade, comunidade proposta, aspirantado;

- presenças de *animação e orientação das associações e movimentos juvenis* de evangelização e de empenho, como os diversos grupos e associações que formam o MJS, o voluntariado social e missionário etc.;
- presenças com os *Amigos de Dom Bosco*, movimento que reúna, coordene, acompanhe e estimule na formação, empenho e experiência do espírito e da missão salesiana os jovens e adultos colaboradores, voluntários, animadores.

3.3 Condições para a novidade das presenças

A fim de tornar novas as presenças, devem-se garantir algumas condições:

a) dar importância à *formação*

- colocando os irmãos em estado de formação permanente; considerando a comunidade e a vida cotidiana como lugar privilegiado de formação; continuando a propor o dia da comunidade, a *lectio divina*, a boa-noite, retiros e exercícios espirituais; garantindo uma atitude positiva em

face da cultura juvenil e dos desafios educativos e pastorais; tornando-nos capazes de ler esses desafios em profundidade e de responder-lhes com qualidade e eficácia;

- garantindo a formação pastoral e espiritual dos leigos colaboradores para assegurar a identidade salesiana das presenças;
 - dando espaço para a formação em conjunto de SDB e leigos.
- b) fazer da *comunicação social* um recurso estratégico para chegar aos jovens, por meio da educação, de serviços aos jovens por meio da internet etc.;
- c) sentir *com a Igreja*: viver e trabalhar em comunhão com as Igrejas locais, levando-lhes a riqueza do nosso carisma.

4. Nosso colaboração

Conscientes de que já demos alguns passos, enfrentamos o tema da colaboração no âmbito dos setores de animação e governo da Congregação, considerando as experiências que já acontecem nas regiões da Europa e as perspectivas de futuro. Detivemo-nos no fato de que é preciso criar uma mentalidade de colaboração que supere o âmbito das inspetorias e das conferências, mas também o das três

regiões salesianas presentes na Europa: trata-se de pensar e projetar como Europa em sentido unitário.

Formação. Potencie-se a proposta dos noviciados “europeus” de Pinerolo e Genzano, com a harmonização dos caminhos de pré-noviciado, com o alargamento do Curatorium, com um maior conhecimento da língua italiana, com a possível presença de outros formadores. Favoreça-se o surgimento de uma comunidade de formação específica para salesianos coadjutores em Turim ou em Roma. Estude-se o modo de valorizar para toda a Europa a comunidade formativa e o centro de estudo de Benediktbeuern. Incremente-se o estudo das línguas, sobretudo o italiano e o inglês, para os irmãos jovens. Deve-se estudar alguma iniciativa comum para a formação de salesianos e leigos em conjunto. Estudem-se estratégias europeias e estruturas comuns para a formação.

Pastoral juvenil. Continue-se a trabalhar com as formas de coordenação europeia que se vem fazendo na escola e na formação profissional, na marginalização, nas associações do tempo livre e no MJS, bem como abrindo novas possibilidades no campo da evangelização e catequese e no âmbito da cultura. Apóiem-se as iniciati-

vas juvenis européias, promovidas pelas diversas inspetorias e centros salesianos. Promovam-se instrumentos eficazes de informação e de intercâmbio de experiências e projetos, aproveitando os modernos meios de comunicação. Promova-se *Don Bosco International* como instrumento de comunicação e coordenação entre as diversas realidades, organizações e propostas salesianas em nível europeu.

Missões. Ajudem-se as inspetorias e as regiões a redescobrirem a missionariedade no interior da própria Europa e a valorizarem a reciprocidade no conhecimento dos valores culturais e religiosos de todas as nações.

Comunicação social. Cuide-se da formação dos salesianos e dos leigos para a comunicação social. Valorize-se o intercâmbio das iniciativas, atividades e eventos que se realizam em nossas inspetorias. Sublinhem-se os seguintes instrumentos: investir em nossa agência ANS por meio de um responsável que comunique as notícias e faça conhecer as informações salesianas no interior de nossas inspetorias e fora delas, além de difundir o Boletim Salesiano; estudar a transmissão dos conteúdos nas várias línguas; colaborar para criar programas e formar equipes de produção de meios de comunicação social e estimular a colaboração interinspetorial

entre editoras.

Família Salesiana. Avalia-se positivamente a existência da Consultoria Inspetorial da Família Salesiana, como expressão de comunhão e de partilha a potenciar, com atenção à formação, à espiritualidade salesiana e à pastoral juvenil. Estar mais presentes como Família Salesiana nos debates culturais, sociais, políticos e religiosos que tratam de jovens e educação.

Economia. Favoreçam-se algumas linhas convergentes: conceber a economia em nível inspetorial e interinspetorial como organização da solidariedade; favorecer a transparência na administração e a comunicação da informação, sobretudo com a valorização do orçamento e do balanço; testemunhar a pobreza religiosa; administrar com critérios profissionais e com a consultoria de especialistas competentes; ajudar os irmãos a perceberem as vantagens de uma correta centralização de aspectos gerais, sem tirar a responsabilidade das comunidades locais; de acordo com as competências exigidas pela gestão econômica e administrativa, redefinir o papel do ecônomo local e inspetorial.

5. Dificuldades e opções da Europa salesiana

5.1 Dificuldades e opções no âmbito das inspetorias

Em face desses horizontes, percebem-se algumas dificuldades nas inspetorias:

- há um grande desequilíbrio entre o número de salesianos e a quantidade de obras e atividades para se animar. Por isso, os irmãos devem assumir uma multiplicidade de tarefas. Conseqüência disso é o fato que a vida comunitária nem sempre é fácil, os irmãos não têm possibilidade de se formarem e a animação das obras não é sempre suficientemente garantida;
- a garantia da identidade das obras é falha, e as razões são várias: falta de uma comunidade que seja animadora; os leigos não estão formados; falta de estrutura de governo adequada para tomar decisões; excessivo empenho dos irmãos na gestão e na organização. Isso significa que a comunidade salesiana ainda não assumiu plenamente o novo modelo de animação da comunidade educativo-pastoral;
- faltam salesianos adequadamente preparados para a animação das obras e das novas presenças. Às vezes, não há diretores preparados. A complexidade das competências exigidas pela gestão econômica e administrativa

das comunidades e das obras cria dificuldade de gestão por parte do ecônomo local e inspetorial;

- o envelhecimento dos irmãos e a falta de vocações tornam difíceis qualquer processo de renovação.

Por isso, propõem-se as seguintes escolhas:

- cuidar da formação dos salesianos, para saber desenvolver a animação comunitária e pastoral dos leigos e dos jovens, desenvolver o próprio papel comunitário no interior da CEP, trabalhar com os jovens em perigo, estar entre os jovens de modo positivo sem temor e sem preconceitos. Cuidar também da escolha e da preparação dos leigos, em vista da gestão e animação salesiana das obras;
- envolver todas as comunidades e preparar alguns irmãos para a promoção das vocações à vida salesiana;
- favorecer a realização da identidade salesiana das obras, criando equipes consistentes de pastoral, permitindo o protagonismo co-responsável dos jovens, procurando resolutamente respostas para as novas situações de pobreza dos jovens e cuidando das vocações. Reforçar a equipe

inspetorial de animação e governo ajuda a animação dos irmãos e da CEP;

- simplificar as obras e estabelecer prioridades para que o trabalho dos irmãos e da comunidade seja realmente educativo e pastoral, através do redimensionamento, da descentralização, da delegação, da distribuição harmoniosa das tarefas entre os irmãos e os leigos.

5.2 Dificuldades e opções no âmbito das regiões e da Europa

Encontram-se nas regiões e na Europa as seguintes dificuldades:

- falta uma mentalidade européia que ajude a superar a visão apenas inspetorial, nacional e regional, e, por conseguinte, não existem caminhos eficazes que possam garantir a solidariedade interinspetorial, a colaboração na construção de Europa unida, a inserção do carisma de Dom Bosco na nova Europa;
- a divisão da Europa salesiana em três regiões não favorece os processos de comunicação, coordenação, colaboração interinspetorial. Algumas formas de coordenação regional não ajudam a superar a fragmentação;

- a diversidade das línguas é uma riqueza, mas significa também um desafio à comunicação das mensagens e dos conteúdos entre as inspetorias, entre as regiões, e entre o Centro da Congregação e as diversas inspetorias e regiões.

Por isso propõem-se as seguintes opções:

- criar mentalidade européia em todos os irmãos, mas, sobretudo, nos jovens salesianos, oferecendo alguma iniciativa concreta como, por exemplo, encontros de jovens irmãos das várias etapas de formação inicial, exercícios espirituais para inspetores, intercâmbio em âmbito europeu etc;
- rever nas três regiões da Europa a configuração das inspetorias, favorecendo processos de incorporação;
- coordenar no âmbito europeu, por parte dos conselheiros de setor, os vários delegados inspetoriais de formação, pastoral juvenil, missões e outros setores;
- pensar um modelo de coordenação das regiões que promova estratégias européias para os vários setores de animação e governo, e que favoreça o acompanhamento no governo e na animação das inspetorias;

- criar um plano estratégico para atender solidariamente às necessidades concretas que possam se apresentar em alguma inspetoria da Europa: resposta à imigração, comunidades salesianas internacionais, projetos específicos de evangelização etc.;
- redefinir os centros nacionais de animação e a sua tarefa em relação às inspetorias.

6. Concluindo

Dom Bosco iniciou a sua particular experiência espiritual apostólica num sonho, no qual se sentiu chamado a ser sinal do amor de Deus para os jovens, especialmente os mais pobres, necessitados, em perigo.

E, desde o início, contou com a presença materna de Maria Imaculada e Auxiliadora, em cuja escola aprendeu a missão em favor dos seus destinatários e o método para realizá-la. Jamais foi indiferente ao fato de a sua obra ter tido início em 8 de dezembro (1841), festa da Imaculada.

Enquanto Imaculada, Maria representou para Dom Bosco a pedagogia divina, o dinamismo do amor que tem a imensa energia de abrir os corações de homens e mulheres, portanto os dos jovens, que “os faz sentir-se amados” – diria ele –, que os leva a “aprender a ver o amor naque-

las coisas que a eles naturalmente agradam pouco, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos, e a fazer essas coisas com amor” (MB XVII, 110).

Não é de se admirar que Dom Bosco centrasse toda a sua pedagogia no amor e na amabilidade. Isso o levou a tomar o Sistema Preventivo como próprio, que acentua a atitude de ir ao encontro dos jovens, dar o primeiro passo, preferir os últimos, crer em suas energias de bem. A Imaculada representou para Dom Bosco a encarnação do amor preventivo de Deus.

Enquanto Auxiliadora, Maria representa tanto a defesa dos mais necessitados e prostrados, quanto o cuidado materno de quem te pega pela mão e te guia, te educa e te forma. Sem dúvida, o título de Auxiliadora tinha outras ressonâncias no tempo de Dom Bosco, diversas das que pode ter hoje. A verdade é que as principais vítimas das expressões negativas do modelo social atual na Europa são os jovens: seja porque, privados das coisas necessárias, comprometem o próprio desenvolvimento normal; seja porque se sentem tentados a buscar formas de vida que não desembocam na vida plena; ou ainda porque, fechados em si mesmos e

na busca de conforto, perdem o sentido da vida, a capacidade de doar-se, a gratuidade e o serviço, e acabam organizando a própria vida à margem da realidade de Deus, fonte da vida.

O nosso Encontro conclui-se no início do tríduo da Festa da Imaculada, quando a Igreja está para celebrar os 150 anos da proclamação do dogma. Enquanto agradeço a Ela por continuar presente entre nós e guiando-nos no caminho da história, a Ela confiamos as nossas pessoas, as nossas inspetorias da Europa e as nossas grandes convicções:

- a Europa é um espaço para os salesianos, porque nela os jovens, sobretudo os que estão em maior perigo, precisam do carisma de Dom Bosco;
- os jovens são a nossa razão de ser, porque foram-nos dados como vocação e missão, e temos tanta necessidade deles quanto eles de nós;
- a educação é o dom mais precioso que podemos oferecer para o desenvolvimento integral dos jovens, até à plenitude em Deus, e é a nossa contribuição à fermentação da atual cultura européia;
- a nossa missão é falar de Deus e oferecê-lo aos jovens, assim como nos foi revelado em Cristo Jesus,

manifestação suprema do mistério de Deus e do homem, através da evangelização;

- o oratório é a pátria do carisma salesiano, que, mais do que uma estrutura, é um tipo de relação entre os educadores e os jovens.

Sabemos que esse é um caminho longo, mas nas realizações já em ato vemos as suas sementes. Por isso nos empenharemos nos próximos anos para dar um rosto novo à presença salesiana na Europa.

Queremos superar nossos medos e resistências, renovando a nossa paixão por Deus, vivida na paixão pelos jovens, tornando vivo Dom Bosco, o seu coração, a sua mente, a sua *parresia*, a sua criatividade apostólica.

Salesianum, 5 de dezembro de 2004.

Pe. Pascual Chávez Villanueva

5.3 NOVOS BISPOS SALESIANOS

1. PRATHAN Sridarunsil

Joseph, bispo de SURAT THANI (Tailândia)

Foi publicada em 9 de outubro de 2004 a nomeação, feita pelo Santo Padre, do sacerdote salesiano *Joseph Sridarunsil PRATHAN*, superior da Inspetoria “São Paulo” da Tailândia,

como bispo da diocese de *SURAT THANI (Tailândia)*.

Apresentam-se alguns dados do seu currículo.

Joseph Prathan nasceu em 9 de fevereiro de 1946 em Nam Deng, Wat Phleng, Tailândia, e é salesiano desde 2 de outubro de 1965, quando emitiu a primeira profissão em Hua Hin, onde fizera o noviciado. Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático na Tailândia, foi enviado a Cremisan, Terra Santa, para os estudos teológicos. Foi ordenado presbítero em Roma no dia 29 de junho de 1975, pelas mãos de S. S. Paulo VI. Em Roma, na Universidade Pontifícia Salesiana, frequentou em seguida o curso de espiritualidade, conseguindo o mestrado.

Retornando à Tailândia, foram-lhe confiados encargos de responsabilidade: foi sucessivamente diretor em Haad Yai (1979-1980), Suratthani (1980-1983), Hua Hin (1983-1986). Em 1986 foi nomeado vigário do inspetor e, em 1992, inspetor. Concluído o mandato, foi novamente diretor em duas casas: Udonthani (1998-2001) e Sampran (2001-2003). Em dezembro de 2003, o Reitor-Mor confiou-lhe, por um sexênio, a tarefa de inspetor da Tailândia, encargo que assumiu em fevereiro de 2004.

Agora, o Santo Padre chamou-o para desenvolver o ministério episco-

pal numa diocese já guiada por bispos salesianos. Dom Prathan recebeu a ordenação episcopal em Ban Seang Arun (Tailândia), no dia 28 de novembro de 2004, pela imposição das mãos do cardeal Crescenzo Sepe, prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos.

2. MARTÍNEZ ÁLVAREZ *Segismundo, bispo de Corumbá (Brasil).*

Em 7 de dezembro de 2004 foi publicada a notícia da nomeação, feita pelo Santo Padre, do sacerdote salesiano *Segismundo MARTÍNEZ ÁLVAREZ* como bispo da diocese de *CORUMBÁ (Brasil)*.

Eis os principais dados do seu currículo.

Nascido em Acebes del Paramo (Espanha) em 23 de fevereiro de 1943, Segismundo Martínez emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1961 no noviciado de Astudillo, Inspeção de “São Tiago Maior”, Espanha (então com sede em Zamora). Após os estudos filosóficos em Medina del Campo (Valladolid), partiu em 1965 para a Inspeção de Campo Grande, no Brasil, onde fez o tirocínio prático. Emitiu a profissão perpétua no dia 2 de julho de 1967, em Cuiabá. Em seguida, foi enviado à Itália para os estudos teológicos no teólogo

salesiano de Verona-Saval. Foi ordenado presbítero no dia 2 de julho de 1972 em Acebes del Paramo, sua cidade natal.

Após a ordenação presbiteral, retornou ao Brasil, onde desenvolveu o seu ministério, com vários encargos em diversas obras salesianas: coordenador de pastoral, professor e ecônomo em Araçatuba (1973-1978); diretor e professor em Alto Araguaia (1979-1982); diretor do Colégio Santa Teresa, de Corumbá (1985-1988 e 1998-2000); ecônomo da comunidade Dom Bosco e da Universidade Católica de Campo Grande (1992-1998); ecônomo inspetorial e vigário paroquial de Nossa Senhora da Guia, arquidiocese de Campo Grande.

5.4 NOMEAÇÃO DO REITOR-MOR COMO MEMBRO DA CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTO DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA

Em 11 de dezembro de 2004 a Sala de Imprensa da Santa Sé tornou co-

nhecidas as nomeações, feitas pelo Santo Padre, de alguns superiores religiosos como membros da Congregação para os Instituto de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Entre eles está o Reitor-Mor da nossa Sociedade, padre Pascual Chávez Villanueva.

Apresenta-se o comunicado da Sala de Imprensa vaticana.

O Papa nomeou membros da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica os reverendíssimos: Pe. Wolf Notker, Abade Primaz dos Monges Beneditinos Confederados; Pe. José Rodríguez Carballo, Ministro Geral da Ordem Franciscana dos Frades Menores; Pe. Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco; Pe. Teresino Serra, Superior Geral dos Missionários Combonianos do Coração de Jesus; Ir. Seán Dominic Sammon, Superior Geral dos Irmãos Maristas das Escolas; Pe. Jacques Hazebroucq, Responsável Geral do Instituto Secular Sacerdotal *Notre-Dame de Vie*.

5.5 IRMÃOS FALECIDOS (4º ELENCO DE 2004)

“A fé no Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... A sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão” (C 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P ÁDÁM Antal	Budapeste (Hungria)	01-10-2004	91	UNG
P AHERN Patrick	Cidade do Cabo (África do Sul)	11-10-2004	84	AFM
L ARAMBARRI ALTUNA Benito	Logroño (Espanha)	18-09-2004	91	SBI
P ARCHER Charles	Dublin (Irlanda)	12-12-2004	85	IRL
P ARONICA Paul	Marrero (USA)	16-11-2004	86	SUE
P BASAGNI Attilio	Savona (Itália)	30-11-2004	79	ILT
P BERLOFFA Umberto	Savona (Itália)	17-11-2004	90	ILT
P BIANCHINI Giulio	Roma (Itália)	29-09-2004	90	IRO
P BIAZKOWSKI Stanislaw	WrocBaw (Polónia)	07-10-2004	67	PLO
P BONATO Natale	El Houssoun (Libano)	02-12-2004	77	MOR
P BORDOGNI Giuseppe	Caracas (Venezuela)	21-10-2004	76	VEN
P BORGIO Giovanni	Castelfranco Veneto (Itália)	03-10-2004	74	INE
P BOZZA Luigi	Sucúa (Equador)	08-12-2004	91	ECU
P BULLIAN Giovanni	Bahía Blanca (Argentina)	09-07-2004	69	ABB
L CELY Rafael	Rionegro (Colômbia)	21-10-2004	84	COM
P COLINET CASTAGNO Angel	Montevideú (Uruguai)	09-12-2004	87	URU
P D'AVINO Giuseppe	Castellammare di Stabia (Itália)	02-12-2004	85	IME
L DE PLANO Salvatore	Turim (Itália)	12-10-2004	91	ICP
P DI VICO Luigi	Castellammare di Stabia (Itália)	21-11-2004	90	IME
L ESCRIG MIRALLES Francisco	Barcelona (Espanha)	30-10-2004	84	SBA
L FABRIS Severino	Turim (Itália)	02-10-2004	81	ICP
P GALLIANO Emilio	Turim (Itália)	25-10-2004	77	ICP
P GONZÁLEZ Borjas	Córdoba (Argentina)	20-11-2004	83	ACO
P GRIECO Nicola	Bolonha (Itália)	27-11-2004	73	ILE
P GUILLERM François	Caen (Francia)	03-12-2004	94	FRA
P HALTON George	Horwich (Inglaterra)	27-09-2004	93	GBR
P IGLESIAS RODRÍGUEZ Cándido	Madri (Espanha)	08-10-2004	82	SMA
L IRUIN GARMENDIA Iñaki	Donostia (Espanha)	12-11-2004	54	SBI

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P KHIN SEIN Lorenzo	Latina (Itália)	12-12-2004	68	IRO
P KIZHAKKEKARA Joseph Cherian	Calcutá (Índia)	18-10-2004	73	INC
P KOLLENKUNNEL Devasia	Zubza, Kohima (Índia)	20-09-2004	66	IND
P LAMBORGHINI Mario	Bolonha (Itália)	24-10-2004	87	ILE
P LIPKENS Jan	Bocholt (Bélgica)	13-09-2004	84	BEN
N LÓPEZ MESA José Darío	Medellín (Colômbia)	09-11-2004	17	COM
P MARTÍN BOLADO Fidel	Barcelona (Espanha)	14-10-2004	97	SBA
P MARTINEZ AZCONA Antonio	Barcelona (Espanha)	24-09-2004	84	SBA
L MIDALI Silvio	Treviglio (Itália)	30-11-2004	90	ILE
P MORENO Luiz Amadeo	Niterói (Brasil)	17-11-2004	82	BBH
P MORONI Carlo	Jerusalém (Israel)	15-10-2004	89	MOR
P MOSCA Mario	Castello di Godego (Itália)	23-10-2004	92	INE
P OJCZYK Józef	Kabwe (Zâmbia)	26-10-2004	67	ZMB
P PÁZMANY Béla	Budapeste (Hungria)	25-11-2004	89	UNG
P PETERLIN Joze	Trstenik (Eslovênia)	23-10-2004	90	SLO
P PIKUTO Jan	Boleszkowice (Polónia)	22-09-2004	67	PLN
P PISCHEDDA Aurelio	Guayaquil (Equador)	21-11-2004	95	ECU
<i>Foi inspetor por 6 anos</i>				
L PLEZNIAK Antoni	Ld (Polónia)	29-10-2004	91	PLN
P PORTER John	Quito (Equador)	11-11-2004	87	ECU
P RENCKENS Rik	Hoboken (Bélgica)	23-10-2004	82	BEN
P REYES TEJERA Víctor	Montevideu (Uruguai)	06-10-2004	79	URU
<i>Foi inspetor por 12 anos</i>				
P RIGLER Andrej	Trstenik (Eslovênia)	04-10-2004	69	SLO
P RIVERA PÉREZ Guillermo P.	Medellín (Colômbia)	30-11-2004	80	COM
L RIVERO Edmundo Enrique	Medellín (Colômbia)	30-11-2004	80	COM
L ROBINO Pietro	Gênova (Itália)	13-12-2004	56	ILT
P ROSSETTI Annibale	Como (Itália)	11-11-2004	85	ILE
P SALGUERO Carlos Julio	Córdoba (Argentina)	24-09-2004	85	ACO
P SANGALLI Giovanni	Turim (Itália)	29-10-2004	82	ICP
P SANTORO Aurelio	Mar del Plata (Argentina)	22-09-2004	88	ALP
P SAULA Pedro	Bahía Blanca (Argentina)	04-05-2004	73	ABB
P SCARALE Matteo	L'Aquila (Itália)	08-10-2004	84	IAD
P SOLCIA Emilio	Sesto San Giovanni (Itália)	12-10-2004	67	ILE
P SOUDAY Louis	Bayeux (França)	10-10-2004	61	FRA

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P SOUZA Irineu	Americana (Brasil)	28-09-2004	83	BSP
P SURIANO Agostino	Castellammare di Stabia (Itália)	30-09-2004	88	IME
P TORIANO Giuseppe	Nápoles (Itália)	30-10-2004	76	IME
P TYLAWSKYI Ivan (*)	Parma (USA)	18-10-2003	84	IRO
P VALLA Celso José	General Acha (Argentina)	08-12-2004	85	ALP
P Van der VELDEN Louis	Rotterdam (Holanda)	16-10-2004	81	OLA

(*) Falecido em 2003